

HENRIQUE MANUEL PEREIRA  
[ORG.]

*Para  
América  
Trijunpero*  
NO  
LVME NOVO





Padre  
Américo  
Trézipiero  
NO  
LVME NOVO

**PADRE AMÉRICO: FREI JUNÍPERO NO *LUME NOVO***

Organização, introdução e fixação de texto | Henrique Manuel Pereira

Capa e paginação | PEDRO CASCALHEIRA

Revisão | MARGARIDA BALDAIA

© Edição | TENACITAS-ALFORRIA

Distribuição | EDIÇÕES TENACITAS  
Rua Bartolomeu dias, 23 – 3030-041 Coimbra  
[geral@tenacitas.pt](mailto:geral@tenacitas.pt)/[www.tenacitas.pt](http://www.tenacitas.pt)

2.ª edição | Maio 2016

1.ª edição | Outubro 2015

Impressão | Papelmunde

ISBN | 978-989-8665-13-3

Depósito legal |

Este livro foi composto com os caracteres Futura e Minion Pro.

O miolo foi impresso em papel Natural 90 g e a capa em Cromo 240 g.



HENRIQUE MANUEL PEREIRA  
ORG.

Padre  
Américo  
Trizumpeto  
NO  
LUME NOVO



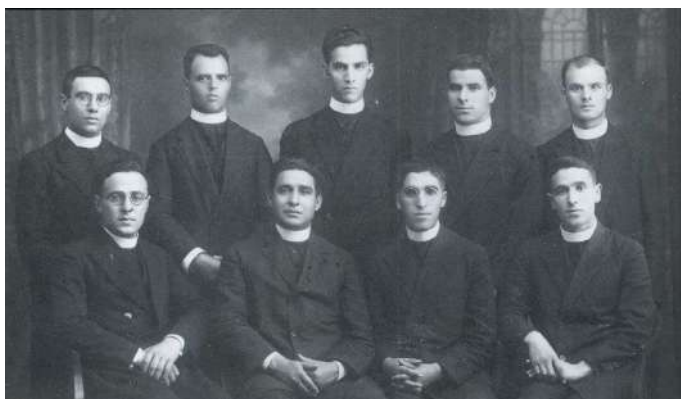






## Índice

Américo Monteiro de Aguiar: Seminário e <i>Lume Novo</i> – 90 anos <i>Henrique Manuel Pereira</i>	11
Vantagens da Gazeta	71
Estranhos costumes do Oriente	73
As pombas	75
Mulheres depreciadas	79
Um milagre	81
Mansões de paz	89
Aleluia!	101
Uma grande descoberta	103
A catequese na colónia de férias	109
S. O. S.	115
As pérolas	117
Duas palavras acerca de duas coisas	123
[Alguma coisa do que eu senti]	137
[O apóstolo do amor e da vida]	143
Uma rapsódia	153
As experiências de dois famosos viandantes	167
Das coisas e das pessoas	185
Os albinos	193
O Cantador	199
Das coisas e das pessoas	209
Das coisas e das pessoas	211
Das coisas e das pessoas	219
Notas	229
Textos de Américo Monteiro de Aguiar (Frei Junípero) publicados em <i>Lume Novo</i>	237
Anexos	
“Lu penga alira”	245
Só um dia feliz?...	251



**Padre Américo e condiscípulos, em Coimbra.**

Da esquerda para a direita: (*sentados*) Padres António Lopes Baptista, Américo Monteiro de Aguiar, Augusto Nunes Pereira, António Antunes da Cruz Gomes; (*de pé*) Miguel Domingos Ferreira, José da Costa Melo, César Roque, Artur das Neves, José Martins dos Santos Lima.

Fonte: Manuel Almeida Trindade; Gabriel de Sousa, *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991, extratexto fotográfico.

## AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR: SEMINÁRIO E *LUME NOVO* – 90 ANOS

É *tarde*. Não era tarde nem cedo; era a hora. Mas Ele não sabia, tão-pouco o repudiado. Nós não sabemos nada. As vistas de Deus Eterno acerca de cada homem não podem ser julgadas nem apreciadas pelos homens. Quem havia de dizer que, sendo *tarde*, o mal acolhido no Porto, anos depois, havia de trazer e plantar no coração da própria cidade as grandes emoções do Inédito! [...] Não era tarde, torno a dizer. Era a hora. Quando Deus chama, não vale a pena recalcitrar.  
(P.<sup>e</sup> Américo)<sup>1</sup>

Pretende este volume assinalar uma dupla circunstância: a passagem de nove décadas sobre a entrada de Américo Monteiro de Aguiar, futuro Padre Américo e fundador da Obra da Rua, no Seminário Episcopal da

<sup>1</sup> [Padre Américo], “Alguns anos depois”. *O Gaiato*, n.º 288 (12 março 1955), p. 1.

Sagrada Família, a poucos dias de completar 38 anos de idade; e a publicação do primeiro número de *Lume Novo* revista manuscrita, profusamente ilustrada, dos alunos do mesmo Seminário Maior de Coimbra, onde ele terá começado a sua carreira de escritor.

## I. Seminário

Corria o mês de julho de 1925. Américo Monteiro de Aguiar chegou a casa de seu irmão José, em São Miguel de Paredes, “desfalecido, desorientado”<sup>2</sup>, a ponto de “a sós no quarto” irromper “em copioso pranto”<sup>3</sup>. Depois de uma vida profissional e economicamente bem sucedida em Moçambique, dera entrada no convento de Santo António de Vilariño, Tuy, em outubro de 1923. Tomou hábito a 14 de agosto de 1924, com 36 anos de idade e com o nome Frei Américo de Santa Teresa. Em agosto do ano seguinte poderia professar. Sucede que vinte e um meses volvidos, “chamado pelo Guardião, este pediu-lhe para desistir, alegando que ‘não assimilava a vida monástica por ser muito impressionista’”<sup>4</sup>. Assim, “o P. Provincial, ao considerar o seu temperamento e fina sensibilidade que lhe prejudicava a saúde, já muito abalada, julgou prudente e preferível

<sup>2</sup> José Monteiro de Aguiar, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 326 (1 set. 1956), p. 2.

<sup>3</sup> A. Moreira da Rocha, “Memorial: Dois eclesiásticos. I. — O Padre Américo Monteiro de Aguiar”. *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)* n.º 1 (1972), p. 40.

<sup>4</sup> José Monteiro de Aguiar, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 326 (1 set. 1956), p. 2.



aconselhá-lo a entrar num Seminário em Portugal. A proposta fulminou-o. Ele queria professar”<sup>5</sup>. Todavia, “e apesar disso”, seu irmão, o padre José Monteiro de Aguiar, “nunca descobri[u] no seu coração o mais leve ressentimento contra os padres franciscanos de Vilarinho”<sup>6</sup>.

Terão sido nuvem escura para Américo Monteiro de Aguiar os meses do verão de 1925. “Durante este tempo fui testemunha de que antigos companheiros e amigos de África lhe batiam à porta no intuito de o convencerem a regressar a Moçambique.” Contudo, escreve o P.<sup>e</sup> A. Moreira da Rocha, então aluno no Seminário Maior do Porto, “partiam pesarosos por não conseguirem demovê-lo do seu propósito. Debalde também empresas inglesas e alemãs, estabelecidas em Moçambique, teimavam em propor-lhe privilegiada situação económica”<sup>7</sup>.

De resto, o próprio Américo o confirma em carta a Simão Correia Neves (1888-1965), seu especial amigo desde o ano de 1915, em Lourenço Marques: “Álvaro e quejandos têm vindo aqui fazer tudo para me demoverem dos meus intentos, mas as raízes já estão muito fundas e tenho a certeza de que Deus me não larga da mão porque o procurei em espírito de muita sinceridade”<sup>8</sup>. O seu modo de viver era lição. “Edificava-me — testemunha

<sup>5</sup> Rafael, Bispo de Limira, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 333 (8 dez. 1956), p. 1.

<sup>6</sup> A. Moreira da Rocha, “Memorial: Dois eclesiásticos. I. — O Padre Américo Monteiro de Aguiar”. *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)*, n.º 1 (1972), p. 40.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>8</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 426 (9 jul. 1960), p. 1.

A. Moreira da Rocha — a sua inabalável confiança em Deus e a esperança firme de que tudo Ele havia de encaminhar o melhor possível para a realização do seu ideal sacerdotal”<sup>9</sup>. E, facto curioso mas não insólito na vida de Américo, “durante esses três meses, escondidamente, ia visitar com frequência uma velhinha cancerosa e um ancião asmático”<sup>10</sup>.

Depois, e em síntese, “pediu-se ao Bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, a admissão do Américo no Seminário diocesano. ‘É veleidade. Não o admito. Tenho tido desgostos e desenganos em casos semelhantes. Poupe-me esse desgosto.’ Falou-se ao Senhor Bispo de Coimbra, D. Manuel L. Coelho da Silva: ‘Que venha. Vamos a ver o que sai.’ Saiu o que saiu”<sup>11</sup>. De facto, “não era tarde nem cedo; era a hora”.

Ele mesmo, em viagem rápida, traça o mapa e nos conduz de Moçambique a Coimbra:

Eu fiz exame de primeiras letras mesmo na pontinha do derradeiro quartel do século XIX. Durante muitos

<sup>9</sup> A. Moreira da Rocha, “Memorial: Dois eclesiásticos. I. — O Padre Américo Monteiro de Aguiar”. *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)* n.º 1 (1972), p. 40.

<sup>10</sup> O texto continua: “Tendo sabido estar o pobre *Antero do Cruzeiro* desprovido de roupa para se embrulhar de noite, pois não conseguia dormir por causa da asma que o afligia, foi dar-lhe, muito em segredo, um pano de alto preço, trazido de África noutros tempos”. *Ibidem*, p. 40.

<sup>11</sup> José Monteiro de Aguiar, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 326 (1 set. 1956), p. 2.

anos, ocupei-me a ver terras e gentes. A seguir aninhei-me num convento, onde aprendi um tudo-nada de latim. Quando me propunha ficar, os frades deram-me carta de marcha. Bati à porta do então Bispo do Porto. ‘Que não; já era velho e vinha do mundo.’ Fiquei no de Coimbra, onde os cónegos mai-los doutores da Igreja me deixaram passar com pena dos meus anos.<sup>12</sup>

Pelo *Livro de Termo de Matrículas*, registo n.º 262, de 1925, Américo foi admitido em 3 de outubro de 1925, como aluno interno pensionista. Outras vezes, por excesso de humildade, há de ele insistir na benevolência dos professores para consigo. Manuel de Almeida Trindade, seu antigo aluno de Português e afilhado de crisma, futuro bispo, debruçou-se sobre as suas classificações académicas, concluindo que “em todos os exames o Américo revelou-se sempre um aluno acima da média. Raras vezes se encontram nas atas de exames notas superiores às suas. No seu curso houve apenas um percalço: foi o do exame do 2.º ano de Canto gregoriano em que ficou *adiado*”<sup>13</sup>, por força de uma *gata*<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> [Padre Américo], “Esclarecimento”. *O Gaiato*, n.º 17 (15 out. 1944), p. 2, col. 1.

<sup>13</sup> Manuel Almeida Trindade, “O Padre Américo dos Gaiatos”. In Manuel Almeida Trindade; Gabriel de Sousa, *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991, pp. 146-147.

<sup>14</sup> Não obstante, pedindo certo dia um Rádio, “a modos que estou com vergonha de o fazer, porque ele é também para mim. É mesmo muito para mim, embora os Rapazes aproveitem”, confessa: “Gosto loucamente de Música. Os meus Mestres do Seminário de Coimbra deram-me uma *gata* a cantochão, mas não me tiraram o ouvido nem

Certo dia, o P.<sup>e</sup> Alírio Gomes de Melo, então professor de Filosofia, “passou-lhes um exercício escrito”. E, recorda Euclides de Oliveira Morais, então contemporâneo de Américo no Seminário de Coimbra:

Versou sobre o hilemorfismo.

Falando comigo, disse-me: “O do Américo é sem dúvida, o melhor. Nem admira, dadas as circunstâncias da sua posição social... Que lhe parece da vinda dele?”

Encolhi os ombros, pois nunca havia penetrado em tal mistério.

E ele voltou-me: “Para mim foi a dor que o trouxe.”

Contacto íntimo com a sua alma? Maneira de escrever?, de tratar os assuntos na aula? Não sei.<sup>15</sup>

Comecemos pelo início, outubro de 1925, segundo o fio da memória do mesmo Euclides de Oliveira Morais:

Estava eu na Prefeitura da 2.<sup>a</sup>, dedicada a S.<sup>to</sup> António de Lisboa, quando, certo dia do princípio de Novembro, o Sr. Bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva me aparece à porta do quarto com um Senhor bem posto, dizendo: “Aqui tem o Sr. Américo de Aguiar. Vem frequentar o Seminário e para a sua Prefeitura; mas fica ali num dos quartos da 1.<sup>a</sup>. Quando se dirigir a si é preciso atendê-lo.”

o gosto.” [Padre Américo], “Um pedido”. *O Gaiato*, n.º 9 (25 jun. 1944), p. 3.

<sup>15</sup> Euclides Morais acrescenta: “Quis esclarecer o assunto com aquele sacerdote, mas ele de nada se recorda já.” “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, n.º 388 (24 jan. 1959), p. 1.

E voltando-se para ele: “Este é o seu Prefeito. Quando necessitar de alguma coisa vem aqui pedir licença.”

Deu-me o Anel a beijar e a ele — e deixou-nos sós.

Era de poucas palavras o Sr. Bispo. Ninguém o estranhava; nem à firmeza e energia com que as dizia. O Américo também não, que eram quase conterrâneos e conhecidos, pelo menos de vista, da cidade do Porto.

Acompanhei o Américo ao seu quarto que era na fachada poente (n.º 14 ou 16?), tendo de atravessar o coro da Igreja a fim de passar de uma para a outra Prefeitura. Demos com o Cónego Dr. Liberato do Nascimento Tomé, professor do Seminário de Coimbra embora natural de Lamego, ao chegar ao corredor da 1.ª Prefeitura. Ele logo quis saber quem era e o que fazia o Américo, mas este guardou silêncio e fui eu que dei o recado. Logo o Dr. Liberato mete conversa em inglês. O Américo, com a maior das naturalidades foi respondendo. Passado tempo, me dizia o Dr. Liberato: “o nosso homem sabe da poda!”

Mais tarde o Sr. D. Manuel Coelho da Silva chamou-me e confidenciou: “Veio dos Rev.ºs Padres Franciscanos, por tendências para coisas místicas, o que pouco se coadunava com o teor da vida deles. Isto para seu governo!” (É a primeira vez que esta confidência sai da minha boca e já lá vão cerca de 35 anos!)

Por algum tempo andei a aprender inglês com ele. Bom mestre, muito paciente comigo e sempre bem disposto, apesar dos meus esquecimentos. Depois desisti, que o meu serviço era na Secretaria Episcopal, nem sempre podia estar às horas marcadas e ele perdia tempo.

Mais tarde, quando me encontrava, repetia invariavelmente estas palavras naquela voz descansada e meia presa que todos lhe conhecemos: “O meu Prefeito! Quando o Sr. D. Manuel Luís Coelho da Silva me foi apresentar a ele, olhei-o de alto a baixo e disse para comigo: — Até nisto Deus me quer humilhar! O meu chefe era um escocês, alto e forte, de barbas bem tratadas... E agora é um padre baixito, franzino, de tez morena!”

Repetiu-mo a última vez no mês de Setembro antes de morrer, quando me foi visitar e às Senhoras da Quinta de Coura em Paredes do Douro, onde eu estava passando as minhas férias.”<sup>16</sup>

Manuel Rodrigues da Silva Veiga, natural de Aguada de Baixo (Águeda) foi admitido no Seminário de Coimbra, como aluno interno, em 8 de setembro de 1925. Pelo livro de matrícula, registo n.º 285, contava 11 anos de idade. Eis o seu depoimento:

O Seminário de Coimbra é composto de três edifícios: um ao centro, o principal, a que chamávamos Casa Velha; outro à sua direita, a Casa Nova; e o terceiro à sua esquerda, designado por Casa Novíssima. As duas últimas construções foram feitas, salvo erro, por D. Manuel C. Bastos Pina, antecessor de D. Manuel Luís Coelho da Silva, que era o nosso Bispo quando estivemos no Seminário. Era e é, ainda assim, o Seminário

<sup>16</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 387 (10 jan. 1959), p. 1.

de Coimbra quando o Padre Américo e eu lá demos entrada, ele com 38 anos e eu com 11.

Para a Casa Novíssima iam os “bichos”, os primeiranistas, que começavam então a sua vida nova no Seminário e dormiam numa grande camarata. A Casa Nova era para os segundanistas.

O Américo, como adulto, foi colocado na prefeitura dos teólogos, julgo que na terceira. Mais tarde passou para a primeira, a qual confinava com a segunda prefeitura, ambas da Casa Velha, para onde iam os terceiranistas. E digo isto, porque me lembro perfeitamente de ouvir dizer, quando lá estive (na segunda), que o Américo tinha ali um quarto voltado para os claustros.

No refeitório ele ocupava a mesa central, juntamente com os teólogos e os finalistas de preparatórios (6.º ano). Era muito alto e sobressaía dos outros todos. Nós, os “bichos”, ficávamos na mesa logo à entrada e quando olhávamos para a mesa do centro ficávamos muito admirados por ver ali um aluno muito mais velho e mais alto do que os outros. E perguntávamos:

— Quem é aquele?

— Aquele é o Américo de Aguiar.

E logo os mais bem “informados” diziam que ele tinha estado em Moçambique; que trabalhara lá com ingleses e alemães. Até falava inglês, o que para nós era uma coisa extraordinária, visto nessa altura não se estudar inglês no Seminário. E quando se perguntava como fora parar ao Seminário, apenas se dizia que “era uma vocação tardia”.

Diziam também que visitara a Inglaterra e era muito viajado. Tudo isto, para a nossa imaginação infantil e

vindos quase todos do meio rural, constituía objeto de curiosidade e causava-nos uma admiração espantada. Era, de facto, um caso invulgar e todos o aceitavam como tal. Recordo-me até de dizerem, quando ele estava na primeira prefeitura, que tinha uma máquina de fazer café no quarto! Naquele ambiente de disciplina apertada isto afigurava-se-nos uma coisa nunca vista. Como era possível que um seminarista tivesse uma máquina de fazer café no quarto? Ninguém se escandalizava com isso, claro, pois ele era um caso invulgar e todos o aceitavam como tal, mas o facto não deixava de acentuar o ambiente de mistério que o rodeava.

Devido à diferença de idades e à circunstância de vivermos sempre em prefeituras diferentes, muito poucas palavras troquei com o Américo. As melhores informações que tenho dele recebi-as do meu cunhado, José A. de Miranda, que foi seu companheiro de prefeitura e suponho que também seu condiscípulo. Foi ele que me narrou o curioso episódio da “guerra do óculo”, que se tornou depois conhecida de todos e aprovada com satisfação geral.

Porquê a “guerra do óculo” e em que consistiu?

Todos os quartos possuíam, mais ou menos à altura dos olhos, um “óculo” ou buraco pelo qual o prefeito observava o que se passava no quarto do aluno. Todas as portas eram fechadas à chave, por fora, por um ajudante de prefeito, depois de todos recolherem aos seus quartos. As chaves eram colocadas num ferro em S, à medida que ia fechando as portas. Na manhã seguinte, o mesmo ajudante de prefeito começava pelo outro lado do S a abrir



as portas, começando pela mesma chave. De noite dizia: *Dominus vobiscum*; e o companheiro respondia do lado de dentro: *et cum spiritu tuo*. De manhã: *Benedicamus Domino*; e o companheiro respondia: *Deo gratias*.

Era este o ambiente de disciplina em que se vivia no Seminário de então, onde a frequência era muito grande nessa altura. Recordo-me de que éramos ao todo 160 seminaristas. A disciplina era necessária para manter ordem num conjunto tão grande de jovens e guardar um ambiente de recolhimento, de piedade e de vida espiritual. Discutia-se, porém, se aquele era o melhor processo de manter essa disciplina e de a tornar eficaz. Fosse como fosse, era assim que lá vivíamos.

Ora, quem conheceu o Padre Américo e o seu convívio com ingleses e alemães, e o sentido de responsabilidade pessoal e de liberdade de agir em consequência da educação inglesa, pode imaginar o efeito que este sistema educativo e disciplinar podia causar no seu espírito.

Foi assim que ele decidiu fazer a chamada “guerra do óculo” para acabar com o buraco nas portas dos quartos dos alunos e abolir a vigilância quase policial. E conseguiu-o. [...] <sup>17</sup>

J. D. P., ao tempo do seu depoimento Juiz Desembargador jubilado, era um adolescente de 14 anos de idade quando conheceu Américo Monteiro de Aguiar:

<sup>17</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 1094 (15 fev. 1986), pp. 3-4.

Foi em princípios de Outubro de 1925, logo no início do ano letivo. O “Senhor Américo”, como nós os miúdos o tratávamos, chamou logo a atenção de todos — não porque fizesse por dar nas vistas, mas pelo facto de todos nós entrarmos no Seminário ainda crianças e ele ser um homem feito, já a ultrapassar, no dizer de Dante, “o meio do caminho da vida”, e, além disso, porque o seu comportamento e mentalidade saíam dos moldes habituais do comportamento e mentalidade dos seminaristas e dos próprios padres dessa época. Assim, ao passo que, nas horas de estudo, cada um tinha a estrita obrigação (que cumpria rigorosamente) de se manter no seu quarto, ele, com uma liberdade de movimentos muito sua, passeava largas horas, só, silencioso, recolhido, no recreio da “segunda prefeitura”. Além deste comportamento, que me levava, ao avistá-lo do meu quarto, a dizer com os meus botões: — “Mas este homem não estuda?” — havia pequenas circunstâncias em que revelava uma mentalidade própria. Por exemplo, quando havia uma festa, depois das canções e dos “discursos” habituais, sempre em tom de “edificação”, solenes, quase litúrgicos, acontecia pedirem ao “Senhor Américo”, como também lhe chamavam os próprios padres, umas palavras ditadas pela sua experiência de quem palmilhara as Sete Partidas do Mundo. Sem procurar fazer estilo, a palavra saía-lhe fluente (embora emperrasse um tudo-nada em certas sílabas, sem chegar a ser gago — o que emprestava à sua fala uma certa graça), sem procurar fazer estilo, repito, a palavra espontânea e num tom de singela sinceridade que logo cativava todo o auditório, nomeadamente o dos

mais novos porque, na idade em que tanto se apreciavam as “histórias”, sabíamos que íamos ouvir mais uma e, além disso, com o encanto do exotismo de terras distantes: Contava que, ao encerrar-se certa festa de estudantes ingleses ou de língua inglesa, depois de cada um proferir algumas palavras, poucas, de louvor à Mãe do Senhor diante da sua imagem anichada numa gruta a imitar a de Lourdes, todos em uníssono, com o entusiasmo e a frescura da juventude, gritavam um sonoríssimo “hurra!” em honra da Senhora. Tínhamos a sensação, depois da regularidade disciplinada, marcada a compasso, de todo o ritual da nossa “sessão solene”, de que no Salão de São Tomás de Aquino entrava o “povorello” de Assis com toda a sem-cerimónia, respeitosa mas descontraidamente, e com ele uma lufada de frescura matinal, que nos acariciava a alma. Notei, desde a primeira hora, no “Senhor Américo”, um franciscanismo de encanto, simplicidade e ternura que tudo transformava, muito naturalmente, em flores e a vida num jardim em que apetecia viver. [...] <sup>18</sup>

Antes de avançarmos, importará, desde já, guardar esta aproximação a Francisco de Assis. Luciano Pereira de Carvalho, mais tarde Prior no concelho de Pampilhosa da Serra e no de Condeixa, foi também companheiro de Américo no Seminário e dele guardou memória impressionante. Partilhou-a, ficando registada em três números sucessivos do jornal *O Gaiato*, na rubrica “Facetas de

<sup>18</sup> “Facetas duma vida: O meu último encontro com o Padre Américo”. *O Gaiato*, n.º 1106 (2 ago. 1986), p. 3.

uma vida”, coordenada pelo Padre Carlos Galamba. Com pureza e sabor a fonte, quase não admite retalho:

#### 1.º AQUELE FIDALGO

Lembra-me como se fosse hoje. Estava nos últimos anos de preparatórios. Íamos a sair de passeio. Olhávamos com curiosidade aquele fidalgo que nos fora dado por companheiro.

Não tinha ainda a indumentária de seminarista e, por isso, envergava as suas roupas claras e principalmente aquela gabardine “cegava-nos”. Não parecia à vontade, por assim trajar, pois há pouco despira o burel franciscano. Mas que bem lhe ficava aquela roupa! Era homem, como ele dizia mais tarde, a rir, que sabia pisar alcatifas.

No passeio havíamos de conhecer o fidalgo... Porém, à saída, logo é procurado por alguns amigos, seus antigos companheiros de África — soubemo-lo mais tarde. E nunca mais o vimos à civil.

#### 2.º – O CONFIDENTE

Tinha idade para ser nosso pai mas ganhámos-lhe todos tal amizade que, em breve, nos tratávamos por tu.

Nos recreios, ambicionávamos estar junto dele. A sua experiência ensinava-nos tanta coisa... Não desprezava ninguém. O seu coração para todos estava aberto.

Lembra-me duma aula de Teologia em que nem o Professor me compreendia nem eu compreendia o Professor. Esperava ser chamado a certa lição e gastei, a preparar-me, nove horas. Podia sabê-la de cor. Afinal não saímos da epígrafe!

O condiscípulo Américo, à saída da aula, puxa-me e vê as lágrimas de desespero, caindo em grossas gotas, dos meus olhos de vinte anos. Arrasta-me ao seu quarto na “Casa nova”, ouve a minha história, limpa-me o pranto, fala com o Professor... e tudo mudou.

Sobre a palavra “chatice” e contra ela, prevenia-nos de que já tinha aparado lágrimas amargas a um que a usava muito. Pelo que se vê, sabia e gostava de aparar lágrimas.

### 3.º – O COMPANHEIRO

Na colónia de férias de Buarcos, o Américo era a alma das nossas diversões. Aquelas fotografias são preciosas.

Dum passeio às docas da Figueira, regressávamos a Buarcos numa traineira. O Gaspar (Professor José Maria Gaspar) teimou arrojadamente ir no ‘dóri’. Nessa viagem tornou-se mais branco... Estava à carga um barco inglês e dissemos ao Américo: “fala para eles”. Não se fez rogado e dizia depois: “eles, a falar inglês, são como os nossos provincianos a falar português.” E acrescentava modestamente: “falo e escrevo mais à vontade o inglês que o português.”

Por esses tempos, ainda pouco se falava em telefonia.

O Sr. Cónego Tomás F. Pinto tinha pois ao nosso dispor uma grafonola. Ora, numa tarde em que girava um disco com uma valsa, Américo agarra uma enxada, faz dela o seu par e dançou com tal primor, que nós todos ficámos suspensos de admiração.

Foi com ele que aprendi a palavra ‘pitéu’; foi feita por ele a primeira salada de tomate que comi; e com ele é que aqueles púcaros de esmalte que serviam à água, vinho,

café, etc., ficaram consagrados com o nome ‘adómnias’ — para tudo...<sup>19</sup>

#### 4.º – VIDA INTERIOR

O Américo era homem que meditava. Teve sempre aquele jeito mesmo antes de abandonar o mundo. Estão-me a lembrar cabazes de violetas que ofereceu às freiras, à passagem pela Madeira. Fazia-lhe ‘espécie’ aquela alegria das raparigas que viviam tão afastadas dos divertimentos ruidosos da nave e riam como crianças. Gostava também de contar, porque muito o impressionara, o encontro com um sacerdote a quem se dirigiu e por acaso se espalhou em comentários às comodidades e belezas materiais de certa estância de águas... E perguntava a si mesmo: “porque é que, sendo ele padre, não fala só de Deus, das almas?... Leu?” E ficava triste pois se convencia de que o homem não vivia o seu Sacerdócio.

Vi-o em 1928, após a Conferência do Padre Mateo sobre o Inferno, no Salão de S. Tomás, ajoelhado diante do Santíssimo, com as mãos a cobrir a cara e a chorar convulsivamente. Acompanhei-o imensas vezes na Via Sacra. Observei-o a meditar com certo padre, já velhinho, que estava em concerto... Não se pense que só sabia as obras de Misericórdia Corporais ou que a sua Caridade acabava no pobre; não. Subia mais alto... Àquele que disse: “A mim o fizestes”! [...]

<sup>19</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 399 (27 jun. 1959), pp. 1, 4.

### 5.º – O MESTRE

Os discursos do Américo nunca os achávamos longos. Havia tal silêncio, embevecimento, quando ele falava ou escrevia, que não se podia fazer festa em que o Américo não botasse fala.

Não me esquece o Carnaval em que fiquei com outro condiscípulo guardando o malogrado P. Costa Borges. O que me custou mais, foi privar-me de ouvir o discurso do Américo.

Ficaram-me gravadas algumas frases dele, como: ‘O galopar tempestuoso das enormes locomotivas ao chegar ao Cabo’, ‘glorious morning’ (gloriosa, esplêndida manhã)..., ‘momento de eternidade...’

Lembra-me também com frequência a descrição que nos fazia do trágico afundamento do Titanic e, principalmente, das circunstâncias em que teve conhecimento dessa tragédia. Viajava de barco no Mediterrâneo, quando receberam o S. O. S. do Titanic. Após a perda do transatlântico, a orquestra de bordo tocou o ‘Mais perto de vós, meu Deus, mais perto de vós!’ que todos ouviram de joelhos e olhos cheios de lágrimas. Só ele o sabia contar de modo a fazer-nos chorar.<sup>20</sup>

### 6.º – O ANIMADOR

— Estávamos em Buarcos quando, em 1928, faltavam justamente trinta anos para a celebração do centenário da fundação do Seminário de Coimbra. Falei nisso ao Américo, que imediatamente me obrigou a preparar um

<sup>20</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 400 (11 jul. 1959), p. 2.

brinde (com um ‘ad omnia’) para comemorar o facto... Ele é que me deu a primeira frase — ‘os mortos mandam’ — do tribuno espanhol. É claro que se tinha de falar no Santo D. Miguel da Anunciação... O nosso humilde contributo.

— Quando recebi o Subdiaconado, ofereceu-me os dois volumes do ‘Berthier’ com a dedicatória: “... Como sinal de reconhecimento pela lembrança que me não deu etc.”. E no fim a célebre assinatura: “P.<sup>e</sup> Américo!”<sup>21</sup>

Outro contemporâneo de Américo, José Ribeiro da Costa, futuro padre de São Lourenço do Bairro, diocese de Aveiro, recorda:

O Américo habitou o 3.º quarto a contar da travessa norte para a do meio, no corredor da 3.ª Prefeitura. No quarto vizinho, o 2.º morava eu:

Todos os dias no fim da refeição do meio-dia lá ia ele para o quarto fazer o seu cafezinho, que nunca dispensou. E, batendo na parede, anunciava ao vizinho que viesse tomar também.

Estava autorizado a isso e utilizava uma pequena máquina a álcool para o fazer.

\*

Tinha tido uma educação inteiramente livre que mal se coadunava com certos princípios da disciplina do Seminário. O que para outros era fácil, porque o faziam desde crianças, a ele tocava-o na sensibilidade — e sofria!

<sup>21</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 401 (25 jul. 1959), p. 2.



Uma vez, o Prefeito Padre Augusto da Silva Campos Neves deu certa ordem. Ao Américo custou-lhe tanto, que cobriu a cabeça e o rosto com a capa e foi assim cumprir. Não consegui averiguar do que se tratava.

Compreende-se melhor, assim, os princípios que adotou para base da educação da pequenada nas suas Aldeias.

\*

Amigo de todos, vivia muito na intimidade do Padre Cruz Gomes, ligado por afinidades de espírito.

Alguns não o consideravam e tinham-no como suspeito. A maior parte, porém, considerava-o um homem superior. [...]

Pouco se lhe dava com o vestuário. Não era desleixoso nem falta de educação, pois trazia outros hábitos do século; mas espírito de pobreza, pois dizia: “Os Pobres ainda têm menos”.<sup>22</sup>

Silvestre Dias Gouveia, apontado entre os mais íntimos companheiros de Padre Américo no Seminário<sup>23</sup>, futuro padre de Assafarge, Coimbra, depõe:

<sup>22</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 391 (7 mar. 1959), pp. 1, 5.

<sup>23</sup> Assim o afirmou o falecido Padre Augusto Nunes Pereira, pelo ano de 1959, sendo prior de São Bartolomeu de Coimbra: “Amigo de todos, havia contudo um grupo de condiscípulos por quem tinha especial estima: António Antunes da Cruz Gomes, falecido sendo professor de Teologia no Seminário de Coimbra; Augusto Nunes Pereira, atual Pároco de São Bartolomeu, em Coimbra; Silvestre Dias Gouveia, Vigário da freguesia de Assafarge da Diocese de Coimbra; César Roque Pereira, que faleceu Pároco de Mouronho, concelho de

Durante o tempo de seminarista vivemos em Prefeituras diferentes. Era quase só o contacto do corredor das aulas ou dalgum recreio em comum e das colónias de férias dos seminaristas. Mas, apesar disso, devido àquele poderoso dom de simpatia, que todos lhe conhecemos, a influência de Américo fez-se logo sentir em mim, como em tantos outros, que testemunhem o mesmo. Era para nós um polo de atração. Modificou costumes. Reformou hábitos. Tinha sobre mim e outros uma autoridade que ele não impunha mas nós aceitávamos. O seu exemplo era lição.

Especialmente aquela sua jovialidade, bom humor e... piedade — amor dos pobres, da eucaristia e da oração silenciosa, foram algo de novo.<sup>24</sup>

O cuidado de Américo pela formação dos seus companheiros, “quase todos muito mais jovens”, releva das memórias de quem com ele viveu no Seminário. Assim, por exemplo, Padre Eugénio Martins:

Ele (o Américo) tinha a preocupação da perfeição em grau superior ao comum, talvez como todos os convertidos, e reparava nas mínimas coisas, que não deixava passar em vão. Muito hábil para lidar com os homens, quase instintivamente lhe acudiam meios de os conduzir. Entre eles a alegria e boa disposição. Nisto era mestre consumado.<sup>25</sup>

Tábua; Raul Mira, atual Reitor do Seminário de Quelimane; e outros.” Cf. “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 389 (7 fev. 1959), p. 1.

<sup>24</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 395 (2 maio 1959), p. 1.

<sup>25</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 390 (21 fev. 1959), p. 1.

Augusto Nunes Pereira, de quem adiante nos ocuparemos de forma mais circunstanciada, recorda que “o seu amor à Santa Eucaristia era tal, que não se conformava com o regulamento de Sexta-Feira Santa proibindo a Sagrada Comunhão. Duma vez insistiu tanto que lhe ministraram naquele dia”<sup>26</sup>. Dito isto, Carlos Galamba compreende melhor “a grande alegria” que Pai Américo “experimentou, quando da Reforma Litúrgica do Tríduo Pascal que restabeleceu a Comunhão dos Fiéis na cerimónia da tarde de Sexta-Feira Maior”<sup>27</sup>. No quadro da sua vida de piedade importará aditar o testemunho do padre Euclides Moraes:

Confessava-se muito amiúde. Algumas vezes chegou ao pé de mim para que o confessasse. Alguns sacerdotes não o haviam querido atender, alegando que era santo, o que muito o incomodava — dizia. E, de facto, vinha sempre visivelmente triste quando isso lhe acontecia.

No Seminário procurava o Senhor Bispo D. António Antunes, ou o Senhor Cónego Júlio António dos Santos. Na falta deles, ia ao primeiro que encontrava.<sup>28</sup>

Outro contemporâneo, “alguém que acompanhou de perto Pai Américo desde a sua preparação para o sacerdócio e ao longo dos seus primeiros quinze anos de padre”, sob o pseudónimo Lagriel, testemunha:

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 1.

Em setembro de 1927, em período de férias, saí da minha aldeia, de manhã, a pé, e dirigi-me ao Seminário de Coimbra para tratar do meu ingresso neste Seminário. Já passava da hora do almoço quando encontrei o senhor Américo, seminarista de Teologia, mas que, na ausência de ecónomo, fora já então encarregado dessa missão. Como eu não tinha almoçado nem poderia fazê-lo ali, pois ainda não era seminarista, o senhor Américo, ao saber que eu só comeria à noite quando chegasse a casa, teve pena de mim, condeu-se, saltou por cima das leis, dos regulamentos, das contas e logo ali se assaram, na cozinha, duas postas de bacalhau que comemos, regadas com azeite e acompanhadas com broa. Foi este o primeiro *flash* deste Américo que se manteve até ao fim... até ao meu fim! Simplicidade total, ausência de preconceitos, o verdadeiro amor do Próximo que salta por cima de legalismos, arrastando com todas as consequências, sem medidas do nosso mundo, nem requerimentos, nem licenças, tudo em linha reta.

No ano letivo de 1927-1928, era o senhor Américo ajudante de prefeito na Casa nova (um dos edifícios do Seminário) onde eu estava como seminarista. Ele era o nosso pai. Tínhamos com ele a mesma confiança, o mesmo à-vontade. Foram dois anos lá. Eu recordo-os bem, com memória de velho... melhor para o passado longínquo. Claro que é uma avalanche sem nexo, factos e sentimentos confundidos.

O nosso “ajudante”, já quarentão, sempre risonho, de braços largamente abertos, rindo por vezes livremente, já com o seu jeito de meditação inclinada, não usava

calças mas apenas a sotaina, as sandálias, a capa eclesiástica, a cabeça descoberta. Nós estudávamos latim e outras matérias; ele, a sua Teologia. Nós éramos uns gaiatos travessos, curiosos. Por isso, confiadamente, lhe levantávamos a sotaina para ver se era verdade que não trazia calças. Era mesmo. Dizia-se também que, por vezes, usava cilício, um cordão com nós sobre a carne; e que se penitenciava, se chicoteava, antes de se deitar. Nunca pudemos comprovar esta parte. Éramos tão infantis! Mais tarde, porém, eu tive a certeza de que o padre Américo lutou contra o estímulo da carne que já atormentara o Apóstolo S. Paulo.

Embora, por instantes, caísse em profunda meditação que até se manifestava em contrações do seu rosto corado, o senhor Américo era de uma alegria esfuziante.

O senhor Dr. Trindade Salgueiro, futuro Arcebispo de Mitilene e de Évora, seu professor e defensor, chamava-lhe o “Passarinho”. E era mesmo.

Não havia ali sombra de fingimento. Era natural, tudo lhe vinha de dentro. Sempre pronto a amar toda a gente. A todos.<sup>29</sup>

Quando os seminaristas estavam doentes, ele era médico, enfermeiro, pai mais que afável e caridoso. Claro, como se disse atrás, não era inclinado a cálculos, a contas. Por vezes fazia-nos ficar na cama com uma gripeca... Uns adoravam, outros refilavam e alguns abusavam.

<sup>29</sup> “Facetas duma vida: Recordações”. *O Gaiato*, n.º 1044 (17 março 1984), p. 3.

O senhor Américo era tão zelador do conforto dos doentes, alguns por manha, que até conservo uma recordação penosa. Ele obrigou-me a mim, de raça pequena, a alombar com pesadíssimos tabuleiros carregados de pratos, panelas e travessas, tudo a abarrotar de comida para os tais doentes. Eu até chorava, porque os braços fracos não aguentavam, doíam, e as mãos quase deixavam cair tudo...

Como o senhor Américo tinha dinheiro seu, conservava no seu quarto bela fruta. Evidentemente que quem comia a maior parte dela éramos nós.

Até roubávamos...

Mas não era sem contrariedades a sua alegria, para além de ter que viver as nossas travessuras e a nossa dedicação filial. Por exemplo, o nosso prefeito, de quem ele era ajudante, enlouqueceu. Oh! como o senhor Américo sofreu até que esse pobre foi levado para o Telhal! Um dia, este infeliz atirou seu barrete eclesiástico para a cerca do Seminário. Depois, em altos gritos e ameaças, culpou o senhor Américo de o ter feito. E bateu-lhe.

De outra vez, como era moda, obrigou-o a ir comprar umas botas com sola de borracha virgem, como se dizia então, uma sola branca em calçado preto, e forçou-o a mostrá-las a todos os alunos da prefeitura, indo de quarto em quarto. O nosso ajudante era a paciência personificada, a simplicidade total, livre de qualquer assomo de vaidade ou orgulho. Usava cabelo curto e comia como qualquer outro seminarista. Lembro-me de que comia, com gosto particular, peixe cozido com

arroz, um peixe grosso cujo nome não sou capaz de lembrar, talvez por nunca o saber. Gostava de sopa, de uma boa chávena de café. Não tinha nenhum dos carismas dos santos tradicionais. Não era sorumbático, não andava sempre a rezar, não tinha posições de penitente, não lançava tiradas místicas nas suas falas ou pregações. Defendia com calor vivo os Fracos, já então os Pobres, e insurgia-se contra os falsos profetas. Se insurgia!

Quando ele já era padre, há anos, todo lançado na sua missão do Evangelho puro, eu, em Coimbra, ouvia falar do santo padre Mateo, do santo padre Cruz, do santo cônego Nogueira, mas nunca do santo padre Américo. E não ouço falar da sua canonização... Ou será que tudo isso nunca chegou aos meus olhos ou aos meus ouvidos?! É possível.

Deixemos porém as divagações e voltemos aos sofrimentos do senhor Américo. [...] <sup>30</sup>

Em muitas circunstâncias o padre Américo sofreu as inclemências dos seus padres. Alguns não compreenderam a sua vocação, a sua missão, a sua obra. Eram rigoristas, tudo viam pelo cálculo, pela fachada bem ordenada e disciplinada. Lembro-me de casos tristes que nem é bom lembrar. [...] <sup>31</sup>

<sup>30</sup> “Facetas duma vida: Recordações”. *O Gaiato*, n.º 1045 (31 março 1984), p. 4.

<sup>31</sup> “Facetas duma vida: Recordações”. *O Gaiato*, n.º 1046 (14 abril 1984), p. 4.

Do ponto de vista cultural, que atividades havia no Seminário de Coimbra pelos finais da década de 1920? Responde o já citado Augusto Nunes Pereira:

Havia um *Círculo de Estudos*, fundado por orientação do Rev.º Dr. José Lourenço, O. P., Diretor Espiritual e Professor de Dogma. Funcionava na 3.ª Prefeitura, frente ao escritório do Prefeito, onde se organizara uma pequena biblioteca de livros mais atuais, tirados da Biblioteca Geral do Seminário.

Por proposta do Américo, iniciou-se uma série de pequenas palestras semanais pelos do seu curso e outros. Cada uma sua semana. Assunto à escolha, mas prático. E não deveria durar além de cinco minutos...<sup>32</sup>

Terá sido precisamente nesse Círculo de Estudos, de resto mais pastoral do que académico, que, de modo especial, Américo “fez bem” aos seus companheiros. Assim, por exemplo, “notando que alguns não comunicavam, disse-lhes: ‘Todos têm mais de 16 anos... Deviam, pois, tomar a sério um certo número de coisas e habituarem-se ao sentido da responsabilidade. Por exemplo: a Comunhão! As ausências da *Mesa Santa* são um sintoma triste. Para mim pedirei a Deus que me leve à *Comunhão Eterna* no dia em que tiver de ficar sem

<sup>32</sup> E acrescenta: “O Professor José Augusto de Miranda, ao tempo seminarista, conserva algumas dessas palestras. Do Américo, porém, não tem nenhuma.” “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 388 (24 jan. 1959), p. 1.



Comunhão.’ E, testemunha A. Nunes Pereira, “coisas semelhantes lhes dizia nas reuniões”<sup>33</sup>.

Também no corredor da 3.<sup>a</sup> Prefeitura, onde, recorde-se, Américo habitava, corria entre os seminaristas “uma publicação manuscrita, a ‘Folha de Oxford’, mas quase só para a risada. [...] O Américo ainda colaborou nela e chegou a datilografá-la”. Sim, porque o senhor Américo levava uma máquina de escrever para o Seminário<sup>34</sup>. Acontece, porém, que “a folha não estava no seu feitio, nem dos que mais o rodeavam — e resolveram fazer uma a sério”. Combinaram “dar cada um a sugestão do título num bocado de papel lançado secretamente numa bolsa”. Não obstante, “viu-se que resultava ainda o predomínio da galhofa. Por proposta do Américo, foi encarregado da escolha do título o Augusto Nunes Pereira, que, sob a influência da leitura de António Sardinha, sugeriu ‘Lume Novo’”<sup>35</sup>.

Todos os testemunhos que temos vindo a citar, de forma deliberadamente longa, circunscrita aos contemporâneos de Américo e ao período do Seminário de Coimbra, encontram-se publicados nas páginas de *O Gaiato*, na preciosa rubrica “Facetas de uma vida”. E, desnecessário é dizê-lo, não secámos a fonte.

<sup>33</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, n.º 389 (7 fev. 1959), p. 1.

<sup>34</sup> Cf. Ernesto Candeias Martins, em particular: *Padre Américo: O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)*. Coimbra-Castelo Branco: Alma Azul, 2004, p. 217.

<sup>35</sup> É o próprio A. Nunes Pereira quem o testemunha: “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, n.º 389 (7 fev. 1959), p. 1.

## II. *Lume Novo*

O escritor não diz só o que escreve; diz também o que é.

(Frei Junípero)

Eu também gostava de ser assim um livro aberto [...] só com duas folhas; uma em branco, aonde Deus escreve; outra escrita aonde o povo lê.

(Fr. Junípero)

Oh! como são extraordinariamente felizes os que sabem viver, deixando-se morrer aos bocadinhos!

(Fr. Junípero)

*Lume Novo* era, pois, a revista manuscrita e ilustrada dos alunos do Seminário Maior de Coimbra, cujo primeiro número traz a data de 8 de dezembro de 1926. “A princípio apresentava-se com quatro ou cinco dezenas de páginas e várias vezes no ano. Mais tarde passou a anual. Aumentou de formato<sup>[36]</sup>, melhorou a apresentação e multiplicou o número de páginas”<sup>37</sup>. Assim se

<sup>36</sup> Os treze primeiros números, por nós analisados, têm em média o formato de 23,5 x 17 cm e, via de regra, não têm indicação de página. O papel, de gramagem alta, oscila entre o branco e o linhado. A capa é brochada, com exceção para o n.º 4 que apresenta uma capa dura revestida a tecido. O n.º 6 tem badanas e é, em número de páginas, o mais extenso dos treze. Não tivemos acesso aos n.ºs 5, 10 e 12.

<sup>37</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 358 (30 nov. 1957), p. 1.

mantinha em 1957 e assim se manteve até, pelo menos, meados da década de 1960, “costumando ser lido do alto da tribuna do refeitório dos alunos”<sup>38</sup>.

*Lume Novo* sucede à *Folha de Oxford*, a qual, por sua vez, terá substituído anteriores folhas soltas, elaboradas pelos seminaristas, “algumas das quais conseguiram atingir brilho invulgar e vida duradoira”, como sejam: “a *Ordem*, *Alma Nova*, *Cronista*, *Farol*, *Lábaro*, *Juventude*, *Ecos*, *Folha*”<sup>39</sup>.

Como adiante se mostra, na página correspondente ao frontispício ou folha de rosto do primeiro número de *Lume Novo*, por baixo do título, e como que a justificá-lo, pode ler-se:

Não é de pão que o homem vive apenas,  
vive também de luz.

Ó Padre-Nosso, com o pão de cada dia,  
Dai-nos a luz de cada noite,

— Amen, Jesus!

António Sardinha.

Recorde-se que por proposta de Américo, e segundo testemunho do próprio Augusto Nunes Pereira, este foi encarregado da escolha do título da revista que sucedeu à galhofeira *Folha de Oxford*. Não admira portanto que o texto à laia de Editorial do primeiro número tenha por assinatura as iniciais A. N. P.:

<sup>38</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 358 (30 nov. 1957), p. 1.

<sup>39</sup> Segundo testemunho do então cônego Eurico Dias Nogueira. Cf. “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 358 (30 nov. 1957), p. 1.

Porque mudaram o nome à revista? Perguntará talvez alguém, julgando haver aqui algum mistério.

A razão é óbvia. O nome ‘Folha de Oxford’ não tinha significação. Eram três palavras. Ora isto para nós não servia. Habitúamo-nos já a saber dar a razão do nosso proceder. Daí a mudança.

\*

Não é um título de espanto, não é um nome galhardo, aquele com que a nossa revista se apresenta agora em público. E, não obstante, que elevado pensamento ele encerra!

*Lume Novo* quer dizer: lume que começa a acender-se ou que de novo se acende.

É lume novo o que a dona de casa acende cada manhã no seu lar, e o da candeia que foi de azeite provida.

No sentido figurado — o que mais importa para o nosso caso, é *Lume Novo* qualquer artigo publicado nesta revista. É lume porque ilumina, instrui; é novo porque ou era desconhecido, ou se apresenta sob um aspeto novo. É lume enquanto nos afervora, nos aquece e nos anima a trabalhar; é novo porque varia e se renova com a variedade dos assuntos. É ainda lume porque provém do fósforo; e é novo porque nós sempre estamos a adquirir conhecimentos novos.

É *Lume Novo* o nosso entusiasmo de novos, os primeiros ensaios da nossa pena, os primeiros voos da nossa alma.

O lume ilumina e aquece. Que o nosso *Lume* aqueça e ilumine. Ilumine com novos conhecimentos tanto

quem lê como quem escreve. Aqueça a todos nós em mútua união de caridade (e este número é uma vitória da união sobre os partidos).

*Lume Novo*, portanto, deve ser o nosso programa, até mesmo na ordem moral. Não há, porém, lume sem que alguma coisa se queime. Que admira, pois, se tivermos de fazer algum sacrifício para conservar sempre novo o nosso lume?

Não haja particularismos; todos unidos. As achas, quando espalhadas, não produzem luz nem calor; juntas, é grande o calor e a luz que irradiam.

A união faz a força. Mas não há verdadeira união sem caridade. A caridade é lume.<sup>40</sup>

Confrontando o Editorial com o que se diz em “Vantagens da Gazeta” — “Procuremos viver todas as horas dos dias presentes em espírito de muita alegria e muita sinceridade. Nada de animosidades nem melindres. Isso não faz sentido na vida que nos propomos”<sup>41</sup> —, não é difícil perceber a sintonia de espírito de quem os escreveu. A eles — Augusto Nunes Pereira e Américo Monteiro de Aguiar — se deve, de resto, a cofundação da gazeta *Lume Novo*.

Américo de Aguiar colaborou no *Lume Novo* entre os n.ºs 1 e 13, descrevendo a sua colaboração um arco temporal de 8 de dezembro de 1926 a junho de 1930. Assinou, quase invariavelmente, sob o pseudónimo Frei

<sup>40</sup> A. N. P., “Lume Novo”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926).

<sup>41</sup> Frei Junípero, “Vantagens da Gazeta”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926). Adiante, p. 72.

(ou Fr.) Junípero. Apenas por uma vez, e julgamos que não por acaso, firmou Américo d’Aguiar. Foi isso no texto “Mansões de Paz”, significativamente dedicado a Francisco de Assis, como se, por entre textos de humor, entretenimento interessante e pedagogia mais ou menos edificante, quisesse dizer “isto é importante, isto é sério, por isso o assino com nome próprio”. Importa porque, em síntese, se trata do homem que, como nenhum outro, soube “desprezar a vida para a viver na sua plenitude”<sup>42</sup>. Para Américo, S. Francisco “personifica o ideal cristão; é o irmão de Jesus Cristo, acessível à razão pura sem mistérios nem dogmas nem milagres, e esta é a feição da sua vida que atrai as vistas dos grandes pensadores e artistas, quando começam a indagar o porquê da vida, o segredo da existência e o enigma eterno da morte!”<sup>43</sup>. E acrescenta: “Nós, porém, sabemos mais e melhor: Conhecemos a força inexplicável da sua vida de prodígios”, qual seja:

amava primeiro que tudo e acima de tudo Deus.

Era o amor de Deus que lhe enchia a alma e, transbordando, comunicava-se tão extraordinariamente às criaturas. Era o amor sobrenatural que lhe conquistava então e conquista hoje, aquela força irresistível e transcendente que produz a veneração e o respeito de toda a gente pela sua vida sublime. Desposando a sua noiva, a Santa Pobreza, o filho de Bernardone rasga novos

<sup>42</sup> Américo d’Aguiar, “Mansões de Paz”. *Lume Novo*, n.º 2 (fev. 1927). Adiante, p. 91.

<sup>43</sup> *Ibidem*. Adiante, p. 92.

horizontes na vida; descobre um novo mundo e vê numa luz nova os pobres e os ofícios humildes.<sup>44</sup>

Dir-se-ia tratar-se de um autorretrato ou, com mais propriedade, de uma profética projeção. Como vimos, quem com ele partilhou o tempo de seminário notara “desde a primeira hora, no ‘Senhor Américo’, um franciscanismo de encanto, simplicidade e ternura que tudo transformava, muito naturalmente, em flores e a vida num jardim em que apetecia viver. [...]”<sup>45</sup>.

Este testemunho tem a autoridade de uma evidência. Com efeito, e desde há muito, “a vida de S. Francisco entusiasmava-o; era o modelo das suas aspirações”<sup>46</sup>. Atesta-o D. Rafael, Bispo de Limira, homem a quem Padre Américo ofereceu um exemplar do *Pão dos Pobres* com esta expressiva dedicatória: “Ao meu Excelentíssimo Amigo Senhor D. Rafael, que me abriu o Caminho da Luz [...]”<sup>47</sup>. Padre Manuel Mendes dedicou especial atenção não apenas ao período de que nos ocupámos mas também, de forma particularmente interessada, ao percurso vocacional de Padre Américo<sup>48</sup>. Tudo quanto a este respeito se escreva será porventura bordar em redor

<sup>44</sup> *Ibidem*. Adiante, p. 93.

<sup>45</sup> J. D. P., “Facetas duma vida: O meu último encontro com o Padre Américo”. *O Gaiato*, n.º 1106 (2 ago. 1986), p. 3.

<sup>46</sup> Rafael, Bispo de Limira, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 333 (8 dez. 1956), p. 1.

<sup>47</sup> Idem, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 332 (24 nov. 1956), p. 1.

<sup>48</sup> Padre Manuel Mendes, *Padre Américo: Itinerário vocacional*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 2014. A este, com justiça, devemos aditar os trabalhos de Ernesto Candeias Martins, em particular:

ou, por outras palavras, praticar a tão costumeira investigação da paráfrase.

Não percamos, porém, o fio. *Frei Junípero* era, em *Lume Novo*, o conhecido pseudónimo do seminarista Américo de Aguiar. Ao tempo, não suscitaria dúvidas a nenhum dos seus companheiros. Em todo o caso, porque são célebres dois Juníperos na família franciscana, não se trata de Frei Junípero Serra (1713-1784) — célebre evangelizador espanhol, beatificado em 1988 e recentemente canonizado —, mas de um dos primeiros companheiros e discípulo predileto de S. Francisco, a quem se juntou em 1210.

Junípero é caso paradigmático de simplicidade extrema, “homem de profunda humildade, de grande fervor de alma e caridade”<sup>49</sup> e, porventura, o frade que mais fez rir o mundo. Tão apreciado foi pelo *Poverello* de Assis que dele terá dito: “Será bom Frade Menor aquele que, como frei Junípero, se vencer a si próprio e ao mundo”<sup>50</sup> ou “quem me dera um bosque de Juníperos!” E, na quinta parte do *Espelho de Perfeição*, descrevendo o frade perfeito, “depois de personificar uma e outra virtude em algum dos primeiros irmãos” — designadamente os frades Bernardo, Leão, Ângelo, Masseu, Gil, Rufino, João dos Louvres, Rogério, Lucílio —, diz que

*Padre Américo: O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social).* Coimbra-Castelo Branco: Alma Azul, 2004. (2.<sup>a</sup> ed. 2005).

<sup>49</sup> *Fontes Franciscanas. I. S. Francisco de Assis: Escritos, Biografias, Documentos.* 2.<sup>a</sup> edição, coordenada por Fr. Manuel Marques Novo. Braga: Editorial Franciscana, 1994, p. 1336.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 1336.



o frade menor deve ter “a paciência de Fr. Junípero, que atingiu um alto grau de perfeição, porque ele tinha plena consciência da evidente realidade da sua própria baixaza e um ardente desejo de imitar a Cristo Crucificado”<sup>51</sup>. Também Wadingo afirmou: “Ninguém haverá tão ávido de honras como ele de vitupérios”<sup>52</sup>. (Deste ponto de vista, poder-se-á estabelecer relação com a máxima “Deseja que te não conheçam nem estimem”<sup>53</sup> que Américo de Aguiar enviou ao amigo António Moreira da Rocha, em missiva de 31 de março de 1926?<sup>54</sup>) *A Vida de Frei Junípero* é um opúsculo que frequentemente acompanha as *Florinhas de S. Francisco*. Com génese na tradição oral dos irmãos durante o século XIV, pauta-se

<sup>51</sup> *Ibidem*, pp. 1118, [1334]. Também na *Legenda de Santa Clara*, Celano a propósito da morte de Santa Clara: “Consolou-a de sobremaneira a presença de Frei Junípero, notável menestrel do Senhor que costumava deitar cá para fora, acerca de Deus, palavras cheias de fogo. Clara, com grande jovialidade, perguntou-lhe se sabia alguns ditos novos a respeito do Senhor. Ele começou a falar e da sua boca saíam ditos fervorosos, quais chispas chamejantes, e a virgem de Deus encheu-se de consolação com as suas comparações.” Santa Clara de Assis, *Escritos, Biografia, Documentos*. Trad. de Frei José António Correia Pereira. Braga, 1985, pp. 167 ss. *Apud: Ibidem*, pp. [1334]-1335.

<sup>52</sup> Daniel Elcid, O. F. M., “El Hermano Junípero o la simplicidade”. In Idem, *Compañeros primitivos de San Francisco*. Madrid: BAC Popular, 1993, pp. 103-124. Em linha em: Idem, “Junípero de Asís compañero de San Francisco”. <http://www.franciscanos.org/enciclopedia/juniperoasis.htm>.

<sup>53</sup> Cf. Padre Manuel Mendes, *Padre Américo: Itinerário*, pp. 207-208, 328.

<sup>54</sup> A. Moreira da Rocha, “Memorial: Dois eclesiásticos. I. — O Padre Américo Monteiro de Aguiar”. *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)* n.º 1 (1972), p. 42.

pelas virtudes da alma franciscana e tem como tônica o humor e a graça, paredes meias com a loucura. Todavia, “é a loucura de alguém para quem só Deus é estável e firme e tudo o mais é leve e flutua”<sup>55</sup>. Tudo isto aparece a nossos olhos representado em *Francesco Giullare di dio*, filme que Roberto Rossellini realizou em 1950<sup>56</sup>. Conhecida a grata memória que Américo guardou do noviciado e seus mestres, não admira a sua eleição e homenagem ao Junípero das fontes que morreu em Roma, em 1258, e foi sepultado na igreja de Aracoeli.

Mal chega a ser necessário dizer que também a admiração de Américo por Francisco de Assis foi lição e contágio para os seus companheiros: “Os ‘Fioretti’ começaram a andar de mão em mão e os nomes de Frei Leão, de Frei Rufino e outros companheiros do *Poverello* tornaram-se familiares aos alunos, como o presépio de Greccio e o diálogo sobre a ‘perfeita alegria’ e a poesia das coisas simples que Francisco cantou no seu cântico das criaturas”<sup>57</sup>.

Foi nossa intenção recolher e fixar neste volume toda a colaboração de Américo Monteiro de Aguiar em *Lume Novo*. Tê-lo-emos conseguido? Gostaríamos de acreditar que sim e até porventura com excesso de zelo.

<sup>55</sup> *Fontes Franciscanas. I. S. Francisco de Assis: Escritos, Biografias, Documentos*. 2.<sup>a</sup> edição, p. 1334.

<sup>56</sup> Disponível, em versão integral, em: <https://www.youtube.com/watch?v=AkFP0zl1oCQ>

<sup>57</sup> Manuel Almeida Trindade, “O Padre Américo dos Gaiatos”. In Manuel Almeida Trindade; Gabriel de Sousa, *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991, p. 147.

Quando, em 1987, na passagem do primeiro centenário do seu nascimento, se prestou ruidosa e justa homenagem a Padre Américo Monteiro de Aguiar, publicámos dois contributos para a sua bibliografia<sup>58</sup>. Manifestamente incipientes, nenhum referia as publicações de P.<sup>e</sup> Américo fosse no *Lume Novo*, fosse, por exemplo, no *Correio de Coimbra*. Colmatámos essa e outras lacunas em posterior trabalho publicado em 1996/97, na revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica de Lisboa<sup>59</sup>.

Terei, então, por aquela data, tido acesso aos 13 números de *Lume Novo* em que o seminarista Américo colaborou? Em rigor, não saberei responder, uma vez que conservo memória esbatida desse período. Todavia, como poderia ter referenciado as colaborações sem acesso aos números da revista? Claro e inequívoco é que recentemente, por maio-junho de 2015, procurando os referidos números na biblioteca do Seminário Maior de Coimbra, de três não se encontrou o paradeiro. São eles o n.º 5 (fev. 1928), o n.º 10 (jun. 1929) e o n.º 12 (abril 1930).

Não conhecíamos nenhum trabalho com os mesmos objetivos bibliográficos sobre Padre Américo

<sup>58</sup> Henrique Manuel Pereira, “Bibliografia do Padre Américo”. *Atrium* (Revista do Seminário Maior do Porto), n.º 2 (1987), pp. 103-107; e Henrique Manuel Pereira; Carlos A. Moreira Azevedo, “Bibliografia do P.e Américo”. *Humanística e Teologia* (Revista da Faculdade de Teologia. Porto), n.º 3 (1987), pp. 278-285.

<sup>59</sup> Henrique Manuel S. Pereira, “Américo Monteiro de Aguiar: Para uma bibliografia”. *Lusitania Sacra*. (Revista do Centro de Estudos de História Religiosa. UCP-Lisboa). 2.ª série (8/9) (1996/97), pp. 649-680. Volume dedicado à “Problemática religiosa no Portugal contemporâneo”.

desenvolvido em data anterior aos nossos. Após isso, sem qualquer acrescento ou precisão, vimos o que titulámos por “Américo Monteiro de Aguiar: Para uma bibliografia” reproduzido em determinado trabalho académico. Depois, como é natural e desejável, terá sido útil à posterior investigação dedicada ao fundador da Obra da Rua, designadamente aos relevantes trabalhos de Ernesto Candeias Martins e, desde logo, ao seu *Padre Américo. O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)* (2004). Aqui, como expectável, se encontra uma bibliografia consideravelmente ampliada.

Sem acesso aos números 5, 10 e 12 como pudemos fixar aqui os escritos que Frei Junípero publicou nesses números?

Em janeiro de 1959, em texto não assinado, e sob o título “Facetas de uma vida”, publicado em *O Gaiato*, o Padre Carlos Galamba fazia saber que a solicitude do então cônego Eurico Nogueira proporcionara “durante largos meses, saborosos e inéditos encontros com o Seminarista Américo de Aguiar, através dos seus escritos em ‘Lume Novo’. Saborosa e reveladora descoberta de uma personalidade multifacetada, que um sacerdócio plenamente vivido na sua essência de paternidade havia de evidenciar quando soasse a hora”<sup>60</sup>.

Com efeito, nos inícios de outubro de 1957, a partir de Coimbra, o futuro bispo Eurico Dias Nogueira escrevia:

<sup>60</sup> [Padre Carlos Galamba], “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 387 (10 jan. 1959), p. 1.

Procurei na velha coleção do ‘Lume Novo’, a colaboração do saudoso Padre Américo, antigo aluno e superior deste Seminário.

Através destas crónicas, que se leem com sumo agrado, advinha-se já a ânsia de doação que, após o seu regresso definitivo a Deus, acompanhou toda a vida e norteou todos os passos do grande Herói da caridade cristã. Dá-los a conhecer aos numerosos leitores de ‘O Gaiato’ é proporcionar-lhes o inefável prazer espiritual de continuarem a ouvir o Padre Américo, como se vivo fosse, ao mesmo tempo que se contribui para um melhor conhecimento do insigne Mestre e Guia de todos nós.<sup>61</sup>

E concluía:

Aí vai pois uma boa dezena de artigos escritos por ele e geralmente assinados com o pseudónimo de *Frei Junípero*, de que usava. São dos anos de 1926 a 1930. Tive o cuidado de juntar a cada um o n.º e data do ‘Lume Novo’ em que se encontra, acrescentando-lhe por vezes pequenas notas para melhor elucidação dos leitores.<sup>62</sup>

Foi, portanto, por intermédio de *O Gaiato* que acedemos aos textos de Frei Junípero dos números 5, 10 e 12. Dali os transcrevemos, com o cuidado de conservar as aludidas notas de Eurico Dias Nogueira. Acrescentámos outras. Todavia, para evitar ares académicos e, quanto

<sup>61</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 358 (30 nov. 1957), p. 1.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 1.

possível, propiciar uma leitura próxima do original, consideramos oportuno colocar essas e outras notas não em rodapé dos textos mas no final dos mesmos, na imediata precedência dos anexos.

Persistem, contudo, duas dúvidas, sendo uma delas, na realidade, o que atrás designámos por excesso de zelo. A dúvida propriamente dita: ter-se-á perdido o texto intitulado “A piolhice nacional”, alegadamente publicado no desaparecido n.º 5 de *Lume Novo* ou faz ele parte de “Duas palavras acerca de duas coisas”, retomado em *O Gaiato*, ou ainda foi ele fundido naquele sem qualquer indicação? A análise de conteúdo do referido texto, embora não resolva a questão, parece dar-lhe fundamento<sup>63</sup>.

“Alguma coisa do que eu senti” e “O apóstolo do amor e da vida” são escritos publicados no n.º 6, comemorativo do retiro espiritual pregado pelo P.<sup>e</sup> Mateo Crawley em fevereiro daquele ano. Serão eles da autoria de Américo Monteiro de Aguiar? Não os firma Monteiro d’Aguiar nem Frei Junípero. Na verdade não apresentam qualquer assinatura. Razão pela qual os não referenciámos no citado trabalho de 1996/97. Não obstante,

<sup>63</sup> Ernesto Candeias Martins não referencia “A piolhice nacional” na colaboração assinada por Frei Junípero [Américo Monteiro de Aguiar]. (Cf. Idem, *Padre Américo. O destino de uma vida*, pp. 266-267.) Nós, porém, na dúvida *e fiéis ao elenco* de 1996/97 (Henrique Manuel S. Pereira, “Américo Monteiro de Aguiar: Para uma bibliografia”. *Lusitania Sacra*. 2.<sup>a</sup> série (8/9) (1996/97), p. 654), achámos por bem, manter aquela referência no elenco dos textos de Américo Monteiro de Aguiar (Frei Junípero) publicados em *Lume Novo* (veja-se, adiante, pp. 123-131), na esperança de que um dia alguém dirima a incerteza.

Ernesto Candeias dá-os como tendo sido escritos por Frei Junípero<sup>64</sup>. Parece-nos pouco provável que tenha chegado àquela atribuição autoral apenas pela análise de conteúdo dos textos. Dever-se-á isso a informação veiculada pelo Rev.º Nunes Pereira<sup>65</sup>?

Mateo Crawley-Boevey, apóstolo mundial do coração de Jesus, segundo a denominação de Pio XI, nasceu em Tingo, próximo de Arequipa (Peru), a 18 de novembro de 1875 e faleceu aos 84 anos de idade, a 4 de maio de 1960, em Valparaíso<sup>66</sup>. Em finais de 1927 deslocou-se a Portugal<sup>67</sup>. Proferiu várias conferências, em Lisboa, Porto, Braga, etc. Só em Coimbra terá feito três. As multidões que o seguiam eram “esmagadoras”.

Em depoimento atrás citado, Luciano de Carvalho afirma ter visto Américo, em 1928, “ajoelhado diante do Santíssimo, com as mãos a cobrir a cara e a chorar convulsivamente”, após uma conferência do Padre Mateo. No *Lume Novo*, e por conseguinte adiante, em “Uma rapsódia” (pp. 153-161), Frei Junípero afirma ter-se lembrado de um seu antigo mestre do noviciado quando dias antes ouvira o Padre Mateo falar na *stultitia crucis*. Particularmente expressiva é a carta que dirigiu a

<sup>64</sup> Cf. Ernesto Candeias Martins, *Padre Américo. O destino de uma Vida*, p. 267.

<sup>65</sup> Será talvez oportuna a leitura da nota do rodapé da página 218. Cf. *Ibidem*.

<sup>66</sup> “Fr. Mateo Crawley-Boevey, ss.cc.: Founder and Apostle of the Enthronement of the Sacred Heart”: [http://www.sccc.org/x\\_pdf/Men-Sacred-Hearts/fr-mateo-final%202007.pdf](http://www.sccc.org/x_pdf/Men-Sacred-Hearts/fr-mateo-final%202007.pdf). Consultado em 7 jan. 2014.

<sup>67</sup> Cf. Padre Manuel Mendes, *Padre Américo: Itinerário*, pp. 214-216.

seu irmão Jaime Aguiar, com data de 27 de fevereiro de 1928, narrando-lhe um “caso extraordinário”:

Padre Mateo é um sacerdote americano que anda pregando por toda a Europa, em todas as línguas. É um génio de santidade como os há nas artes, letras, armas, etc. Impossível dizer o que ele diz, como diz, e como impressiona. Deu aqui 3 conferências a intelectuais, na n/ sala nobre, que comporta 700 pessoas, sempre à cunha. À última não fui. Desejaria imenso ir. Oh, sim. Desejara. Não fui. Um sacrifício. Durante a conferência “conversei” com Deus, de joelhos. Pedi para que aqueles intelectuais vissem todos o que eu dantes não via e agora vejo. Mas pelo menos um, Senhor, disse eu. Sequer um, dos mais sábios e mais desgraçados. No final da conferência aparece um cavalheiro, Dr. X, deu-me o cartão, e o que se passou entre nós ninguém o saberá. No dia seguinte, sábado, levava-o ao quarto de Padre Mateo e no dia seguinte ainda, Domingo, na falange de 492 intelectuais que comungaram à Missa do Padre, ajudando Dr. Y e um quintanista de Direito, vi o meu herói, que no fim, às escondidas, com os olhos marejados, me agradece tamanho favor. Eis o caso.<sup>68</sup>

Foi Padre Carlos Galamba quem, uma vez mais na preciosa rubrica “Facetas de uma vida” de *O Gaiato*, deu a conhecer esta missiva. Introduzindo-a e comentando “a profunda impressão” que a passagem de P.<sup>e</sup> Mateo

<sup>68</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 496 (16 março 1963), p. 1.



por Coimbra deixara na alma de Américo, afirma: “Essa impressão foi realmente tão profunda que tantos anos depois, várias vezes lhe ouvi aludir com um entusiasmo renascido, como de quem venceu o tempo e se transportou à presença entusiasmante”<sup>69</sup>. Por tudo quanto atrás se disse — e será porventura o nosso aludido excesso de zelo —, optámos pela integração de “Alguma coisa do que eu senti” e de “O apóstolo do amor e da vida” no presente volume.

No contexto da matéria de que nos vimos ocupando, releva no jornal quinzenário da Obra da Rua a aludida rubrica “Facetas de uma vida”. Com início em 18 de agosto de 1956, com acentuadas intermitências após meados da década de 1960, foi-se prolongando até 1986, sob a clarividente coordenação do Padre Carlos Galamba e a dinâmica cumplicidade de Júlio Mendes. O que é “Facetas de uma vida”? A palavra ao seu coordenador: “uma coleção de apontamentos ou de retratos parciais, em ordem à oportuna, séria e amadurecida confeção de uma biografia intencionalmente objetiva (quero dizer: honestamente histórica) e nada mais”<sup>70</sup>. A rubrica ia saindo ao ritmo que os “apontamentos” e “retratos” iam chegando, bem como ao da disponibilidade para os tratar minimamente. Por conseguinte, “a ordenação cronológica ou sistemática dos episódios” não constituíam preocupação<sup>71</sup>.

Mal chega a ser necessário, portanto, repetir que *O Gaiato* é tesouro. O manifesto estado de degradação de

<sup>69</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 496 (16 março 1963), p. 1.

<sup>70</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 387 (10 jan. 1959), p. 1.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 1.

vários números avulsos em arquivo, bem como a dificuldade de reconstituir uma coleção ou de aceder às existentes, fizeram com que, em 2012, instássemos com a direção da Obra da Rua para que se procedesse à urgente digitalização de toda a coleção. Está(va) em causa, sem retórica nem exagero, um património e não apenas da Obra da Rua ou da Igreja, mas da cultura portuguesa.

Pelos inícios de 1986, estavam em perspetiva as celebrações do centenário do nascimento de Padre Américo, a ter lugar no ano subsequente. De entre as cinco iniciativas projetadas, com o parecer favorável da Conferência Episcopal Portuguesa, contava-se a edição do “livro *Facetas de uma vida*” já à data “em preparação”<sup>72</sup>. Volvidos cerca de 30 anos não há notícia do livro e, porventura mais grave, em 2012, a própria rubrica, estava pouco mais do que esquecida<sup>73</sup>.

<sup>72</sup> Padre Telmo, “Aniversário”. *O Gaiato*, n.º 1091 (4 jan. 1986), p. 3. Retomado em Telmo Ferraz, *Mibangas e Frutos*. Fixação do texto e organização de Henrique Manuel Pereira. Bragança: Diocese de Bragança Miranda-Casa do Gaiato, 2013, vol. 1, p. 384.

<sup>73</sup> À data, trazíamos em mãos o processo de inventariação e fixação dos textos do Padre Telmo Ferraz publicados em *O Gaiato*, tendo em vista assinalar, no ano seguinte, a efeméride dos 50 anos da Obra da Rua em Angola. Resultaram desse trabalho os dois volumes de *Mibangas e Frutos*. Em simultâneo, e de forma mais concentrada no verão daquele ano, procedemos também à identificação/inventariação de “Facetas de uma vida”, bem como à fixação dos seus textos. As cerca de 500 páginas recolhidas constituem, ainda hoje, a nossos olhos, uma imprescindível fonte de informação para uma biografia “honestamente histórica” de Padre Américo. Nesse pressuposto e perspetivando a sua publicação as entregámos à direção da Obra da Rua. Também então partilhámos o conjunto digitalizado de “Facetas de uma vida” com quantos investigadores no-las solicitaram.

De regresso aos finais do decénio de 20 do século passado, em Coimbra. Considerados no seu conjunto, e pese embora a variedade temática, os escritos de Frei Junípero, isto é, de Américo de Aguiar em *Lume Novo*, manifestam a mesma preocupação tangível e constante que atrás sublinhámos. Com efeito, “o enamorado de Deus; de Cristo no Pobre; da beleza; da sacralidade das coisas simples; da sinceridade; da alegria sem malícia — já se adivinha”, nota Carlos Galamba, “naqueles artigos desprentensiosamente formativos, que ele escrevia pensando nos seus jovens e inexperientes companheiros na subida ao Sacerdócio do Mestre”<sup>74</sup>.

Pela leitura dos testemunhos e pelo que deles se infere, a cultura e a erudição de Américo seriam por certo extensivas e rigorosas aos olhos dos seus condiscípulos. Causará, por isso, perplexidade que em 1947, sem relutância nem pudor, confesse em *O Gaiato*: “Eu cá não leio nada. Não estudo nada. Não sei nada. Tenho só um livro; é o Novo Testamento. Começo no princípio e vou por aí fora até ao fim. Torno a começar e vou, vou, até acabar. Isto durante um ano. Isto durante dois. Isto sempre”<sup>75</sup>. Seria já essa, durante o tempo de Seminário, a sua leitura tutelar e exclusiva? Isso parecem afirmar os seus contemporâneos. Assim António Rodrigues Alexandre: “Nunca o vi estudar os sermões em nenhum livro, nem tinha apontamentos, nem esquemas, nem

<sup>74</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 387 (10 jan. 1959), p. 1.

<sup>75</sup> [Padre Américo], “Incendiários”. *O Gaiato*, n.º 95 (18 out. 1947), p. 1.

fichas. Mas o que sempre observei foi que uma hora antes ninguém lhe falasse, que não atendia.” E acrescenta: “Buscava a igreja e orava diante do Santíssimo. Às vezes pegava no Evangelho durante esse tempo... Esta foi sempre a sua preparação”<sup>76</sup>. Manuel Antunes corrobora “que em estudante nenhum outro livro lhe conheceu além da Sagrada Escritura”. E que mesmo esta, “não lia! Meditava”<sup>77</sup>. Por seu lado, Augusto Nunes Pereira “adianta que o Américo leu e meditou profundamente ‘S. Vicente de Paulo’ (ficando até de lhe dar o nome do Autor e Editores do livro)”<sup>78</sup>. A eles se junta José Augusto de Miranda, outro seu contemporâneo, ao testemunhar que Américo “no Seminário não lia literatura de nenhum género. O seu livro era o Evangelho”. Não há por que duvidar destas instâncias de validação, com ressalva para *The National Geographic Magazine*, revista “que até ao fim da vida Pai Américo” terá continuado “a ler com imenso agrado”<sup>79</sup>. Os exemplares desta revista, que reputava de “esplêndida”, chegavam-lhe ao Seminário por via do seu amigo Simão Neves<sup>80</sup> e

<sup>76</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 388 (24 jan. 1959), p. 1.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>79</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 433 [15 out. 1960], p. 2.

<sup>80</sup> Veja-se o excerto de uma missiva datada do Seminário de Coimbra, 9 de outubro de 1926: “Como eu agradeço e aprecio a leitura das esplêndidas revistas que mandou e há de continuar a mandar! Como eu sou feliz em tê-lo por Amigo! Eu trato-as com muito carinho porque compreendo que estas revistas constituem um valor importante na vossa futura bibliotecazinha, para os seus filhos. Não as remeto pelo correio. Espero por si ou portador idóneo.” *Ibidem*, p. 2.

ter-lhe-ão fornecido matéria para alguns dos textos que publicou em *Lume Novo*<sup>81</sup>.

Há, contudo, indicadores — colhidos, na generalidade, das cartas trocadas com Simão Neves, tornadas públicas em *O Gaiato*, na rubrica “Facetas de uma vida” — de que Américo de Aguiar era homem atento aos dinamismos da cultura<sup>82</sup>. Se antes ainda de entrar no noviciado, em *post scriptum*, sugeria a Simão: “P. S. — Compre o

<sup>81</sup> Será o caso, por exemplo, de “Estranhos costumes do Oriente”, “As pombas”, “Mulheres depreciadas”, “Uma grande descoberta”, “As pérolas”, “Os albinos”.

<sup>82</sup> Assim, por exemplo, em novembro de 1926: “Vai por esta mala: / Um número de ‘The Universe’, jornal católico que uma tal Miss Stapleton me manda regularmente, para que V. assim possa ajuizar da vitalidade da Igreja Universal, visto como este não é o único nem o maior jornal católico que se publica em Londres. Dentro vai um artigo que rasguei doutro número, sobre a Obra Maçônica na revolta do México. / Vai a revista ‘Os estudos’. / Vai uma tese sobre o ideal cristão apresentado por um estudante de medicina, atualmente monge de S. Bento, em Espanha. O seu espírito não está em condições de assimilar a doutrina, que é toda de vida sobrenatural, ao contrário do Marden, que é naturalista. No entanto, eu desejo muito que V. leia com interesse. / Fico à espera das suas revistas. São cheias de interesse e erudição.” “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º [437] (10 dez. 1960), p. 2. Ou, de uma outra datada de Coimbra, 20-1-1927: “Vai por este um estudo de Sociologia, ‘A Ciência Social na Educação e na História’, por um Lente desta Universidade, Dr. Serras e Silva, que há tempos comprei, e no decorrer da sua leitura descobri que lhe pode ser mui útil [...]. Recomendo também o ‘Santuário da Montanha’, se ainda o não obtive. É interessante. O grande sábio foi nos seus tempos Alpinista apaixonado. Descreve os fenómenos da natureza numa linguagem rigorosamente científica e extraordinariamente acessível. Chamo a sua particular atenção para o epílogo. Se aí não há à venda, diga que lho mando. / Sobre magazines, estou esperando. [...]” “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 441 (4 fev. 1961), p. 3.

‘Deserto’ de Manuel Ribeiro e compre a ‘Cathedral’ do mesmo<sup>[83]</sup>. Note, quando li o Deserto, já estava a preparar as m/ cousas para seguir para o Convento, por isso não julgue que o meu passo, são influências do livro. *Não!*”<sup>84</sup>. Também já no Seminário, por novembro de 1926, Américo lhe escrevia: “Quando chegar aí ‘O Santuário de Montanha’, saído agora dos prelos, compre e leia. Interessa-lhe por ser obra de Gomes Teixeira<sup>[85]</sup>, sábio de reputação feita, [...] e ainda porque o autor ama muito a Deus e a Natureza e é um católico praticante. Se aí não aparecer, diga-o, que eu mando daqui.”<sup>86</sup> Pela mesma data e ao mesmo interlocutor: “Veja as biografias de Garrett, Dickens, Antero, João de Deus, e tantos outros. Como estes homens sofreram, só porque trabalharam por ser perfeitos. Sucede assim com todos. Quem quiser ser bom e reto sofre muito [...]”<sup>87</sup>. Contudo, como se disse, o Evangelho era a charneira e o horizonte das suas leituras, mesmo quando, em janeiro de 1927, citava Rousseau: “O célebre pensador francês J. J. Rousseau dizia assim: — ‘Vejo tanta injustiça na história dos homens que estou certo que as contas se saldaram depois da morte’. Disse uma verdade do Evangelho, ele que O não seguiu nem acreditou”<sup>88</sup>.

<sup>83</sup> Dois romances, respetivamente: Manuel Ribeiro, *O Deserto*. Lisboa: Liv. Guimarães, 1920; e Idem, *A Cathedral*. Lisboa: Guimarães, 1919.

<sup>84</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 414 (23 jan. 1960), p. 3.

<sup>85</sup> F.[rancisco] Gomes Teixeira, *Santuários de Montanha: Impressões de Viagem*. Lisboa: Clássica, 1926.

<sup>86</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 438 (24 dez. 1960), p. 2.

<sup>87</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 433 [15 out. 1960], p. 2.

<sup>88</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 441 (4 fev. 1961), p. 3.

No que respeita à qualidade da escrita de Américo de Aguiar há um dado curioso: ontem como hoje, a sua prosa “lembra” Eça de Queiroz<sup>89</sup>. A aproximação estilística não é descabida, tanto mais que José A. de Miranda ter-lhe-á perguntado um dia:

— Como é que o Padre Américo adquiriu esse seu estilo tão vivo, tão original, tão direto e tão enérgico?

Resposta dele:

— Lendo só Eça de Queiroz.<sup>90</sup>

Admitindo uma eventual suspeita por parte de quem nos conhece e lê, a prosa de Américo Monteiro de Aguiar, em certas passagens e textos de *Lume Novo*, lembra-nos também Guerra Junqueiro. Sucede assim, por exemplo, em “Mansões de Paz”, um pouco em parágrafos de “As experiências de dois famosos viandantes”, mas, sobretudo, no ritmo de “O cantador”. Remete-nos este último para o prefácio de Junqueiro ao livro *Versos do cantador de Setúbal*, de António Eusébio (Calafate)<sup>91</sup>. Tê-lo-á lido Américo de Aguiar? Embora possível, não é provável. Deve, contudo, notar-se que o autor de *Os Simples* retomou aquele texto em *Prosas Dispersas*<sup>92</sup>. De resto, todas

<sup>89</sup> Cf. “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 388 (24 jan. 1959), p. 1.

<sup>90</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 1094 (15 fev. 1986), p. 4.

<sup>91</sup> António Eusébio (Calafate), *Versos do cantador de Setúbal: (Reunidos, colleccionados e seguidos d’algumas palavras àcerca da vida do auctor por um seu amigo)*. Lisboa: [s.n.], 1901, pp. [VII]-X. O amigo a que se alude é Henrique das Neves.

<sup>92</sup> Guerra Junqueiro retomou o texto deste prefácio com significativos cortes e alterações em *Prosas Dispersas*. Porto: Lello & Irmão, 1921, pp. 27-33.

as aproximações a Junqueiro nos remetem para *Prosas Dispersas*, obra lançada a público em novembro em 1921. Que Américo de Aguiar a leu não restam dúvidas. Ele o declara em setembro de 1925, em extensa carta dirigida ao seu especial amigo Simão Neves. Desenvolvendo a ideia de que “esta vida terrena é simplesmente uma preparação para a eterna”, pois “assim nos ensina a razão, o bom senso e acima de tudo a fé, virtude que gera todas as outras”, Américo sugere: “Leia *Prosas Dispersas* de Guerra Junqueiro”<sup>93</sup>. Por conseguinte, por nunca o termos visto sequer sugerido, o que na leitura imediata nos pareceu conjectura insensata, embora ganhando consistência nas leituras continuadas, só na sugestão de Américo foi confirmação e motivo de festa íntima. O nível de aproximação a Junqueiro carecia de demonstração e aprofundamento consequente. Limitemo-nos, por ora, a assinalá-lo.

Mas, perguntar-se-á, o homem que fez “das lágrimas tinta de escrever”<sup>94</sup> tem lugar ou “pertence à Literatura”? Zacarias de Oliveira avança: “pertence e será conveniente, para bem das letras portuguesas, que ele tenha o seu lugar, o lugar que merece, conquistado por um domínio da frase direta, da frase que diz, escolhendo as palavras mais apropriadas, colhendo-as na fala popular, enriquecendo o léxico.”<sup>95</sup> Afirmava-se pelos inícios de 1970: “Houve já, sem dúvida, quem apontasse o Padre

<sup>93</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 425 (25 jun. 1960), p. 2.

<sup>94</sup> Padre Américo, *Pão dos Pobres*. 5.ª edição. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1986, vol. 1, p. 92.

<sup>95</sup> Zacarias de Oliveira, “O Cantador”. *Penafiel*. (*Boletim de Cultura da Câmara Municipal*), n.º 1 (1972), p. 32.



Américo como um dos maiores prosadores do seu tempo entre nós. A afirmação ficou no ar e nada se lhe seguiu: ainda não apareceu um estudo do *escritor* Padre Américo”, mais, “ainda se não esboçou sequer uma antologia literária da sua obra, por onde se aprendesse português e a amar os outros como irmãos”<sup>96</sup>.

Em torno da sua qualidade de escritor foi crescendo, pois, uma atmosfera de opinião pacífica e unânime. Todavia, tal qualidade não foi ainda minuciosamente analisada ou só marginalmente o terá sido. Tardará a aparecer quem se debruce sobre Padre Américo enquanto “Artista da palavra”<sup>97</sup>?

O anteriormente evocado José Ribeiro da Costa, companheiro de Américo no Seminário, afirma que “além das palestras no Círculo de Estudos e dos artigos de *Lume Novo* não me consta que fizesse manifestação de escritos”<sup>98</sup>. Há notícia de um artigo, talvez mesmo dois, de Américo de Aguiar, anteriores à revista dos alunos do Seminário de Coimbra. Estarão hoje irremediavelmente perdidos<sup>99</sup>. Por conseguinte, *Lume Novo* é momento seminal. Nele começam os caminhos da prosa literária de Américo Monteiro de Aguiar. No pressuposto de que “o escritor não diz só o que escreve; diz também o que é”, qualquer estudo sério de Américo (também) enquanto

<sup>96</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>97</sup> Há muito que o desafio vinha sendo feito. Mais recentemente, foi reiterado por Padre Carlos Galamba, “Prefácio”. In Ernesto Candeias Martins, *Padre Américo: O destino de uma vida*, p. 5.

<sup>98</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 391 (7 março 1959), p. 5.

<sup>99</sup> Ernesto Candeias Martins, *Padre Américo: O destino de uma vida*, p. 255 e nota 392.

escritor ou “Artista da palavra”, não poderá doravante passar à margem das primícias do *Lume Novo*. Muito além dos óbvios elementos biográficos e análises circunstanciais, em *Lume Novo* se abre um campo de conexões mais vastas que não temos possibilidades de percorrer neste momento.

Característica significativa da revista dos alunos do Seminário de Coimbra é também a ilustração através da gravura e desenho, via de regra a caneta e tinta. Na impossibilidade de um *fac-símile*, procuramos reproduzir aqui o maior número de material gráfico que acompanha os treze primeiros números de *Lume Novo*, devido, na generalidade, à pena de Augusto Nunes Pereira. Para o efeito, aqui se oferecem as capas e frontispícios a que conseguimos aceder, as capitulares que iniciam cada texto de Américo Aguiar, os desenhos que os acompanham (embora, por vezes, acrescentássemos outros, quanto possível do mesmo número), bem como a original assinatura manuscrita dos respetivos textos. Cofundador e dinamizador, como vimos, de *Lume Novo*, filho de António Nunes Pereira, escultor santeiro, e de Ana Gomes, natural de Mata de Fajão, concelho de Pampilhosa da Serra, A. Nunes Pereira foi admitido no Seminário de Coimbra em 3 de setembro de 1919 como aluno pensionista<sup>100</sup>. Tendo sido ordenado presbítero

<sup>100</sup> Consta matriculado com o n.º 106. Segundo este registo, recebeu Prima Tonsura e Menores em 18, 19 e 20 de dezembro de 1925; subdiaconado em 23 de julho de 1928; diaconado em 7 de junho de 1929; e o presbiterado em 28 de julho de 1929. Foi pároco em

juntamente com Américo Monteiro de Aguiar e José Marques Pereira<sup>101</sup>, natural seria que outro (Dario) lhe tomasse a pena e continuasse a ilustração dos números subsequentes. A. Nunes Pereira faleceu a 1 de junho de 2001. Fixar as suas ilustrações é não apenas restituí-las ao texto e formas originais. É prestar homenagem ao seu criador, humilde e notável artista que tivemos o privilégio de conhecer já como Monsenhor Nunes Pereira mas não a lucidez para o entrevistar. Em *Lume Novo* se encontram também as suas primícias artísticas.

Montemor-o-Velho, Coja e em São Bartolomeu, Coimbra, até se aposentar. Entre 1952 e 1974 foi chefe de redação do *Correio de Coimbra*, tendo-o ilustrado abundantemente. “Dirigiu o Museu de Arte Sacra do Seminário Maior de Coimbra. Colaborou no estudo de monumentos, na valorização do património arqueológico da Igreja de São Bartolomeu e investigou sobre os túmulos e o púlpito de Santa Cruz, tendo colaborado no inventário cultural de Arte Sacra da diocese de Coimbra. Fundador do Movimento Artístico de Coimbra e da Sociedade Cooperativa de Gravadores de Portugal e sócio da Sociedade Nacional de Belas Artes. Possui numerosos artigos, poemas e ilustrações em jornais, catálogos, opúsculos e monografias.” Cf. <http://aldeiasdoxisto.pt/poi/1416>; e [http://www.snpcultura.org/arquivo\\_vemos\\_ouvimos\\_e\\_lemos\\_padre\\_nunes\\_pereira.html](http://www.snpcultura.org/arquivo_vemos_ouvimos_e_lemos_padre_nunes_pereira.html). Consultado em 9 set. 2014.

Padre Américo ter-lhe-á dito: “Pode-se ser padre e artista [...]. Repara, por exemplo, em Fr. Angelico que, sem deixar de ser um bom monge foi o artista que foi”. [António de Jesus Ramos], “Padre Nunes Pereira vai ser homenageado em Fajão e em Coimbra”. *Correio de Coimbra*, n.º 2406 (7 ago. 1980), p. 4, col. 5. Citação retomada em Mário Nunes [Coord.], *Monsenhor Augusto Nunes Pereira no centenário do seu nascimento*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2008, pp. 81-82.

<sup>101</sup> Cf. “Ordenação”. *Boletim da Diocese de Coimbra*, n.º 7-12 (1 e 15 jul.-1 e 15 set. 1929), p. 66.

Manuel de Almeida Trindade formulou uma síntese eloquente do que de substancial atrás se disse:

Se o Seminário ajudou o Américo a aprofundar a sua fé e a robustecer os seus hábitos de oração e de domínio de si mesmo, o Américo pagou, com medida larga, pela influência exercida, o bem recebido. Américo de Aguiar estava na casa dos 40 anos. Trazia consigo uma experiência da vida que nenhum dos seus jovens condiscípulos ou colegas de Seminário possuía. Ele conhecia as coisas por dentro. A sua decisão de ser padre e a alegria que isso lhe dava contagiava os companheiros. Mais. Ele vinha de um ambiente evoluído; convivera em Moçambique com gente de vários quadrantes ideológicos e religiões: os ingleses, com os seus hábitos de higiene e o *fair-play* que os caracteriza, contagiaram-no também a ele.<sup>102</sup>

Depois, e em suma, foi como se sabe: o bispo do Porto arrependeu-se de o ter repudiado<sup>103</sup> e o de Coimbra deu

<sup>102</sup> Manuel Almeida Trindade, “O Padre Américo dos Gaiatos”. In Manuel Almeida Trindade; Gabriel de Sousa, *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 1991, p. 147.

<sup>103</sup> Neste sentido testemunha seu irmão, o P.<sup>e</sup> José Monteiro de Aguiar: “Mais tarde, falando-me o Bispo do Porto sobre o Américo, disse-me ‘que estava arrependido pelo não ter admitido, que tinha dele magníficas informações pelo colega de Coimbra, que este o considerava como bênção para a sua diocese’. E, como desabafo íntimo: ‘Ou cá ou lá, serve a Igreja, enfim presta serviços a Deus.’” José Monteiro de Aguiar, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 326 (1 set. 1956), p. 2.

graças pela bênção que lhe caíra na diocese<sup>104</sup>. A 28 de julho de 1929, Américo Monteiro de Aguiar é ordenado presbítero. Manuel Peixoto, podia, pois, afirmar: “Um dia feliz! Foi-o sem dúvida esse para o ‘Frei junípero’ a quem o *Lume* [Novo] deve as suas melhores páginas”<sup>105</sup>. E, homem de um só livro, Padre Américo tornou-se “incendiário”<sup>106</sup>!

*Pinheiro Manso, 9 set. 2015*

*Henrique Manuel Pereira*<sup>107</sup>

<sup>104</sup> “Da boca do mesmo Senhor Bispo”, ouviu o Padre Avelino Soares, “no Seminário de Coimbra, estas palavras, que eram já, naquela altura, um precioso testemunho: ‘Hesitei em receber este homem e afinal foi uma grande bênção de Deus que caiu sobre a minha Diocese.’” P.º Avelino Soares, “Fugido de si mesmo”. *O Tempo*. Penafiel, n.º 12 (9 jul. 1972), p. 1. Além de acolher Américo Monteiro de Aguiar no Seminário de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, “homem de uma só cara e de um só falar”, também o ordenou. Aquando da sua morte, em 1 de março de 1936, Padre Américo expressou-lhe publicamente a sua gratidão em o *Correio de Coimbra*: “Deu-me Ordens Sacras, fez-me Sacerdote: o maior de todos os títulos, para a maior de todas as gratidões.” Padre Américo, *Pão dos Pobres*. 5.ª edição. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1986, vol. 1, p. 170.

<sup>105</sup> M. P. [Manuel Peixoto], “Ordenação”. *Lume Novo*, n.º 11 (nov. de 1929). Adiante na íntegra, p. 255.

<sup>106</sup> [Padre Américo], “Incendiários”. *O Gaiato*, n.º 95 (18 out. 1947), p. 1.

<sup>107</sup> Desejo manifestar o meu grato reconhecimento às Sras. D. Maria do Rosário Almeida e Dra. Diana Fonseca; ao Sr. Cónego Aníbal Pimentel Castelhana; bem como aos Srs. Padre Pedro Alexandre dos Santos e, de modo particular, Padre Manuel Mendes. Eles conhecem a razão deste agradecimento.





N<sup>o</sup> 1







# LVME NOVO

NÃO É DE PÃO QUE O HOMEM VIVE APENAS,  
VIVE TAMBÉM DE LVZ.

Ó PADRE-NOSSO, COM O PÃO DE CADA DIA,  
DAFMOZ A LVZ DE CADA NOITE,

— AMEM, JESVS!

*António Sardinha.*

SEMINÁRIO DE COIMBRA,

8 de Dezembro de 1926. \*\*,

:DIA DA IMACVLADA CONCEIÇÃO:



## VANTAGENS DA GAZETA



ão mais do que à primeira vista parecem as vantagens e utilidade da publicação mais frequente da *Gazeta d'Oxford*.

Em primeiro lugar, a natural agitação que causa no ânimo de todos o dia da sua leitura imprime uma nota feliz e abre um parêntese simpático na vida monótona e disciplinada da comunidade.

Em segundo lugar, exercita os colaboradores na execução de pequenos trabalhos literários, obrigando-os a ser corretos na forma e interessantes na matéria.

E finalmente define-os, e este é possivelmente o lado mais interessante da questão. Os homens que fazem a história da literatura deixando nela os seus nomes também deixam o carácter nas linhas das suas obras imortais e nós, que não temos o prurido de fazer história nem de imortalizar as nossas obras, não estamos no entanto isentos do mesmo princípio. O escritor não diz só o que escreve; diz também o que é.

Por consequência colaboremos todos para o bem comum.

Procuremos viver todas as horas dos dias presentes em espírito de muita alegria e muita sinceridade. Nada de animosidades nem melindres. Isso não faz sentido na vida que nos propomos.

Todos são bem-vindos.

Aprendamos aqui dentro a não exteriorizar esses sentimentos, e assim seremos sempre e em toda a parte generosos, estimados, felizes.<sup>1</sup>

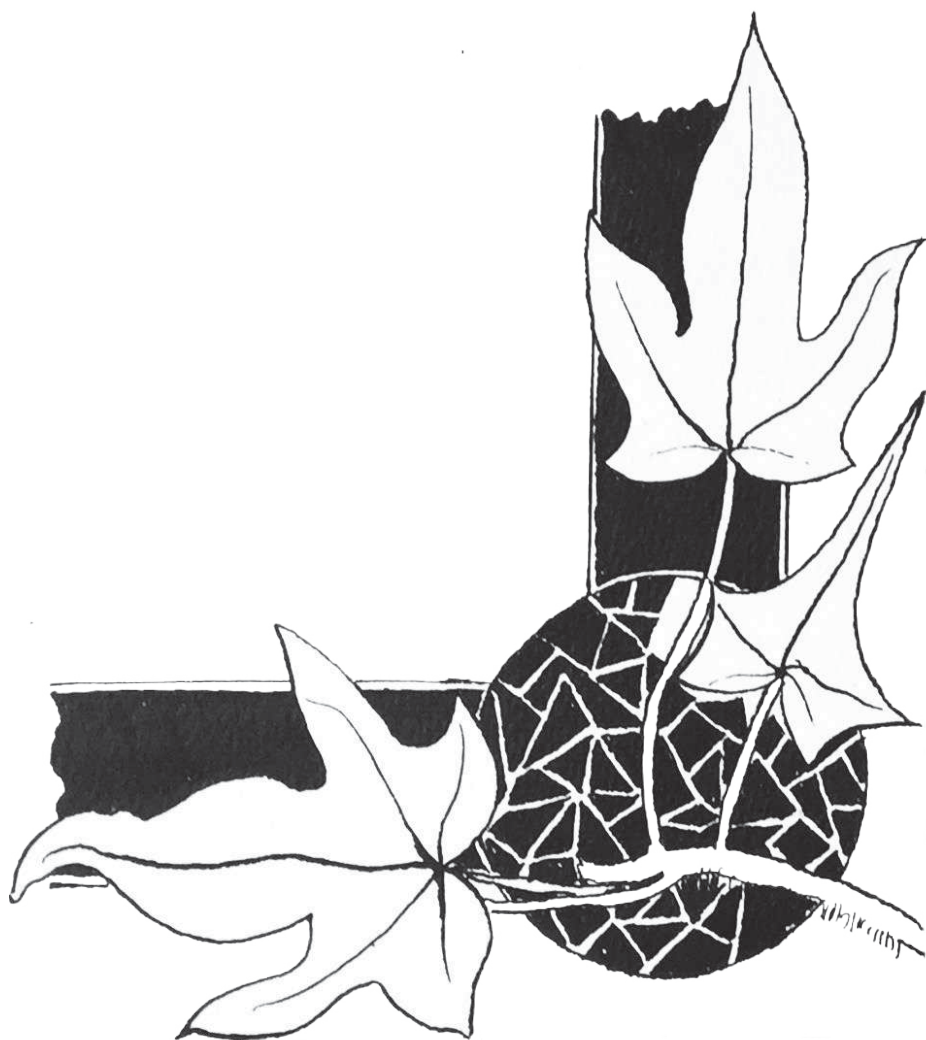
*Frei Junípero*

## ESTRANHOS COSTUMES DO ORIENTE

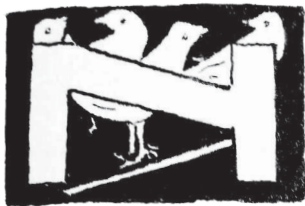


Os adoradores de fogo, que guardam a doutrina de Zoroastro, não cremam nem enterram os cadáveres dos seus mortos: deixam-nos expostos às aves e ao tempo. Na Pérsia atual não há mais de 3% de observadores desta singular religião.<sup>2</sup>

*Mr. Junipero*



## AS POMBAS



nenhuma outra ave, como a pomba, anda ligada à vida do homem por símbolos e lendas.

Como lenda interessante temos uma que corre no seio do povo árabe, a qual explica a cor das suas patas pelo facto de a pomba da Arca, ao regressar a segunda vez, trazê-las vermelhas, sinal evidente de que havia pousado em barro firme e portanto Noé podia sair sem medo. Assim aconteceu, e este orou a Deus para que aquela cor se conservasse sempre. E nenhuma outra ainda tem participado tanto na fortuna dos homens, recebendo e prestando serviços vitais, cuja história se vai buscar na origem dos séculos. Já os reis das primeiras dinastias egípcias eram grandes criadores e selecionadores de pombas, como o foi nos nossos dias a rainha Vitória de Inglaterra e é atualmente o seu neto, Jorge V, e nas grandes pugnas do Oriente, cerco de Troia e guerras dos Sarracenos contra os Cruzados, os povos bélicos usavam

já os pombos-correios, cujo costume foi então introduzido no Ocidente pelos primeiros Reis das Cruzadas.

Na Índia misteriosa dos Akbars, as cidades de Agra, Deli, Benares e Bombaim têm pombas tão sagradas como o Ganges. Ainda não há muito que um europeu ia provocando uma revolução em Bombaim por haver matado, inconscientemente, uma destas aves. A revolução foi sufocada, mas o comércio indiano fechou.

Nas cidades da Europa as pombas não são sagradas, mas prestam-lhes sem dúvida a nota mais interessante que elas podem oferecer aos viajeiros.

Quem não viu jamais as pombas de S. Marcos de Veneza, S. Paulo de Londres, S.<sup>ta</sup> Sofia de Constantinopla, sem que não haja experimentado uma sensação agradável, viva, inteiramente nova, única, de se ver coberto de pombas que com toda a graça e sem-cerimónia nos procuram nas algibeiras, mãos e boca, uma qualquer guloseima!

Estas pombas são protegidas por leis do Estado e algumas vezes objeto de largas discussões no Parlamento, como está sucedendo atualmente com as de S. Paulo de Londres, por causa da ruína que ameaçam os pórticos da catedral, em virtude da ação dos seus bicos na cal das juntas.

Os serviços prestados pelas pombas na Guerra Mundial foram de uma utilidade extrema. Muitas, de



nações europeias, foram condecoradas e os seus nomes saíam nas ordens do dia, e, se as da América o não foram, é porque as leis do Congresso só permitem que sejam condecorados seres humanos. Os americanos trouxeram 320 000 pombos, todos com nomes e números individuais.

Havia hospitais para elas, e quando alguma chegava ferida era logo conduzida ali e tratada convenientemente.

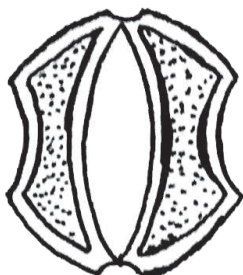
A velocidade e resistência do voo das pombas é um facto assombroso. Com uma média de um quilómetro por minuto (ou seja, a velocidade do Sud), suportam um voo de treze horas, e esta velocidade ainda é suscetível de aumento, se têm filhos a sustentar, à sua espera. Em atmosferas serenas voam alto, a perder de vista, e, com vento ou chuva, procuram os vales, sempre baixas.

É esta ave, mensageira da paz, símbolo do amor, sagrada no Oriente, cândida no Ocidente e em toda a parte interessante e útil, salvando a vida de muitos homens, esta ave, digo, é por eles ignobilmente sacrificada aos seus apetites culinários.<sup>3</sup>

FRANZ JUVÉNALE



## MULHERES DEPRECIADAS



Os Árabes têm em tão baixa conta as mulheres, suas e dos outros, que lhes negam toda a sorte de honras, privilégios ou direitos que ordinariamente são concedidos e admitidos às suas irmãs do Ocidente, e daí vem a nossa palavra “Arabesco” para significar qualquer desenho composto apenas de traços e riscos.

Jamais se viu num desenho árabe a imagem ou forma duma mulher!<sup>4</sup>

— Frei Junipero —



## UM MILAGRE



ra enjeitado. Tinham-no ido buscar à Roda, não por amor, mas por interesse, e usava ainda ao pescoço, enfiada num cordel, a medalha de chumbo com o número oficial. Os amos a quem servia, uns rendeiros sórdidos e avarentos, haviam-se proposto fazer as terras sem meter gente de fora, “por causa das soldadas altas” e o pequeno enjeitado trabalhava no campo a par deles, durante longas horas, com pesadas ferramentas.

Ainda o dia vinha longe e já o amo lhe atirava dois berros: “que já eram muito horas de sair”. O enjeitadinho apresentava-se logo, nas suas calcitas de estopa, descalço, carapuça enfiada na cabeça, procurando em vão ouvir do amo uma palavra meiga ou ver-lhe um ar de graça. À noite, a horas de ceia, davam-lhe a tigela do caldo a um canto da lareira, longe da mesa, “e que comesse depressa, que era por esmola”.

Tinha mudado tanto o pobrezinho!...

Chegara da Roda uma criança forte com toda a graça e frescura próprias da sua idade, e agora o excesso de trabalho neutralizara-lhe as forças, e o medo do amo tornara-o bisonho e triste!

O rapazio do lugar, ao passar por ele, chamava-lhe: “o sapo concho”, o “corcovado”, e o enjeitadinho mandava-lhe um olhar de profunda agonia!

Um domingo de dezembro, ao calor dum sol sem nuvens, o nosso enjeitadinho entretinha-se com uma pequena armadilha de pardais, na horta, quando o amo chega de fora e o intima rudemente a que saia com os bois para o lameiro da igreja, depois de lhe haver quebrado no corpo o inocente brinquedo. O sino da igreja tocara momentos antes, para a devoção da tarde, e o povo passava junto do lameiro nos seus fatos dominigueiros. O enjeitadinho sente desejo de ir também. Prende a soga dos bois a um castanheiro, arrisca uns passos até ao adro e, a medo, enfia a cabecita pela porta da igreja. Os bois, em baixo, ruminam silenciosos.

Ele espreita, hesita, entra e dá com os olhitos na figura veneranda do Sr. Cura, que, num sorriso de infinita bondade, abraça todos os presentes.

Um sorriso!!...

Corre para perto dele e ouve que, numa terra mui longe, havia duma vez um homem rico, poderoso, com muitos criados, que amava muito as criancinhas e não

deixava que as maltratassem, que dava o mel às abelhas, o pão aos pobrezinhos e as asas às rolas!

O enjeitado sai as portas da igreja com a cabecita cheia de ideias confusas. À noite, em casa, atiraram-lhe uma côdea para o lugar do costume “e que amanhã se fariam as contas”.

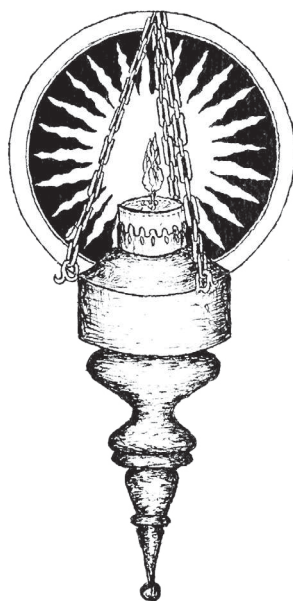
Transido de medo, cheio de fome, sobe ao palheiro aonde dormia e, na escuridão do cubículo, tão negra como a da sua vida, vislumbra a cena da igreja. Recorda o sorriso meigo e doce do Sr. Cura e o homem rico e poderoso que amava tanto as criancinhas. Num gesto longo de agonia, farto de tanto sofrer, esconde a cara com as mãozitas e cai de bruços sobre o catre, num desejo ardente de ser levado por tal homem...

Na manhã seguinte, quando o amo, irritado, abre a porta para o castigar, encontra, embrulhado nos farra-pos da manta, o cadáver do enjeitado!

No dia do enterro o Sr. Cura volta-se para a gente que o acompanhava e exclama com ar de alegria:

*Accercitus ab angelis.*<sup>5</sup>

*Sr. J. Gonçalves*





N-2



# LUME NOVO







# LUME NOVO

Nº 2

COMEMORATIVO DO  
SÉTIMO CENTENÁRIO DA  
MORTE DE  
**S. FRANCISCO DE ASSIS**

PUBLICADO NA SEMANA FRANCISCANA  
(ÚLTIMA SEMANA DE FEVEREIRO)

❖ SEMINÁRIO DE COIMBRA ❖

1927



## MANSÕES DE PAZ



Conta-nos a história que Dante, expulso da sua ridente cidade por amor de dissensões políticas, assolado pela miséria, batido pela brisa agreste da desventura, comendo durante largos anos o pão negro dos degredados, bate às portas de Verona, Pisa, Roma, Paris; ensina em Oxford e Bolonha para apagar mágoas, e, finalmente, sobraçando os primeiros sete cantos do seu imortal poema, foi dar à portaria do Convento de S.<sup>ta</sup> Cruz do Corvo; e à pergunta de fr. Hilário: “que deseja?” ele responde: “Paz!” e transpõe em silêncio o limiar da suave clausura.

### Mansões de Paz!

As sociedades monásticas são na terra a mais sublime expressão da vida divina e, como ela, indestrutíveis. Dormem nas áreas das nações, envoltos em pó e roídos da traça, os nefandos decretos que atentaram contra a unidade das suas famílias; erguem-se nas praças públicas, sobre gigantescos e artísticos pedestais de mármore,

as estátuas dos homens célebres que os mandaram executar, cobertas de verdete e indiferença; as teorias agitam-se; cruzam-se os ideais, e as paixões dos homens alteram com linhas de sangue os mapas das nações e as fortunas dos povos. Tudo isto passa e as sociedades monásticas permanecem tranquilas e imutáveis, como as essências das coisas!

#### Mansões de Paz!

Caluniados; perseguidos; espoliados do seu ninho de amor; escoraçados pela plebe, os frades deixam os seus conventos, a sua pátria e caminham em silêncio, alegres, felizes, contentes, “para outras terras a fazer penitência dos seus pecados” conforme manda a Santa Regra, com a mesma indiferença com que um grão de trigo germina, a flor morre e o sol espreita os destroços dos grandes cataclismos! Oh supremo desdém! Mas não acabam; não desaparecem! Benditos sejam os frades!

Esses conventos cheios de arte e majestade que se levantam nos lindos vales e vetustas cidades da nossa terra, cadáveres gigantescos afrontando os séculos e levantando no espaço as suas torres num suspiro de saudade e agonia, não atestam nem significam a morte universal das famílias monásticas, porque os ideais do espírito não se aniquilam facilmente; essas pesadas moles de granito são antes uma prova irrefragável da fé dos seus construtores e a marca indelével da vida dos seus

habitantes através de todas as vicissitudes. Não acabam; não desaparecem! São benditos no Senhor!

Os fundadores das Ordens Monásticas não são poetas, nem artistas, nem heróis, nem sábios, nem filósofos, nem gênios! São a síntese de tudo isto numa alma forte e poderosa que, polarizada em Deus, não se lhe dá de ser prezada, louvada, admirada; não procura honras; despreza as dignidades; perdoa as ingratidões; alma para quem a Virtude e o Bem são o fim soberano da existência, pensando sempre nos outros; vivendo para os outros e arrastando diante de si até junto de Deus, a sangrar, as misérias da humanidade inteira. Eis o Santo! São santos todos os fundadores das Ordens Monásticas! E, sendo certo que todos são grandes santos, qual a razão por que uns são mais venerados do que outros e S. Francisco mais do que todos? Porque é que ele transformou os homens e as ideias do seu século, inspirou poetas e artistas, excitou o amor, a simplicidade, a harmonia e a beleza no coração de todos e ainda hoje, sete séculos decorridos, ele é o mesmo santo extraordinário que os homens de todas as confissões religiosas e profissões sociais admiram, invocam e celebram?! O seu VII centenário, que a nossa modesta Revista hoje celebra, interessa todos os povos e estende-se a todo o mundo! Porquê?! É que nenhum homem como ele soube jamais desprezar a vida para a viver na sua plenitude. Viveu-a

amando. Mas amando o quê? Os homens; a natureza; as coisas. A simplicidade; a pureza; a humildade, a penúria.

Viveu-a cantando a luz do sol, conversando com os passarinhos, chamando irmãos aos lobos; às cotovias; às formigas e à própria morte. Ao irmão cerqueiro, recomenda instantemente que reserve sempre na cerca um pequenino canteiro para flores, e quer ver a alegria no coração de todos os frades. Ele personifica o ideal cristão; é o irmão de Jesus Cristo, acessível à razão pura sem mistérios nem dogmas nem milagres, e esta é a feição da sua vida que atrai as vistas dos grandes pensadores e artistas, quando começam a indagar o porquê da vida, o segredo da existência e o enigma eterno da morte!

Nós, porém, sabemos mais e melhor.

Conhecemos a força inexplicável da sua vida de prodígios. S. Francisco viveu amando, sim; mas amando o quê? Eis a questão.

O pobrezinho de Assis amava com efeito os homens; amava a natureza; amava as coisas. Mas amava primeiro que tudo e acima de tudo Deus.

Era o amor de Deus que lhe enchia a alma e, transbordando, comunicava-se tão extraordinariamente às criaturas. Era o amor sobrenatural que lhe conquistava então e conquista hoje, aquela força irresistível e transcendente que produz a veneração e o respeito de toda a gente pela sua vida sublime. Desposando a sua noiva, a





Santa Pobreza, o filho de Bernardone rasga novos horizontes na vida; descobre um novo mundo e vê numa luz nova os pobres e os ofícios humildes. Grande e poderoso senhor que era, faz-se pequenino e miserável para se dar todo inteiro aos pequeninos e aos miseráveis; tudo por amor de Deus.

Ele não quer pisar papéis em que se ache escrito o nome do Senhor! Ama todos os Sacerdotes nos quais não quer ver malícia nem indignidade porque são eles na terra os únicos homens que consagram o corpo do Senhor.

“E os que não sabem letras não cuidem de as aprender”, diz ele na Santa Regra, “antes se apliquem ao trabalho e à oração em espírito de amor.” E no seu testamento

diz: “andávamos vestidos com sacos curando leprosos e fazendo os trabalhos mais humildes, entrávamos nas igrejas a orar e éramos idiotas!”

Louco de amor!

Os seus primeiros companheiros são arrastados, seduzidos pelos seus cantos de louvor a Deus! E o primeiro capítulo a que assiste, em Assis, conta 5000 frades, abraçados todos no mesmo espírito de amor sobrenatural.

Amor! Eis o enigma que dá a razão da influência extraordinária da sua incomparável vida, produzida no coração dos homens. Amor romântico para os diletantes; amor divino para os cristãos sinceros, mas sempre amor!

O pobrezinho de Assis morreu amando.

Amando a pureza, pois exala o último suspiro sobre cinzas.

Amando a pobreza porque acaba no chão estreme, embrulhado em trapos.

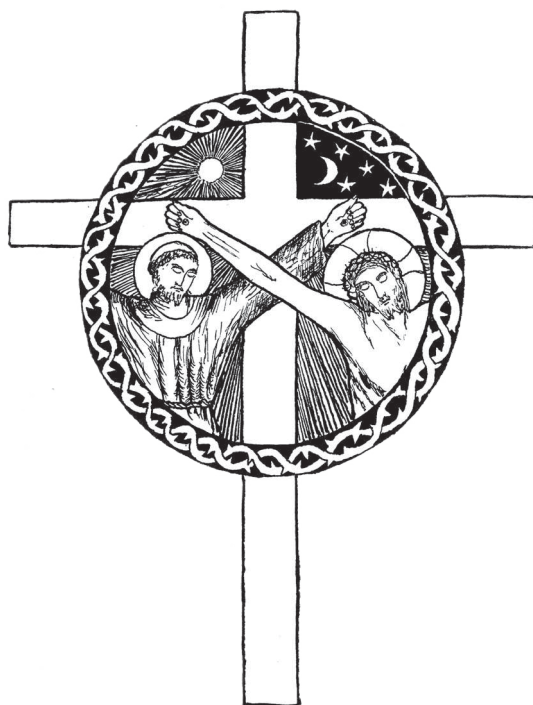
Amando a humildade, havendo pedido, em vida, que o sepultassem no lugar dos condenados.

Amando a Deus, com as marcas da sua Paixão impressas no corpo.

*Dilexit!*<sup>6</sup>

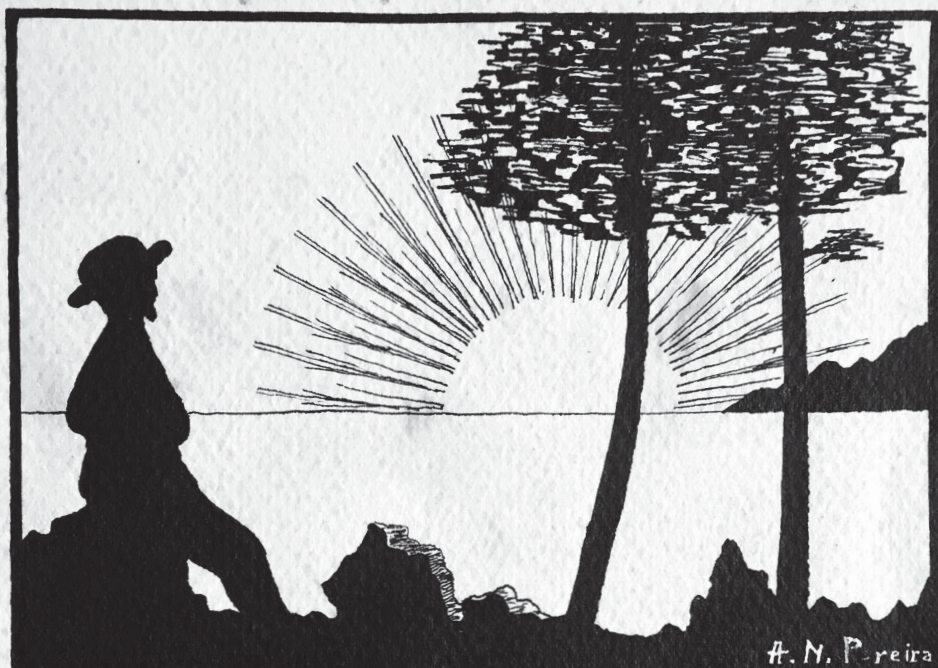
*Américo d'Águar*





1927

3



# LUME NOVO

## N.º 3 SUMÁRIO

ALELVIA!  
 S. ANTÓNIO.  
 REFUGIUM PECCATORVM!  
 COMO OS ANJOS PAGAM.  
 A morte dum grande Artista\_O TEAR.  
 A ARQUITECTURA E A IMPRENSA.  
 UMA GRANDE DESCOBERTA.  
 UMA ÉPOCA.  
 A CANÇÃO DO MOINHO.  
 Alguns Apontamentos para a História.





# LUME NOVO

n.º 3

PUBLICADO PELA PÁSCOA DE  
1927  
NO SEMINÁRIO DE COIMBRA.







Na Quinta-Feira Santa já o sino da torre não dera trindades, e à noite, depois das graças da ceia, a mãe dissera solenemente: “que amanhã o dia Santo era tamanho que nem os passarinhos mexiam nos ovos” — e todos se retiraram em silêncio; os filhos e criados para as suas camas, e os jornaleiros para as suas casas.

A natureza fresca e exuberante emergira das trevas e aparecia agora radiante, perfumada no sorrir primaveril dum sol que desponta. É Sexta-Feira de Paixão.

Uma santa tristeza paira no semblante de todos. Não se ouve o “tic” das podas; o rapaz da sogá não afoita os bois; emudeceu o chiar dos carros; o cuco, baloiçando-se na crista dos pinheiros, suspende o seu monótono cantar e as santas mulheres da aldeia, nos seus trajes de luto, choram na igreja a morte do Senhor! A noite cai dos montes; uma nuvem de mistério enche o céu; a natureza adormece!



## UMA GRANDE DESCOBERTA

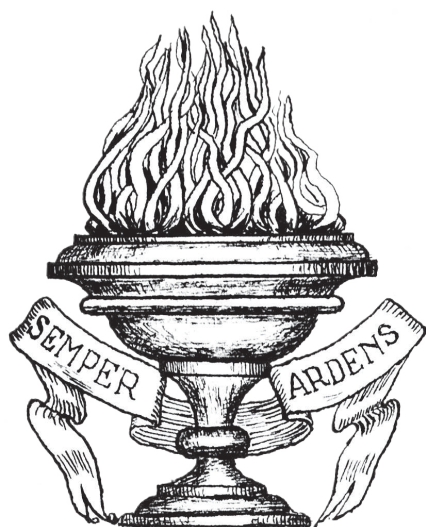


qui há uns anos atrás, nas escavações  
duma igreja em Montmartre, apareceu  
uma pedra com esta inscrição:

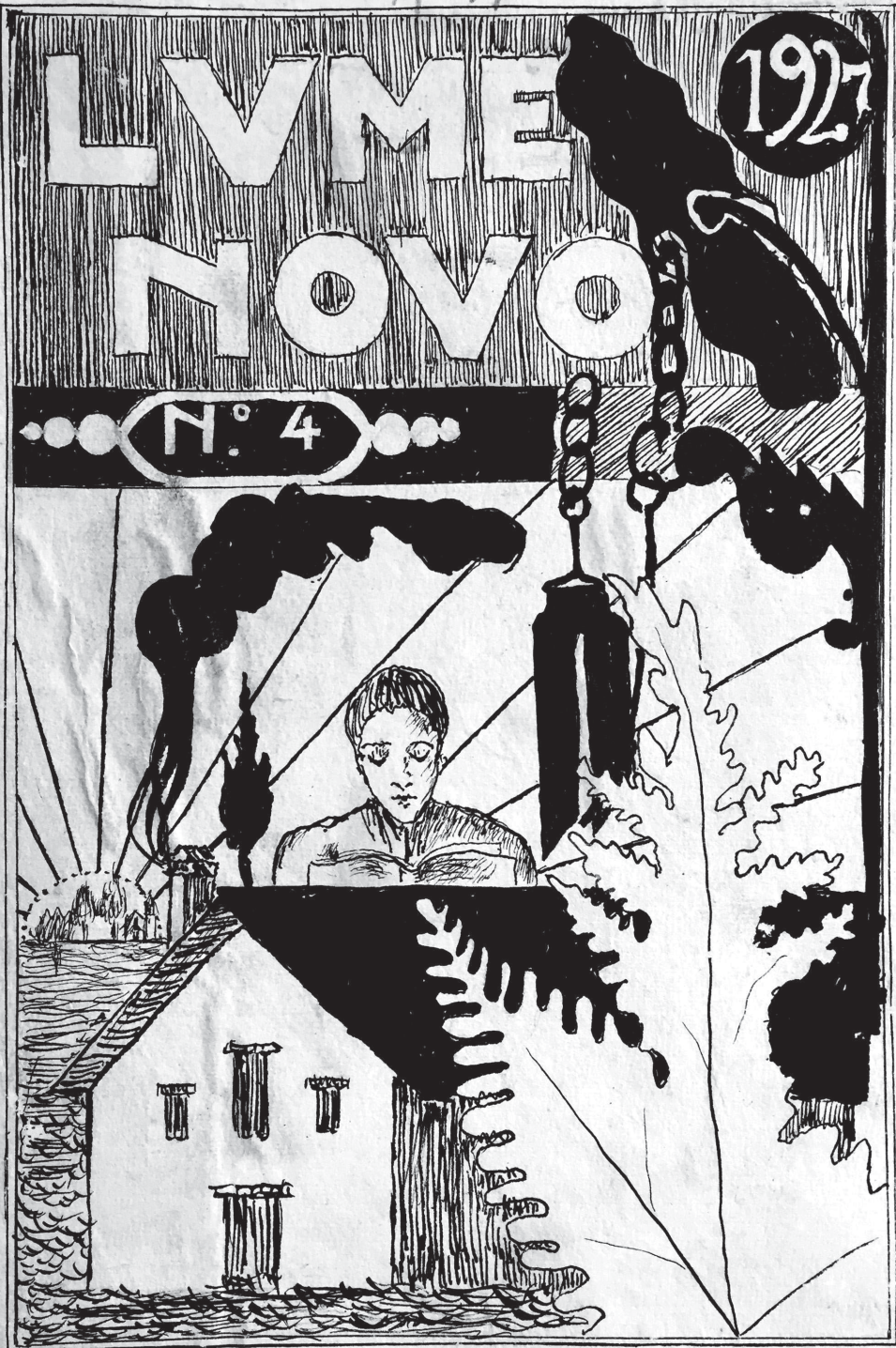
ic  
ilec  
hem  
inde  
san es

Grande celeuma nos arqueólogos de todo o mundo, e vá de localizar a pedra na sua idade. Divergências de séculos, de traduções e de aplicações azedam a questão, sem se chegar a um acordo. Nesta altura o sacristão da igreja mata a charada com grande espanto de toda a gente: “Ici le chemin des ânes!”<sup>8</sup>

*Fr. Junipero*

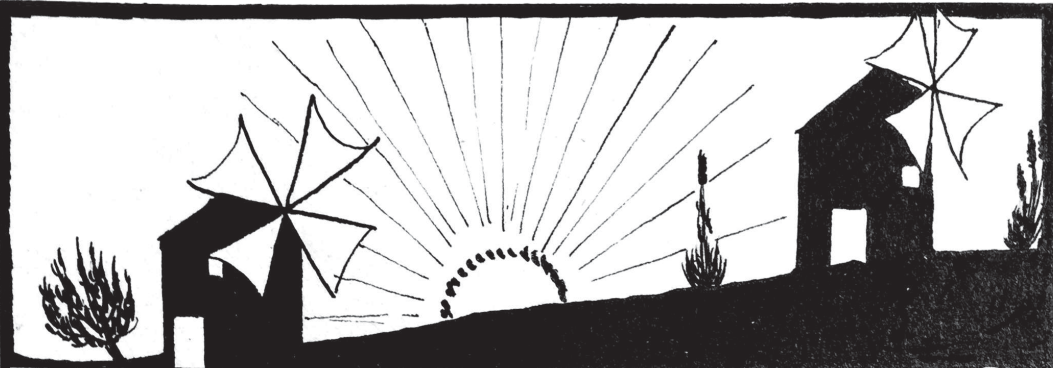






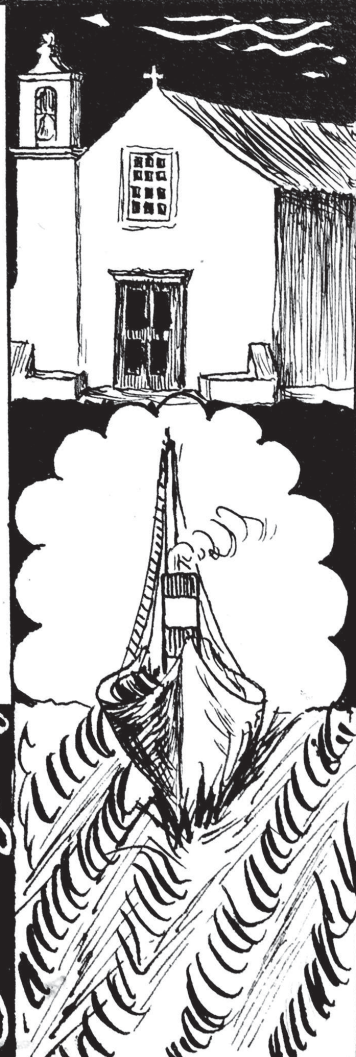






# LUME NOVO

NÚMERO  
ESPECIAL  
DA  
COLÓNIA  
DE FÉRIAS  
DE  
BUARCOS  
EM 1927.







## A CATEQUESE NA COLÓNIA DE FÉRIAS



Colónia de Férias em Buarcos é a extensão do nosso Noviciado, ali sem dúvida um pouco mais suave, mas sempre campo adequado à prova de cada um; mostrar o que somos, quanto valemos e o conceito que fazemos desta vida. Não há atos indiferentes no aperfeiçoamento espiritual do indivíduo. Nada se perde, como nas leis físicas. Tudo conta, tudo aumenta ou diminui o nosso valor moral.

Eu nunca havia estado numa Colónia de Férias, e, como as informações que me davam eram nada animadoras, fui para lá mais resignado do que contente. Ia convenientemente preparado para suportar tudo e todos, eu mesmo inclusive, com coragem e espírito muito alevantado, levando a vida das andorinhas, suspenso nos beirais das casas, ou então perder-me lá muito longe, aonde o céu pousa no mar, alheio a tudo que mui justificadamente supunha me havia de rodear. Esta foi a filosofia com que comprei uma 2.<sup>a</sup> na estação nova, para a Figueira.

O seguro morreu de velho, diz a nossa gente, mas eu cuido que desta vez me segurei de mais, pois que o semblante dos meus queridos companheiros pingava tanta alegria e mocidade; fui recebido com tamanha algazarra; achei-os tão descuidados e bem-dispostos, que formei logo o propósito de não viver nos telhados com as andorinhas, nem fugir para o mar com medo das supostas revoluções em terra, e entrei logo em franca convivência com eles. (Eu fui para a Colônia 8 dias depois dos meus companheiros.) Simpática decepção!!

Realmente a Colônia de Férias foi um verdadeiro sucesso, por qualquer lado que a encaremos. Foi simplesmente grandiosa. Foi uma bênção do Senhor. Todos nós vivemos os segundos de todos os minutos, os minutos de todas as horas, as horas de todos os dias, e dias houve com mais de 24 horas! Um prodígio!

A sábia divisão do tempo não foi de maneira nenhuma o fator menos responsável pelo ótimo espírito da colônia. Depois vem o magnífico arranjo da vivenda, a que presidiu seguramente muito cuidado, muito interesse, muito carinho e muita inteligência. A seguir temos o harmónio, as projeções, o *kodak*, a presença aturada do nosso querido Padre Vice-Reitor, todos estes pequeninos nada produziram a harmonia geral e o bem da comunidade, mas o que eu quero destacar sobretudo é o grande acontecimento que foi a catequese da Colônia.



Foram tantos os dias de festa para a garotada de Buarcos, quantos foram os da nossa estada ali. Vista muito aguçada, rudes como o mar, esper-teza apanhada na malícia dos adultos, muita treta, alguns mesmo atrevidos e amigos de pre-gar a sua loa, cobertos de trapos de cor equívoca, lambida pelo tempo, sujos, descalços, tismados — os gaiatos de Buarcos são como os gansos: vivem na água. Era da praia que eles vinham para o pé da nossa casa, aos grupos, esperar a hora marcada de sair para a igreja. Fora da porta era um berreiro de arraial minhoto. À maneira que íamos saindo com as cadeiras dobradas debaixo do braço, eles aproximavam-se gritando:

“Lá vem o meu” (este “meu” era o “Prior” que os ensinava), tiravam-nos as cadeiras e seguiam no cortejo aos saltos em grande matinada, como os garotos nas procissões a segurar os papéis da música ou a saltar valados, em cata das canas dos foguetes. Uma vez na igreja, formavam-se tantos grupos quantos eram os “senhores priores” e começava a instrução a duas centenas aproximadamente de crianças dos dois sexos.

Como sempre e em toda a parte, havia os que aprendiam com mais ou menos facilidade e os que estavam com maior ou menor atenção. Tinham já, alguns deles, seus conhecimentos adquiridos. Assim é que um disse-me que o nosso próximo eram os nossos vizinhos; que a gente depois de comungar não torna mais a pecar; que a missa era a igreja; que os padrinhos serviam para dar o folar, etc. Outros tinham também a sua terminologia regional, aliás muito justificada: “Rogai por nós pescadores”; “morreu sob o poder de cônio pilado”, diziam.

Acabada a hora da catequese, começava a devoção da tarde, a que assistiam, em regra, algumas centenas de adultos, e, se adregava serem os cânticos conhecidos do povo, era lindo ver o entusiasmo de todos, numa harmonia muito sofrível. E seguiam-se agora as projeções, em casa, na sala fundeira, com as respectivas explicações dos quadros. Que confusão! Que trabalhos para conter o povo! A garotada, sempre na vanguarda, às arrancadas à

porta, só obedecia ao sarrafo que cantava na cabeça dos mais apressados!

A explicação era feita por um dos colonos de preparatórios, o que era para alguns tarefa de não pouca monta. Um deles disse até que preferia fazer exame de Ciências e Latim 6.º, a ter de falar às multidões!! Um outro houve de se deitar imediatamente a seguir à função, esvaído pelo gasto de palavras e esforço em dizê-las.

Foi assim a catequese na Colónia de Férias. Novidade para a gente da terra, sensação agradável para nós, valor moral para todos. Certamente nem tudo se aproveitou, mas alguma coisa ficará da nossa sementeira, tanto da parte do semeador como do terreno que recebia a semente.

Uma vez, já lá vão tantos anos, um mancebo rico, formoso, inteligente, contava-me um transe difícil da sua vida e dizia-me em soluços: “Se eu ao menos soubesse rezar o padre-nosso!!”, e sofria cruelmente, o angustiado mancebo. Quem sabe, dizia eu com os meus botões, se algum destes pequeninos que tenho diante de mim se verá em semelhantes apertos no caminho da vida... e punha um particular cuidado e subido interesse na maneira como lhes ensinava o padre-nosso.<sup>9</sup>

FREI JUNÍPERO.



## S.O.S.



oda a gente sabe que uma parte considerável das sociedades cultas nega a existência da alma e, no entanto, eis uma singular e flagrante contradição:

Sabem o que significam as três letras seguintes: S.O.S.? São as iniciais da célebre frase:

“*Save our souls*”, que por sua vez quer dizer “Salvai as nossas almas”.

Com o invento de Marconi a trágica frase foi declarada internacional e inserta nos códigos marítimos de todo o mundo, enunciada simplesmente com as iniciais S. O. S. Grito de agonia! letras de morte!

Um dos primeiros Vapores que a transmitiu foi o grande *Titanic*, a maior quilha que jamais sulcou águas do mar, em 14 de abril de 1912.

Quem estas linhas escreve vinha então sobre as plácidas águas do Mediterrâneo, proa feita ao Ocidente, encostado aos lindos pomares da Calábria, com o Vesúvio à vista, quando o vapor apanha nas antenas,

em segunda-mão, o S.O.S. daquele transatlântico e logo a seguir nova mensagem: “Perdidos!”

A sereia do nosso barco larga três estridentes gritos de dor; a tripulação forma no convés; os passageiros descobrem-se e a charanga executa um hino sublime da confissão de Lutero!

Na mesma ocasião e ao som de idêntico hino 1015 anglo-saxões davam ao mundo civilizado o exemplo frisante da maior coragem, da maior ordem, do maior respeito próprio, da maior abnegação e magnanimidade de que o espírito humano é capaz: aqueles 1015 homens, havendo posto a salvo, dentro das baleeiras, as mulheres e os filhos, desapareceram serenamente nos abismos insondáveis do Atlântico!

Haviam feito todos uma confissão da existência da alma. Só a alma, e alma grande, é capaz de tanto!

Foi um barquito que veio há dias aqui a Buarcos com antenas nos mastros que me sugeriu a ideia de publicar no *Lume Novo* esta coisa nova para muita gente.<sup>10</sup>

FREI JUNÍPERO.





## AS PÉROLAS

A fama dos bancos de pérolas de Ceilão perde-se na poeira dos séculos.

As civilizações mortas do Egito, que na sua peculiar filosofia da imortalidade da alma edificavam sumptuosos palácios subterrâneos no vale dos mortos, ornavam com estas joias preciosas as múmias dos seus entes mais queridos. E muitos séculos antes de os homens do Ocidente chegarem até Ceilão, chegavam as famosas pérolas até nós por intermédio dos mercadores de Veneza.

Foram os portugueses que nos princípios do século XVI tomaram conhecimento da indústria da pesca naquela ilha, que depois passou aos holandeses

e hoje é explorada pelos ingleses, com pouca alteração dos primitivos processos.

À Cidade das pérolas aflui na ocasião da ceifa uma média de 35 a 40 000 homens de várias regiões do Oriente: mergulhadores, marinheiros e mercadores. A superintendência dos trabalhos está na mão dos ingleses, que colhem uma percentagem da exploração.

Os barcos, com uma tripulação de 100 homens em média, largam da praia ao romper do dia e regressam<sup>11</sup> à noite. Uma vez no banco, os mergulhadores preparam-se para descer por cordas, munidos dum pequeno saco de rede que enfiam no braço e o nariz tapado com uma mola. O mergulho, em regra, dura 60 a 90 segundos, e durante este tempo deita ele para o saco todas as ostras que pode deslocar. 50 mergulhos é considerado um dia cheio.

O produto de cada homem é ensacado em sacas de 1000 ostras, tocando-lhe 33 ⅓ % da ceifa diária.

Uma vez chegados a terra, são aproximados por multidões de mercadores que compram tudo, em leilão. Estes, por sua vez, enterram as ostras até que sejam destruídas pelos vermes; passam os organismos assim destruídos por crivos de cobre, retiram as pérolas, graduam-nas e enviam-nas aos grandes mercados.

A época, geralmente, não dura mais de 40 dias, em que cerca de 24 milhões de ostras são arrancados do fundo do mar.

O que são as pérolas? Lendas; teorias.<sup>12</sup>

Mistério da natureza.

Para que são as pérolas? Caprichos; contrastes.  
Mistério da humanidade.

Com igual magnificência e sentido diferente, elas adornam o colo das mulheres, a coroa dos reis, a mitra dos Bispos, a tiara dos Papas:

*Caprichos.*

Há pérolas que são riqueza e miséria; heroísmo e vergonha, alegria e dor, majestade, escândalo:

*Contrastes.*

E há ainda uma pérola preciosa que não é lenda nem teoria, nem capricho nem contraste, mas também é mistério e tem tamanho valor, que o outro foi e vendeu tudo quanto possuía para a obter!

Fazer-se pobre por amor duma joia!

Singular margarida.

Este mar de Buarcos tem a propriedade de nos rasgar ideias tão largas como os horizontes que se perdem no seu seio!<sup>13</sup>

FREI JUNÍPERO.



# **LVME**

---

# **NOVO**

5



## DUAS PALAVRAS ACERCA DE DUAS COISAS

Nos refeitórios das grandes Ordens Mendicantes, silenciosos, penitentes, mortificados, aonde, aos braçados, entra a luz pelas vidraças e sai a alegria das almas e em cujos bancos se senta, três vezes ao dia, a modéstia, a reverência e o apetite dos frades — nos refeitórios das Ordens Monásticas, dizia eu, há dias assinalados; uns, para a leitura da Santa Regra; outros, para a leitura das Constituições, a que chamamos Estatutos e finalmente outros, para a leitura das Crónicas a que aqui não chamamos nada, porquanto, rigorosamente falando, as nossas crónicas começam no momento em que acabam os dias de seminarista. Ora, foi justamente duma destas crónicas que, um dia, o leitor da semana botou da cátedra abaixo estas regras interessantes: — que eram duma vez dois frades que iam de jornada para Terras do Bouro, dum convento de Braga, e que um deles apanhou um piolho na fimbria do hábito, tomou-o nas mãos, mirou-o com muito carinho e meteu-o no seio.

Vamos nós concluir que o frade era panteísta e que poupou a vida do bicho pela mesma razão por que os misteriosos filhos do Ganges poupam a vida doutros

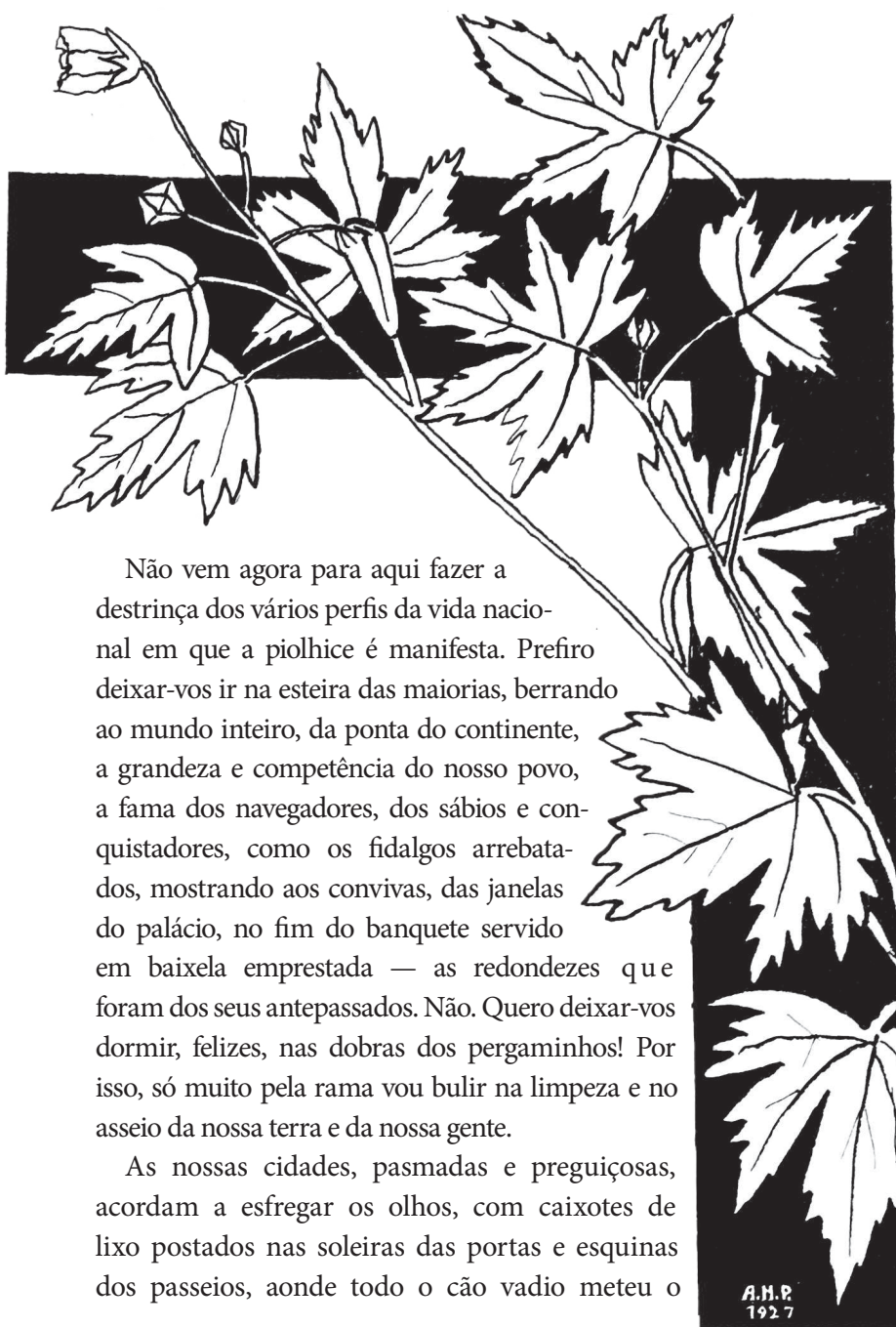
bichos?! De maneira nenhuma. Este incidente, passado, no dizer das crónicas, há perto de dois séculos, dá-nos a razão deste outro que se passa todos os dias, no presente século, e vem a ser a sem-cerimónia com que as mulheres do povo, nas vendas, diante de toda a gente pedem um pente dos piolhos, ou um pente dos bichos às mais polidas. E aqui temos nós, em duas palhetadas, a questão da piolhice nacional!

Eu cuido que nós, os peninsulares, somos um dos raros povos que mui francamente, mui suavemente, ao sol nas soleiras das portas e à sombra nas bordas dos campos, mexericamos a vida alheia e pesquisamos a cabeça do próximo. Dentro de portas, não damos fé dos nossos costumes nem sabemos que eles são o espanto dos estranhos, e a verdade é que este nosso catar espanta os desprevenidos.

Duma vez, aí fora no Atlântico, num “Mala Real”, ia eu distraído na amurada do barco vendo os peixes voadores, quando alguém me sacode exclamando: — “Veja!” Temos fogo a bordo — disse eu comigo — tal era a expressão do homem. “Olhe aquela insolência!”, vai ele de novo. Voltei-me; deixei cair os olhos no bico da proa, coberto de emigrantes e vi duas mulheres catando-se ao sol, serenamente. E como até ali vinha sendo tomado na conta de estrangeiro, no meio daqueles estrangeiros, entrei na indignação e desanquei os portugueses!

Dentro das portas não damos fé dos nossos costumes!





Não vem agora para aqui fazer a destrinça dos vários perfis da vida nacional em que a piolhice é manifesta. Prefiro deixar-vos ir na esteira das maiorias, berrando ao mundo inteiro, da ponta do continente, a grandeza e competência do nosso povo, a fama dos navegadores, dos sábios e conquistadores, como os fidalgos arrebatados, mostrando aos convivas, das janelas do palácio, no fim do banquete servido em baixela emprestada — as redondezes que foram dos seus antepassados. Não. Quero deixar-vos dormir, felizes, nas dobras dos pergaminhos! Por isso, só muito pela rama vou bulir na limpeza e no asseio da nossa terra e da nossa gente.

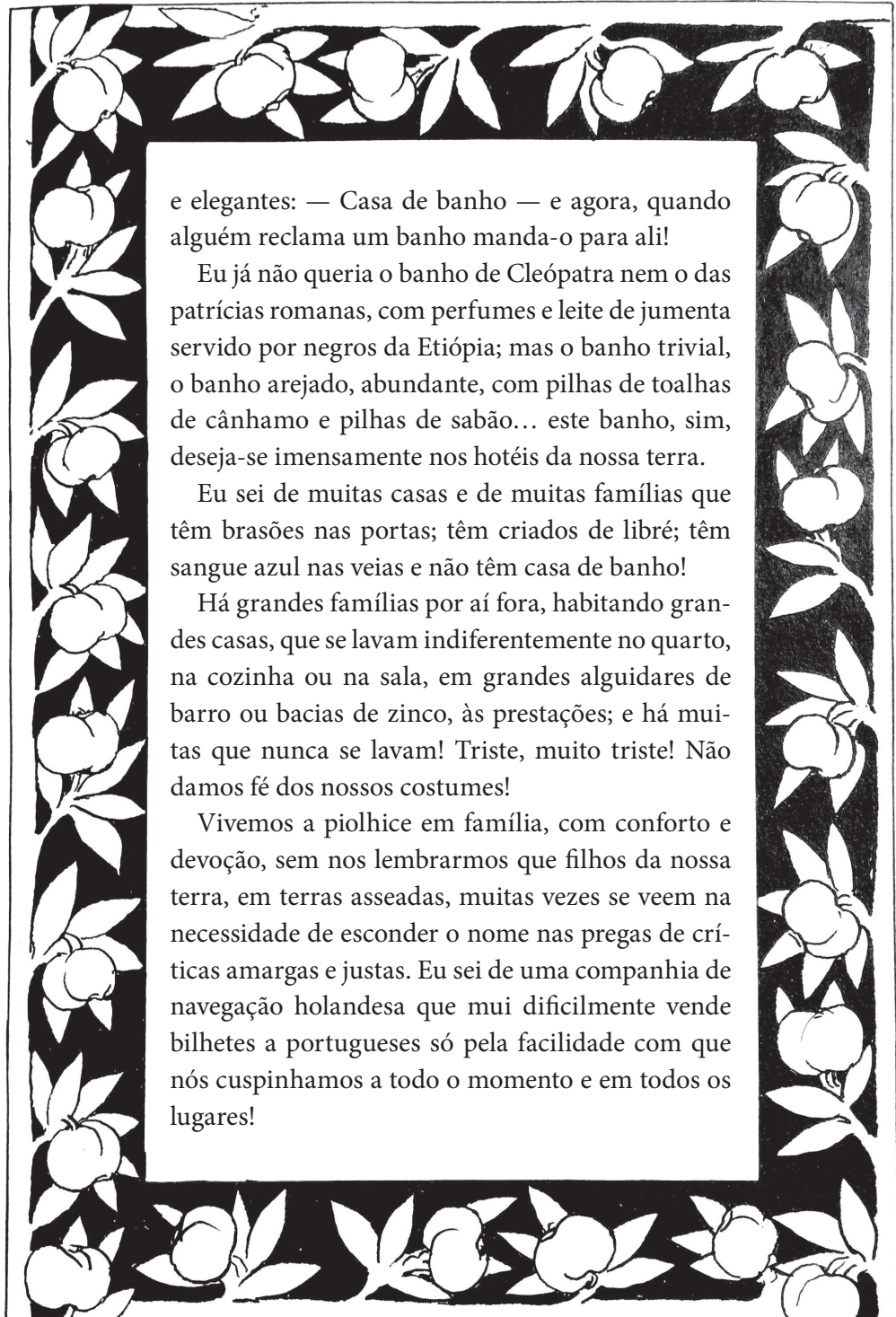
As nossas cidades, pasmadas e preguiçosas, acordam a esfregar os olhos, com caixotes de lixo postados nas soleiras das portas e esquinas dos passeios, aonde todo o cão vadio meteu o

focinho, e toda a farrapeira esgravatou coisas, com ganchos de arame, para dentro dum saco de serapilheira, tão sujo como ela — até que por volta das dez, precisamente quando começa a vida citadina, começam igualmente a aparecer os homens do lixo, varrendo indiferentemente passeios e pés e levantando no ar o pó das ruas e o desleixo das câmaras!

Esse mictório subterrâneo que apareceu há dias na Estação Velha com cara de gente nova, e outros que com igual cara têm aparecido em Lisboa e mais cidades, são uma velhice do século passado, nas cidades pobres das terras limpas.

Nós temos a rara habilidade de sermos os primeiros a importar o que nos faz mal, e os últimos, o que nos é útil — o que é uma variante muito conhecida da nossa piolhice.

Um banho nos hotéis é um acontecimento. Não entra na diária; paga-se por fora. É extra o banho; é extra o sabão; é extra a toalha e é extraordinária a pessoa que o reclama! O quarto de banho é uma grande tragédia. O hoteleiro, no princípio, quando botou contas aos quartos capazes de receber hóspedes, deu com um, lá em baixo, no fundo do corredor, janela para o saguão, de esguelha, sem luz nem espaço, que não servia nem para hóspedes nem para arrumos, nem para nada. E o que fez o hoteleiro? Encaixou lá dentro banheira, um cabide, duas cadeiras, pregou na porta uma linda chapa de esmalte, do Freire gravador, que diz em letras frescas



e elegantes: — Casa de banho — e agora, quando alguém reclama um banho manda-o para ali!

Eu já não queria o banho de Cleópatra nem o das patrícias romanas, com perfumes e leite de jumenta servido por negros da Etiópia; mas o banho trivial, o banho arejado, abundante, com pilhas de toalhas de cânhamo e pilhas de sabão... este banho, sim, deseja-se imensamente nos hotéis da nossa terra.

Eu sei de muitas casas e de muitas famílias que têm braços nas portas; têm criados de libré; têm sangue azul nas veias e não têm casa de banho!

Há grandes famílias por aí fora, habitando grandes casas, que se lavam indiferentemente no quarto, na cozinha ou na sala, em grandes alguidares de barro ou bacias de zinco, às prestações; e há muitas que nunca se lavam! Triste, muito triste! Não damos fé dos nossos costumes!

Vivemos a piolhice em família, com conforto e devoção, sem nos lembrarmos que filhos da nossa terra, em terras asseadas, muitas vezes se veem na necessidade de esconder o nome nas pregas de críticas amargas e justas. Eu sei de uma companhia de navegação holandesa que mui dificilmente vende bilhetes a portugueses só pela facilidade com que nós cuspinhamos a todo o momento e em todos os lugares!

Triste, muito triste! Aquecidos pelo sol mais lindo do mundo, possuidores das campinas mais férteis e mais fáceis da Europa, abraçados pela generosidade da natureza — vivemos todos do dia de amanhã, indolentes como os orientais, com preguiça de lavar a cara!

Não damos fé dos nossos costumes!

Assim se passam as coisas na terra dos conquistadores. E se nós víssemos agora como elas se passam cá por casa, já que temos a mão na massa e a refeição promete demora?!

Aqui em casa, além de sermos todos bons rapazes, bons estudantes e bons seminaristas, somos também hidrófobos: desconfiamos da virtude da água fria. Apanhámos o mal nas tábuas do berço e a cura radical é muito difícil.

Os nossos irmãozitos, quando entram pela primeira vez as portas da diocese debaixo dos saquitos vermelhos, desconfiados, ladinos, com botas das feiras, arrebidadas, compradas a olho — trazem todos o cheiro característico de roupa lavada em corpo sujo. E nos primeiros tempos, com os primeiros estudos, a petizada das colónias, no que diz respeito a cheirar mal, é simplesmente irrepreensível!

O mês de maio traz-me sempre grandes arrelias: o susto do sermão, as cólicas dos exames e o cheiro da comunidade.

Subimos agora à casa velha. Mudamos de ares; mudamos de ideias; mudamos de voz e alguns não mudam de hábitos!

Somos hoje homens feitos, talhados para sorrir às gentes, ouvir lamúrias, abraçar desgraças e o povo que nos





procura, antes de nos ver a alma, foge, vendo-nos o corpo! Um pataco de sabão e de boa vontade remediava este mal; água, essa temo-la em abundância, vinda das serras, nos chuveiros das prefeituras. Somos hidrófobos; desconfiamos da virtude da água fria!

Numas férias do Natal, fiquei com um doente da 4.<sup>a</sup> prefeitura. Um dia, de manhã muito cedo, abri a porta de mansinho e aproximei-me do leito. O rapaz, com os lábios queimados, enroscado nas mantas, gemeu uma enxerga, dura, uma noite comprida, febril, dolorosa, e “estava sequinho — disse ele — como os milharais em agosto!”

Eu, dantes, quando morava nos trópicos e tinha maleitas, sonhava sempre com coisas frescas: rios a transbordar; gelo a despenhar-se dos montes; canecas de neve nos lábios... e ao acordar despejava a bilha de barro que dormia comigo ao alcance da mão. Pois o nosso José Pereira, que era o ilustre doente de quem eu fui ilustre enfermeiro, não sonhou. Tinha-a ali viva, fresquinha, debaixo dos olhos, no barro da cântara... e não bebeu! Que grande suplício!

Depois bebeu e, com um ai de consolado, verificou que matara a sede e a febre com aquela pancada de água.

Somos hidrófobos!

Já aqui foi anunciado um balneário, nas Catacumbas<sup>14</sup>. Que os meus dias vejam essa obra e o meu corpo se regale

com o jato frio das águas do Mondego; mas eu cuido que, se o banho não entrar na ordem do dia, pode o balneário ter a majestade dos de Caracala ou Diocleciano, que a concorrência há de ser fraca e alguns entrarão apenas para gozar o esguicho de longe, cosidos com a parede, não vão molhar os pés...!

Eu digo a razão do meu cuidar:

Nos tempos em que eu era gente e dava cartas, à terra aonde eu morava foi dar um mancebo desta, ex-estudante, com uma carta de recomendação. Cantos rasgados, cabeleira solta, descuidado — o rapaz tinha ainda o ar garoto de estudante e a nostalgia do Choupal. Custou-me tanto metê-lo à canga, ele que vinha da vida fácil das rugas, das serenatas, dos rouxinóis e das sebentas! Mostrei-lhe o quarto de banho e não lhe mostrei a necessidade dele por cuidar que os livros o ensinavam. Pois enganei-me. Entrava e não se lavava. Ora se assim fazia este mancebo, filho de gente distinta, tendo bebido a ciência aí fora na Briosa por vasos de cristal — que faremos nós, filhos dos campos e dos mares, que a bebemos aqui modestamente, nos vidros da Marinha Grande?!

Temos medo da virtude da água fria.

Eu já não quero falar do que tenho visto e ouvido pelos meus anos fora; não quero dizer nada das grandes cidades que de manhã cedo se apresentam limpas, barba feita, decentes, prontas a receberem os forasteiros, como nós aqui as visitas, nas salas particulares; deixarei passar as

Comunidades de rapazes fortes, alegres e piedosos, limpando a pele e as ideias no banho consolador, perfeitamente familiarizados com a água fria; não vou mexer no despegar das fábricas metalúrgicas imensas, orgulhosas, despejando homens aos milhares cheios de sebo e limalha, enferruscados, negros como um ás de espadas — para logo se apresentarem limpos, corretos, entrando em sociedade por um copo de cerveja e uma palestra acerca de política, de religião, da crise da borracha no Amazonas e da velocidade dos astros! Não; não quero bulir em nada disto.

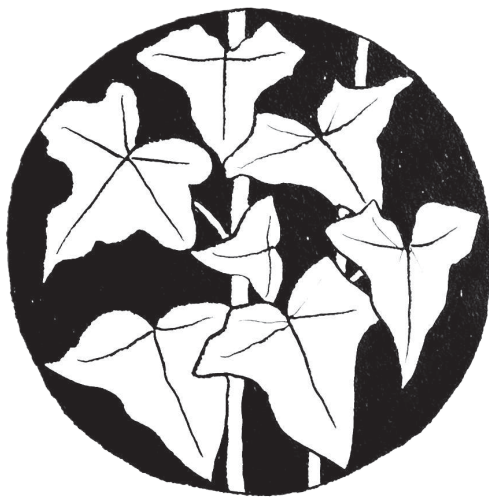
O que eu pretendo por hoje é propor que deixemos de ir à botica do Madeira, indo mais vezes às casas de banho; que conversemos mais familiarmente com a água fria usando-a à vontade na cabeça, nos dentes, no corpo e nos pés.

O Abade Knaipe, alemão, deixou um sistema que deu a vida a milhares de doentes e a morte à ambição de outros tantos boticários. Na Alemanha principalmente, e também fora dali, há hospitais aonde os doentes se curam com água das fontes e erva dos campos. Eu mesmo já me curei de um mal, passando todos os dias num lago com dois palmos de água e depois a passo estugado, num campo, durante 20 minutos.

Fiquei fino!

Por isso — água; muita água. Berrar sempre por ela, mesmo fora dos incêndios. A água é a bebida dos leões!<sup>15</sup>

FREI JUNÍPERO.





N-6

1928







# LVME NOVO

N.º 6

Comemorativo do Retiro Espiritual  
prêgado pelo R. P. MATEO-CRAWLEY  
em fevereiro de 1928.



Seminário de Coimbra  
Março de 1928.



## ALGUMA COISA DO QUE EU SENTI



Há quase vinte séculos que um homem cheio de fogo sulcava o Mediterrâneo, atravessava as regiões da Ásia, batia às portas das cidades, ansioso por comunicar uma doutrina que o inebriava depois da feliz queda no caminho de Damasco.

E nessas longínquas paragens, imersas na sombra da morte, os pagãos, ao ouvirem-no, perguntavam-lhe assombrados: — Que nos trazes de novo com a tua doutrina? — O amor, respondeu esse homem, o amor.

Os tempos foram passando, e a História aponta-nos dezenas, centenas de sucessores do grande Apóstolo das gentes, abrasados pelo mesmo fogo.

E agora, ao ouvirmos falar, por exemplo, num S. Bernardo, num S. Francisco d'Assis, num S. Francisco Xavier, talvez fiquemos algum tanto absortos, e da nossa alma se escape este desejo: quem nos dera tê-los visto e ouvido... felizes daqueles que viveram no seu tempo...

Sim, felizes daqueles que viveram no seu tempo... mas felizes também de nós que, vivendo muito embora neste século de vaidade e indiferença, tivemos a dita de ver e ouvir um verdadeiro continuador dessa plêiade de Santos e de Apóstolos, um verdadeiro discípulo de S. Paulo. Já sabeis todos a quem me refiro: é ao Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> Mateo.

Considerando estes dois grandes vultos: S. Paulo e o P.<sup>e</sup> Mateo, encontram-se neles alguns pontos de semelhança. Assim, como S. Paulo, é também depois dum milagre que o P.<sup>e</sup> Mateo inicia dum modo especial a sua pregação, é desde então que se torna “judeu errante”. Como S. Paulo, percorre a terra em viagens apostólicas. E, se lhe perguntássemos que nos trazia de novo com a sua doutrina, ele responder-nos-ia ainda como o Apóstolo respondeu outrora aos pagãos: trago o amor, a misericórdia...

Escrevendo estas linhas, não tenho em vista propriamente falar da pessoa do P.<sup>e</sup> Mateo, não, porque dum santo só os santos podem falar com dignidade. O meu fim é expor umas impressões colhidas na conferência que ele fez aos homens no dia 21 de fevereiro (terça-feira) em que falou do sofrimento.

Se é certo que todos nós estamos sujeitos à lei do sofrimento, também é certo que não sofremos todos no mesmo grau de intensidade. Para uns (humanamente falando) a atmosfera que cerca a sua existência é mais clara e risonha; para outros é mais triste, mais sombria.

E certamente eu não erraria muito, se me colocasse na classe destes últimos. Mas, ou se sofra muito ou pouco, o que é fora de dúvida, como disse, é que todos sofrem.

Caros leitores, tenho lido alguma coisa sobre este assunto, mas os livros, com poucas exceções, falam mais à inteligência que ao coração; tenho também ouvido alguma coisa sobre o sofrimento, mas as palavras podem soar como o bronze ou incendiar como o fogo. As do P.<sup>e</sup> Mateo pertencem ao número destas últimas.

A sua palavra, porque é vivida, porque é sentida, não só esclarece a inteligência, mas tem a força para arrastar a vontade.

Que dirá ele, pois, do sofrimento?

Chamar-lhe-á castigo, vingança do Senhor?

Não.

O P.<sup>e</sup> Mateo, como ele mesmo o disse, não é pregador da justiça divina ofendida, não prega o medo, o terror, mas sim o amor, a misericórdia.

E nem admira, porque o amor é, na frase de alguém, a primeira e última palavra do Evangelho, é o grande centro luminoso e fecundo do Cristianismo.

Por isso dizia ele mais ou menos por estas palavras: “Antes da cena do Calvário, o sofrimento era castigo, sim, castigo; desde então, amor, misericórdia... Qual mãe dedicada que, vendo seu filho perdido, consente que

seja ferido sem previamente o interrogar para o subtrair à morte, assim também Jesus consente que sejamos feridos sem nos consultar antes, para impedir talvez a nossa queda no abismo.”

Não imaginam os leitores a impressão que estas palavras, juntamente com a narração de dois factos, produziram no meu espírito!

Para quem anda habituado a ouvir chamar ao sofrimento castigo, castigo em face desta linguagem, não pode deixar de sentir um certo alívio, um certo bem-estar.

Aceitar o sofrimento como uma prova de amor, de misericórdia, e sofrer por amor, longe realmente de ser um mal, é, ao contrário, felicidade, heroísmo.

Ah! se nós encarássemos bem as coisas...

Teríamos aproveitado muita lágrima, poderíamos ter obrigado o Senhor muitas vezes a estender os seus braços de bondade e de perdão.

E quem sabe?

Não teremos nós, talvez sem o julgar, alguém que esteja a oferecer a Deus os seus sacrifícios para nosso proveito, e a quem devamos pagar na mesma moeda?

Ainda há poucos meses recebia eu uma carta duma pessoa querida que habita terras d'além-mar, na qual vinha o seguinte trecho que transcrevo *ipsis verbis*: “Há quase dois meses que entrei em tratamento duma doença grave cuja sanidade está nas mãos de Deus, pois



o carácter da mesma é tão rebelde, que parece querer zombar dos ditames da ciência.

Estando sujeito às contingências da sorte, aceito de bom grado o que me for enviado por Deus em expiação dos meus pecados e pela fecundidade do teu futuro apostolado.”

Eis, caros leitores, uma pessoa que sabe a arte de sofrer e a quem eu estou obrigado por dever de reconhecimento a corresponder com igual prova de carinho.

E não estareis vós nas minhas circunstâncias?

Quem sabe? Ainda existem almas tão santas...

Os homens sofrem e sofrem mais do que se julga, mas, se não me engano, uma grande parte sofre por sofrer, sofre sem amor.

Oh! se se sofresse por amor... o mundo transformar-se-ia.

Sim, sofrer por amor, não por esse amor sentimental e mesquinho que no fim de tantos e tantos devaneios, deixou como recompensa remorsos pungentes àqueles que um dia tiveram a infelicidade de por ele se deixarem inebriar. Não, não é por este que se deve sofrer, mas sim por aquele que é já na terra um começo do Paraíso.

Amor e sofrimento! Eis os dois grandes elementos da perfeição. Sofrimento não falta; o que falta é amor, e falta amor, porque muitos não sabem no que ele consiste.

É por isso que a conferência do P.<sup>e</sup> Mateo de terça-feira devia ser ouvida por todos os que gemem e

choram neste vale de lágrimas, porque nela se aprendia realmente o que era sofrer por amor.

Se me perguntásseis o que tinha sido essa conferência, eu diria que foi bálsamo caído do Céu para suavizar Deus sabe quantas feridas agrestes.

Diria mais, diria que foi um hino ao sofrimento cantado pelo P.<sup>e</sup> Mateo, acompanhado pela orquestra dos nossos corações vibrantes e ouvido lá do Céu pelos coros angélicos.

Salvé, pois, ó Apóstolo do amor e do sofrimento, salvé ó tu que vives para amar e para fazer amar, salvé!

Mil vezes salvé!!!<sup>16</sup>

[não assinado]

## O APÓSTOLO DO AMOR E DA VIDA

**H**á dezanove séculos que no mundo apareceu um génio formidável, um apóstolo de uma têmpera rijíssima, um carácter ardente, fogoso, e duma eloquência esmagadora: era S. Paulo.

Já no mesmo tempo brilhava no céu da Igreja nascente um outro génio, uma Águia, um coração apaixonadíssimo pelo *Mestre*, que pregava a paz e a caridade, porque ele mesmo era o Apóstolo do Amor.

Essa estrela de pureza que não se cansava de repetir: Filhinhos! Amai-vos uns aos outros, era S. João, o Discípulo Amado.

E no firmamento divino da Igreja, à roda do Eterno Sol, outros astros foram aparecendo...

Quando na Idade Média se levantou um homem que ia gritando ao mundo que o “Amor” não era amado, as nações levantaram-se meditabundas e perguntaram como se chamava esse louco que assim revolucionava a sociedade do seu tempo.

E de Roma a voz infalível do eterno Pescador respondeu dizendo: esse revolucionário do “Amor” é S. Francisco de Assis.

E à voz do Pobrezinho as almas generosas formaram uma elite, uma associação de santas dedicações...

Mas o “Amor” não era ainda bastante amado, e o coração que tanto amou os homens continuava a estar triste, porque via que os homens o amavam muito pouco.

E Margarida Maria soluça, patenteia ao mundo a aflição do Mestre que ama, que quer ser amado... mas o mundo não quer ouvir...

E quando já à beira do túmulo o século XIX agonizava desesperadamente, num pequenino oásis da velha França, uma hastezinha rebentou e subiu... subiu... levantando meigamente a delicada vergôntea até ao Céu... à procura do Amor.

Tendo encontrado Aquele por quem sua alma suspirava, voltou triunfante, repetindo sempre com a Esposa dos divinos Cantares: *“Dilectus meus mihi et ego illi...”*

E foi então que o mundo inteiro se curvou reverente diante dessa Florinha, ao ouvir-lhe a Confissão de Amor: “A minha missão é fazer amar o Senhor Deus”, sendo imensa a alegria quando Roma falou e chamou à Florinha: S.<sup>ta</sup> Teresinha do Menino Jesus...

Mas o Senhor continua sofrendo, amando, soluçando, gemendo por ver tanto pó nos altares dos corações, tanto

frio no campo das almas, tanto amortecimento e indiferença nos convivas do Banquete do Amor Divino...

E o Senhor chora... ama... espera... mas o mundo não ouve...

É preciso que alguém levante o estandarte da revolta e vá gritando de novo que é preciso amar esse Amor.

E então, lá das Américas, surge uma figura, um herói, um Apóstolo em quem o Senhor põe os olhos complacentes... Dá-lhe vida, inflama-lhe o coração e diz-lhe: agora... *fac quod vis!*

O moribundo levanta-se cheio de vida e força, faz os seus protestos de Amor, e parte... pregando o Evangelho de Amor a toda a criatura...

Escuta-o atenta, a civilizada Europa, e com ele vai repetindo calorosamente:

“Coração misericordiosíssimo de Jesus!

Venha a nós o vosso reino!”

E quando o Apóstolo levanta a voz, bradando bem alto aos corações:

“É preciso que Ele reine! Viva Cristo Rei!”, as multidões eletrizadas vão repetindo entusiasticamente:

Viva o Coração de Cristo Rei!

E então os corações abalam-se... e o Cristo, durante vinte anos insultado, escarrado, espeznado, é levado em triunfo pela Europa inteira...

Suprema obra de Amor!

À voz de um Apóstolo que a si mesmo se chama “judeu errante”, rendem-se os Almirantes, confundem-se os maçons e caem de joelhos chorando os maiores pecadores...

Era este “pobre, filho de protestante, estrangeiro americano latino” que também nós esperávamos e tivemos a consolação de ouvir!

Todos nós, do mais pequenino ao maior, tínhamos no coração um desejo: ver.

Ver essa grande figura, o *Alter Chistus* que na sua missão de amor se vai matando pelo seu ideal: fazer amar Jesus mostrando-o às almas.

Era esse, com efeito, o homem que nós esperávamos. Antes da sua chegada até nós, já em minhas reduzidas notas se podia ler: “Tem sido ansiosamente esperado o dia em que nossos olhos ávidos de luz e verdade pudessem ver o Apóstolo do Amor.

Eis que ele aí vem depositar nas nossas almas o fogo do Amor de Deus. Que venha! Que venha o ‘pregoeiro’ do divino Amor e inflame, e abra-se, e vença os nossos pobres corações!...

Que venha, para que vejamos a sua face e as nossas almas se regozijem com a sua vista!...”

E logo após, como que reforçando a nota:

“Eis que hoje é o grande dia em que o Senhor nos vai falar pela boca do seu arauto!”

E falou efetivamente.

Estou certo de que no coração de todos nós se operou uma transformação talvez... radical.

Se eu pudesse dizer mais, levantar a pontinha do véu... mas não, que a prudência o impede... Escrever a crónica do nosso inolvidável retiro espiritual não a mim mas a vós pertence.<sup>17</sup>

[não assinado]





N - 7





# LUME NOVO

N.º 7

CONSAGRADO À DESPEDIDA  
DOS ALUNOS  
DO

4.º ANO TEOLÓGICO ~



Seminário de Coimbra ~

9 de junho de 1928 :x: ~



## UMA RAPSÓDIA



Em todas as festas de circunstância a que tenho tido a honra de assistir, aparece sempre como número forçado uma rapsódia, dedilhada por mãos artistas em soberbos pianos de cauda. Em festa de tamanha circunstância, como esta que o *Lume Novo* hoje celebra, uma pequenina rapsódia vem a propósito e é muito conveniente.

\*

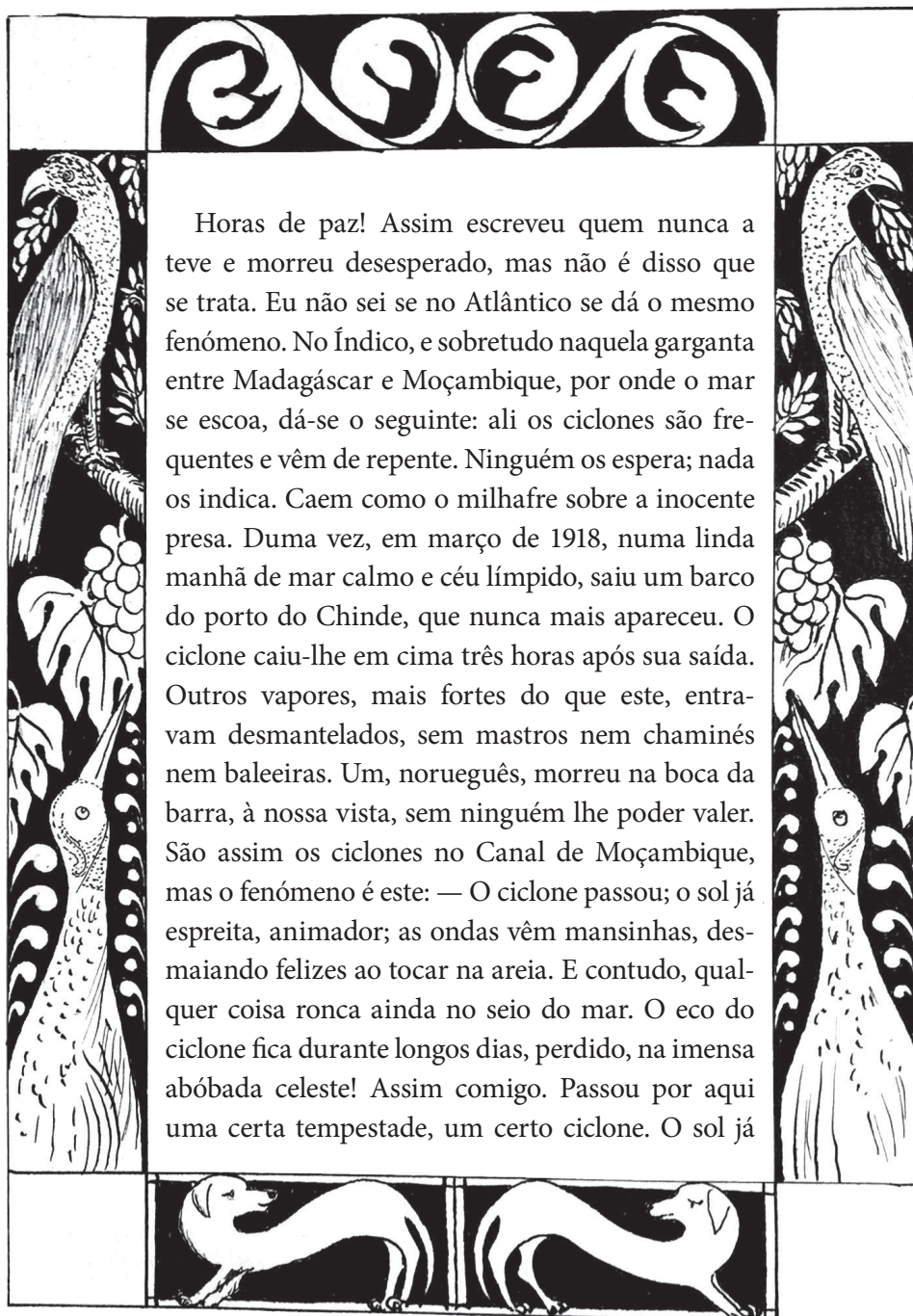
Que lindo sítio e que linda casa, aquela em que nasci. Por detrás, estende-se uma grande mata cheia de sombra e de pinheiros; à frente correm os prados verdejantes, uns após outros, até se perderem muito longe, na margem dum ribeirito que os limita e lá mais longe ainda, muito ao longe o céu fecha o horizonte pousando no dorso da serra de Luzim!

Tão lindo o sítio; tão linda a casa!

Eu era petizito de 8 para 10 e nesse tempo a nossa casa era uma alfândega, no dizer da nossa Rita, que veio aos 12 servir meus avós, ficou servindo os pais e agora era



servida por nós e zupava-nos muito honradamente se lhe não fazíamos a vontade. Foi nossa até aos 80. Era uma alfândega a nossa casa. Nos lindos meses de verão, à hora de Trindades, começava a gente a chegar dos campos e dos montes com gigos de espigas, cestos de fruta, carros de feno, feixes de palha, cestos de abóboras, ancinhos, forcados e muito apetite à ceia. Éramos então oito irmãos e outros tantos criados. Que barafunda; que grande alegria. A minha mãezinha, a mulher mais fresca e mais linda do mundo inteiro, esperava-nos na cozinha, ao pé da grande lareira, e cá em baixo, ao fundo das escadas, já se ouvia a sua voz alegre que dizia numa gargalhada: — “Aí vem a tropa fandanga” —. A tropa ia subindo; à frente os mais velhos, diziam ao entrar — “Louvado seja N. S. J. C.”. A seguir os mais novos diziam — “Bote-me a sua bênção, minha ama”, e nós, os filhos dizíamos em coro: “A sua bênção, minha mãe.” E a minha mãezinha, a mulher mais fresca e mais linda do mundo inteiro, dizia: “Deus vos abençoe, rapazes. Deus vos abençoe, filhos!” Eu era o mais novito e ia sempre à lareira buscar um mimo que minha mãe me guardava; gostava tanto de ver aquela grande fogueira crepitar por entre as painéis... Todos os dias a mesma fogueira, o mesmo lume, e sempre lume novo! Sempre lume novo! É assim o nosso *Lume*. Tem ardido tantas vezes; tem feito tantas fogueiras e é sempre o *Lume Novo*; sempre o *Lume Novo*.



Horas de paz! Assim escreveu quem nunca a teve e morreu desesperado, mas não é disso que se trata. Eu não sei se no Atlântico se dá o mesmo fenómeno. No Índico, e sobretudo naquela garganta entre Madagáscar e Moçambique, por onde o mar se escoia, dá-se o seguinte: ali os ciclones são frequentes e vêm de repente. Ninguém os espera; nada os indica. Caem como o milhafre sobre a inocente presa. Duma vez, em março de 1918, numa linda manhã de mar calmo e céu límpido, saiu um barco do porto do Chinde, que nunca mais apareceu. O ciclone caiu-lhe em cima três horas após sua saída. Outros vapores, mais fortes do que este, entravam desmantelados, sem mastros nem chaminés nem baleeiras. Um, norueguês, morreu na boca da barra, à nossa vista, sem ninguém lhe poder valer. São assim os ciclones no Canal de Moçambique, mas o fenómeno é este: — O ciclone passou; o sol já espreita, animador; as ondas vêm mansinhas, desmaiando felizes ao tocar na areia. E contudo, qualquer coisa ronca ainda no seio do mar. O eco do ciclone fica durante longos dias, perdido, na imensa abóbada celeste! Assim comigo. Passou por aqui uma certa tempestade, um certo ciclone. O sol já

espreita; a vida já se desdobra em ondas alegres, felizes e contudo o eco ronca, ronca e eu quisera ouvi-lo, gozá-lo sempre no tempo e na eternidade!

Há que confessar, e com muito prazer o faço. O curso que se vai embora, foi para mim um livro aberto. Aprendi muito. Curso exemplar por muitos títulos. Eu também gostava de ser assim um livro aberto, como eles. Um livro aberto só com duas folhas; uma em branco, aonde Deus escreve; outra escrita aonde o povo lê.

Tinha uma cara muito feia, muito feia, o irmão que cuidava dos porcos. Ninguém aqui tem uma cara tão feia como a dele, e nós temos aqui exemplares raros. Mas tinha uma linda alma o irmão fr. X. Um dia o irmão ecônomo trouxe da feira de Vigo três leitõezitos de raça. Na Galiza é vulgar aquela raça de porcos Berkshire, grandes como toiros e gordos como porcos, e quando pequeninos são lindos como os amores. Pois eram desta raça, os três que vieram para o convento. Andavam à solta pela cerca, sempre em grandes correrias, de focinhito no ar. Um dia desapareceram. Ninguém sabia deles. Procura, pergunta, indaga... nada. Grande escândalo; tinha sido violada a clausura! Nisto o irmão que cuidava das vacas entra com um feixe de feno, abre o curral e que vemos nós? que vi eu? O quadro mais engraçado da minha vida. Uma das



vacas tinha um filho, que só de noite se juntava à mãe. Os bacoritos tinham entrado para o curral por um buraco da porta e estavam agora todos três, cada qual pegado à sua teta, fartos a estoirar e a vaca regalada, a contemplá-los. Nunca vi, nem decerto torno a ver, semelhante cena!

O irmão fr. X era o cozinheiro e tratava também das galinhas. Outro quadro interessante. Estas, a horas costumadas, formavam à porta da cozinha, em grande palestra, à espera da gamela das couves. Aí vinha o irmão fr. X mexendo os farelos. Elas abriam alas, com inclinação medíocre, e agora seguiam atrás do frade, irreverentes, violando as regras do silêncio. — “Pois sim, dizia fr. Álvaro remexendo a gamela, leria tendes vós, mas a respeito de ovos, nada vejo.” E deixava a gamela na capoeira.

Mas do que eu mais gostava era do irmão jardineiro. Tinha sido um homem como uma tranca e ainda hoje, à beira dos 80, é muito robusto. Logo de manhã cedo, vinha para o jardim, com migalhas na manga do hábito. Sentava-se num banquito que arrastava consigo à maneira que ia picando os canteiros e logo aparecia um pisco muito garoto que picava a par dele. O frade tirava migalhas da manga e atirava-as ao pisco. Este olhava para as migalhas, olhava para o frade, dava-lhe uma grande risada e continuava picando a terra. — Pateta, és um grande pateta;

és mesmo um patetinha —, respondia o fr. Bernardino, e assim picavam os dois os lindos canteiros do jardim.

E que dizer dos meus mestres, dos meus grandes mestres que, sem saberem teologia, me ensinaram muita da que hoje sei. O mais velho era do Alqueidão e andava às voltas com os 80. Era o despenseiro. Alto, severo, penitente, nunca falava a não ser por necessidade, mas comigo falava muito e muitas vezes, e deixava que eu lhe fizesse festas. Era muito meu amigo, muito meu amigo. Nos dias em que me calhava lavar a louça do convento, obtinha licença para o ajudar a limpar os pratos. Ele esperava-me, contente e eu ainda mais. Tomávamos a toalha e íamos passando por ela a louça. Então o meu querido mestre transformava-se; animava-se. Perdia aquele tom de severidade e dizia-me com inefável ternura: “Irmão fr. X, tudo quanto fizer faça-o por amor de Deus. Tudo, tudo, seja o que for.” E não dizia mais nada. Ao despedir-me, procurava beijar-lhe a manga do hábito. Ele dizia-me sempre: “Isso nunca, sou frade leigo.” E eu ia: “Irmão, é por amor de Deus!” Daí a nada tocava para vésperas.

Outro grande mestre era o lavadeiro do Convento. Inteligente, mortificado, memória prodigiosa, o irmão fr. X era tão doente que nem comia connosco, por causa de vômitos constantes. Éramos amigos e confidentes. Eu



ajudava-lhe sempre a estender as peças mais pesadas e algumas vezes aquecia a água das barreiras. Lavava num tanque largo e cómodo, perto do jardim, mas de verão secava a água e ele então mudava para o fundo da cerca, aonde passava um fio de água fundo e muito difícil. Um dia que o vi aninhado entre as pilhas da roupa, disse-lhe assim: “Que pena tenho de si. Se me fosse permitido, lavava a roupa esta semana.” Ele levanta-se, majestoso, soberbo e num ar de protesto abre-me uns olhos faiscantes de alegria dizendo: “Nunca. Não, que eu não deixava. Estes dois meses são a minha glória.” Meti as mãos nas mangas, retirei-me e fiz nessa tarde uma profunda meditação. Quando há dias o Padre Mateo falava na *stultitia crucis*, eu vi a figura deste meu mestre, majestosa, ciumenta, cantando a glória destes dois meses de sacrifício.

Mas o maior de todos os mestres, esse nem sequer era religioso; era apenas irmão donato, sem votos nem nada. Tratava das vacas e andava nuns 65 muito rijos e muito frescos. Era da Maceira, perto de Leiria. Dizia-me com muito amor: “vou-me apanhar o almocinho, vou-me apanhar o jantarinho das vacas”, e eu ia com ele ouvir, aprender o que hoje sei. Grande mestre. Num rigoroso 24 de dezembro o meu querido irmão Dionísio vai à cela do P.º Guardião pedir que o deixasse mudar para o curral das vacas. Pede, implora, insta, consegue, e hoje tem o catre

armado num pequeno alpendre, ao pé das suas vacas. Ele sabe porque é que mudou para lá e nós também o sabemos. Quando no princípio deste ano andava ocupado com a nossa dissertação de dogmática, que trata precisamente do ato de fé, procurei muito, rabisquei, virei folhas e não vi nada nas páginas secas do triste livro; não vi coisa nenhuma e terminei a pesquisa com este pensamento: “coitado de quem estuda teologia pelo compêndio.”

E termina a rapsódia, mas antes de dar as últimas arcadas eu queria pedir um favor, um grande favor, aos que se vão embora. É que eu desejava imenso tirar o retrato de sobrepeliz para mandar à família e não tenho nenhuma em termos. Quem é capaz de me emprestar uma?<sup>18</sup>



*Fr. Juanpere*





N - 8

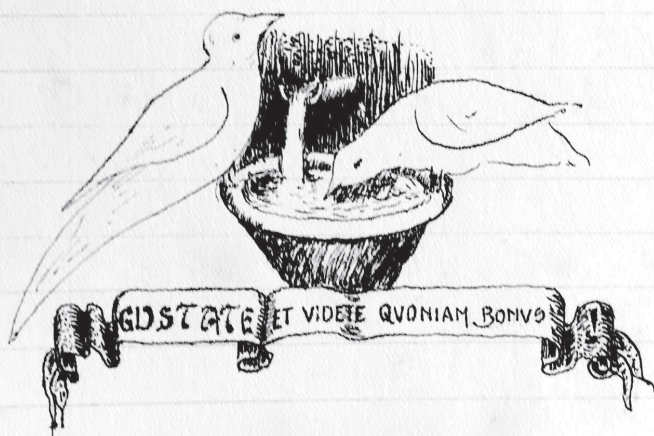






# LUME NOVO

N.º 8



Seminário de Coimbra  
1. NOVEMBRO de 1928.



## AS EXPERIÊNCIAS DE DOIS FAMOSOS VIANDANTES



ra já noite alta quando chegámos ao Lorvão, e o soberbo mosteiro emergia agora das sombras em silêncio, majestoso, numa agonia de séculos. Na camionete que de Coimbra nos trouxera a Rebordosa, um amável viandante informou que dali ao lugar seriam uns dois quilómetros e meio, mas eu cuido que ele teria sido mais exato se, em vez de quilómetros, houvera dito léguas; pois que, tendo largado a estrada por volta das sete horas da tarde, quiseram os fados que sofrêssemos amargas experiências aonde bem pudéramos ter colhido as mais gratas impressões, se o tempo fora mais largo e a distância mais curta.

O Rev.º Prior da freguesia, à porta de quem batemos a horas desusadas, recebeu-nos numa grande exclamação de espanto e alegria, e, com um melão que levávamos e uns ovos fritos que ele nos deu, fizemos uma ceia deliciosa, regalada.

Assim terminámos a primeira aventura do primeiro dia, em duas camas muito grandes nuns quartos muito pequenos.

Fica numa pequena encosta, sobranceira ao mosteiro, a casita do nosso bom Prior, e eu sozinho, da janela do quarto, tive uma das visões mais felizes da minha vida: a lua tinha subido, clara, silenciosa; iluminava agora o dorso de todos aqueles montes que escorregam até ao fundo — suaves, vestidos de verde —, lindíssimos; e foi então que eu vi pela primeira vez uma das alas do gigante, a olhar a lua, cansado de sofrer as torturas do tempo e dos homens.

Uma aragem fresca, subtil, entrava pela janela dentro. Tive ganas de chamar o meu companheiro<sup>19</sup>, que dormia num quarto por detrás do meu, ele, também amigo de ver coisas lindas, mas a jornada tinha sido puxadita e na descida duma ladeira de pedras soltas, que por engano subíramos, já noite alta, o meu dito companheiro foi o valente suporte duma malita de mão que levávamos e do rabisgador destas linhas, que não se ajeita a andar às escuras.

Na manhã seguinte, por volta das sete horas, entrávamos na igreja do mosteiro, simples, elegante, lavrada em pedra estilo Renascença. No fim da Missa o Rev.º P.º Basílio<sup>20</sup>, gostosamente, mostrou-nos os paramentos e outras preciosidades da igreja, que lhe estão confiadas; e logo subimos acima, aonde repartiu connosco,

generosamente, o pobre conforto da sua casa e a modéstia da sua mesa.

Ia para as duas horas, quando, sob um céu de nuvens carregadas, nos fizemos de proa à Mata do Buçaco, caminhando sempre pelo dorso da serra, aonde entrámos por volta das sete, pelas portas da Cruz Alta. O Caramulo, a Estrela, a Lousã olhavam-nos ao longe, e, a poente, na orla do horizonte, víamos o enorme cotovelo do Cabo Mondego e um extenso lençol de areia branca onde se perdia o Atlântico. Era precisamente desta banda que uma brisa forte e salgada nos fustigava as faces, impedindo que as nuvens, então ameaçadoras, se despejassem sobre nós; ainda assim não fomos tão felizes que não tivéssemos de estugar o passo, serra em fora, a procurar abrigo num moinho de vento.

Durante o trajeto, no Telhado, entrámos uns momentos em casa do Rev.º P.º Marques<sup>21</sup>. Uma capelinha, muito linda, mesmo à beira da estrada, dá a direção para a simpática vivenda do não menos simpático Prefeito da “Segunda”. Subimos ao patamar, entrámos no sobrado; houve os cumprimentos e perguntas do estilo e logo o Joaquim foi abaixo, à loja, em cata de qualquer coisita fresca. O Rev.º Prior do Lorvão acompanhara-nos até aqui. Uma bandeja com copos ia passando à roda. O P.º Marques explicava, enquanto o Joaquim vazava vinho nos copos, “que o vinhito era o tipo da terra: fraquito mas alegre”. Gostei imenso do

qualificativo. Na verdade a generosidade do vinho é sem limites — dá toda a sua alegria a quem no bebe.

Houve menino que despejou o seu copo duma assentada. Eu tomei o meu, bati um gole de vinho no céu da boca, à moda dos provadores, e fiz uma cara muito feia. O pai do P.<sup>e</sup> Marques viu a cara, toma o copo, bebe um trago e exclama:

— Ora bolas! O vinho é bom, mas é para temperar batatas.

Era vinagre!

O moinho que nos abrigava ficava-nos agora atrás e estávamos ao pé dum outro, ponto de referência que trazíamos para encontrar a estrada que nos havia de levar à Cruz Alta. Para as bandas de Coimbra chovia a potes e nuvens negras, pesadas, ameaçadoras, corriam de nascente, em direção ao mar. O meu companheiro foi pesquisar a estrada enquanto eu fiquei encostado à porta do 2.º moinho e logo lhe ouvi o grito consolador: Ei-la! Corríamos agora, a par, o piso fácil da estrada — quem sabe! — talvez escapássemos à chuva. Já se via um pequeno bosque, fora das portas da Mata e eu, de longe, ia escolhendo com a vista entre as árvores, a mais copada de todas para



o que desse e viesse. Íamos entrar na Mata; olhámos as nuvens pela derradeira vez e mergulhámos na densidade do arvoredo, perdidos por atalhos e veredas até dar com a avenida que corta a Mata, das portas de Coimbra às da Rainha.<sup>22</sup>

Matámos a sede num fio de água que saía duma fonte; sacudimos a roupa e o chapéu e descemos ao Luso em procura de ceia. Lá no fundo da avenida, junto às portas do Convento, estava o Raul<sup>23</sup>, encostado a um cedro como quem espera alguém. Abraçámo-nos efusivamente. Reclamei dele a chave do Convento e logo um guarda da Mata, seco de palavras e maneiras, começou a mostrar o que não conhece nem aprecia.<sup>24</sup>

O Convento do Santo Ermo do Buçaco!

Nada mais belo; nada mais completo; nada mais rico de que a altíssima Pobreza do Evangelho. Felizes os que a compreendem; grandes os que a vivem; benditos os que a seguem!

O Rev.º P.º Lourenço deu-nos de cear e o Raul reclamou a nossa presença em sua casa para o chá e para dormir. Foi ele próprio quem preparou as coisas e declarou que aquele era o dia mais feliz da sua vida!





O António Melo<sup>25</sup> também veio ao bota-fora, no dia seguinte, na estação do Luso, e, pelas cinco horas da tarde, dávamos fundo no Fundão!

Um primo do meu colega, que por acaso estava na gare, levou-nos para a hospedaria da tia Mota e no dia seguinte, numa espécie de camionete, desembarcámos nas margens do Zêzere, na ponte que serve as minas da Panasqueira. Muito amável e generoso o primo do Cruz Gomes. Um que nos mostrava a vila disse-nos descaradamente que ela era a primeira de Portugal! Muito comércio; alguns edifícios importantes; magnífica fruta.

Fizemos a Hora Santa na igreja pública, concorridíssima, com linda música e muito recolhimento.

A tal espécie de camionete não gastou duas horas do Fundão para a ponte da Panasqueira, por enquanto trabalhando num cabo de vaivém. A carga do veículo era composta de sacos de sal, uma velha muito feia e os dois peregrinos. Tudo ficou aquém do rio, enquanto nós atravessámos, suspensos do cabo, mirando as águas barrentas do rio lá no fundo.

O meu companheiro não disse nada, mas eu vi tudo!

Eram duas horas da tarde quando nos metemos a caminho para casa do César<sup>26</sup>, tarefa de três horas no dizer dos entendidos. Uma mulher que dali seguia para o Bodilhão<sup>27</sup> prestou-se a pedir no lugar um guia seguro. Entrámos na igreja da povoação: um primor de asseio e



bom gosto. Um grupo de raparigas cantava e aprendia doutrina numa postura que edificava a gente!

E aí vamos nós, serra acima, em cata do César Roque. Mastigámos uma bucha à beira dum rego de água, despedimos o simpático guia, e agora de escantilhão, encosta abaixo, procurávamos, impacientes, a povoação das Meãs.

Esta era a minha primeira experiência de quilómetros serranos!

Uma mulherzita, a quem pedi uma caneca para beber água numa fonte, disse-me que não tinha caneca, nem copo, nem garrafa, nem nada; e deu-me um prato para beber! Invejei a sorte da mulher e registei a experiência: beber água por um prato. Nesta altura surge-nos um carro de bois. Quem era? Um irmão do César, o José, que vinha duma fazenda com um carro de batatas. Oh! se elas estivessem cozidas!...

E quando estreitávamos, nos nossos, os braços do César e do Joaquinzito, verifiquei que as três horas do homem do Zêzere tinham dobrado a parada!

No dia imediato, o primeiro sem nuvens desde a nossa partida de Coimbra, Cruz Gomes seguiu para Dornelas, de visita à família, donde regressou já noite, montado numa possante égua serrana; César Roque e eu fomos ver as minas da Panasqueira. É a meia encosta, no declive suave da serra, que ficam instaladas as casas de habitação, maquinismos, armazéns e uma linda capelinha que um

Diretor das Minas mandou construir e ofereceu à Diocese. No fundo corre um vale de terras amanhadas e logo se levanta outra serra, a entestar com esta — expressão contínua e uniforme destas redondezas. E lá ao longe o gigante da Estrela, majestoso, sobranceiro, barra-nos o horizonte. Um inglês que analisava minério, já moído, pronto para embarque, disse-me que não conhecia nada mais pitoresco na Inglaterra. José Ventura<sup>28</sup> “ciceroneou” o funcionamento das máquinas, lavagem do minério e mais coisas, e levou-nos às minas de estanho furadas a martelo de ar comprimido. Entre as muitas sensações que me vieram dentro das minas, não foi seguramente a mais pequena de todas o ter feito um grande “galo” na cabeça por me não saber humilhar! Petiscámos em casa do Ventura qualquer coisita que uma vizinha arranhou, pois a Mãe e irmãs deste tinham ido para Coimbra no dia anterior.

O Pai, homem baixo, simpático, cavaqueador e, com certeza, de muita confiança, pois dirige os armazéns da Companhia há cerca de vinte anos, o Pai, ia dizendo, presidiu à mesa e fez a despesa de tudo, cavaqueira “inclusive”. E logo seguimos para as Meãs, via Cebola. Aqui surge-nos dum olival, cesta no braço, enfiado numas calças pardas, muito alto, muito vermelho, nada menos que a figura respeitosa do Pai do nosso respeitoso José Pereira<sup>29</sup>! Sentiu imenso a ausência do filho e reclamou a nossa presença em sua casa para beber e mastigar.



Para um E:

Aceitámos a primeira proposta, recusando a segunda. A casa do José Pereira é rente à igreja, esta igualmente limpa, asseada e recolhida como a do Bodilhão.

Despedimo-nos do Pai do Zé Pereira e da igreja, onde fizemos a “Via Crucis”; em cima abanámos uma pereira num campo do César, à beira dum ribeirito; — refrescámos a boca nas peras e os pés na água, e já o sol varria as pontas das serras quando entrámos em casa, ricos da generosidade das serras e da pobreza dos seus habitantes.

Assim terminou o dia para logo vir outro, radiante, glorioso, que começámos a viver ainda com estrelas no firmamento. O meu companheiro de viagem continuou na visita à família, agora noutra povoação; eu nunca na minha vida conheci homem com tantos tios e primos como ele! César e eu descemos abaixo a Unhais. A igreja deste lugar é um bocadinho inferior às que tinha visto, mas o povo é irmão; muito recolhimento e respeito e uma considerável frequência de sacramentos.

De tarde subimos ao Picoto, no alto das Meãs, tão alto que só uma parte da Estrela nos empanava o horizonte. Tarde célebre, celeberrima por muitos títulos! Uma neblina impertinente prejudicou um tanto a visão dos largos horizontes; ainda assim a experiência foi para mim inédita.

Tenho subido a outros picotos, noutras terras, onde a vista se perde em planícies de areia; planícies de água; planícies de verdura e ali nada disso divisei. A vista caía



EX-LIBRIS

(A. N. P.)

sobre o dorso esguio de serras negras, num ondular seguido, constante, uniforme, deveras impressionante e a expressão de tudo quanto via tinha um misto de severidade e beleza que não se descreve facilmente. Entrámos em casa com muito apetite, já de noite, e soube bem a ceia quente que nos serviram.

A família de César Roque, no meu entender, é o padrão da maneira de ser e da maneira de viver da gente de trás da serra: simplicidade, grandeza, generosidade. O Pai, homem forte, meão de anos e estatura, é uma destas almas grandes que conquistam nomeada, não tanto pelo que têm ou sabem, como pelo que são; fez as minhas delícias, nas curtas horas que com ele passei. E, sem desprimor para os outros, de casa, quero apresentar a irmã que nos servia; — irrepreensível, pontual, suportando o cargo difícil dos arranjos domésticos duma casa de família. As camas eram em cima, à moda dantes, colchões de palha sobre bancos de pinho, com bragal brunido ao sol, perfumado de alfazema, nas grandes arcas de castanho. Oh! que gratas recordações não guardo eu da casa do César Roque! E foi daqui que partimos para a grande jornada, no dia 9 de outubro do ano da graça de 28.

Eu fui adiante, para Unhais, onde daí a nada chegam César Roque, montado num bicho que comprou na feira de Cantanhede, grande de mais para burro e pequeno de mais para cavalo — e Cruz Gomes na célebre égua dos tios.

Ali, na igreja do lugar, o nosso ex-companheiro Padre Aníbal<sup>30</sup> deu-nos o Pão dos Fortes. Despedimo-nos da igreja com o santo exercício da “Via Crucis”; matámos o bicho em casa de Padre Aníbal em alegre camaradagem e subiu comigo até meio da encosta, aquele que foi meu Mestre enquanto Seminarista e que eu quisera que igualmente o fora, para as almas que lhe confiaram.

A caravana compunha-se agora de três homens, dois burros e um cão, e, enquanto conversávamos sobre o programa a seguir, a égua do Cruz Gomes ferra um valente coice numa perna do César!

Em baixo, do Zêzere, subiam nuvens espessas de algodão e a garganta do Vidual, para onde nos dirigíamos, via-se ao longe, negra, enrugada, espreitando, debruçada, a corrente implacável das águas, no seu trabalho de séculos. Agradei ao César a feliz ideia de nos ter trazido ali. Não é nada vulgar um quadro daqueles, único em Portugal, com certeza<sup>31</sup>!

Trincámos qualquer coisa na morada do Rev.º P.º José Lourenço, que muito amavelmente nos acompanhou até Vidual de Cima, e não me foram nada indiferentes aqueles momentos felizes em que gozei tão simpática companhia; e descemos a Fajão, entre discussões enfadonhas de “ora agora montas tu, ora agora monto eu”, onde tudo terminou, felizmente, pois César regressou com os burros e o cão, e nós prosseguimos para Folques.

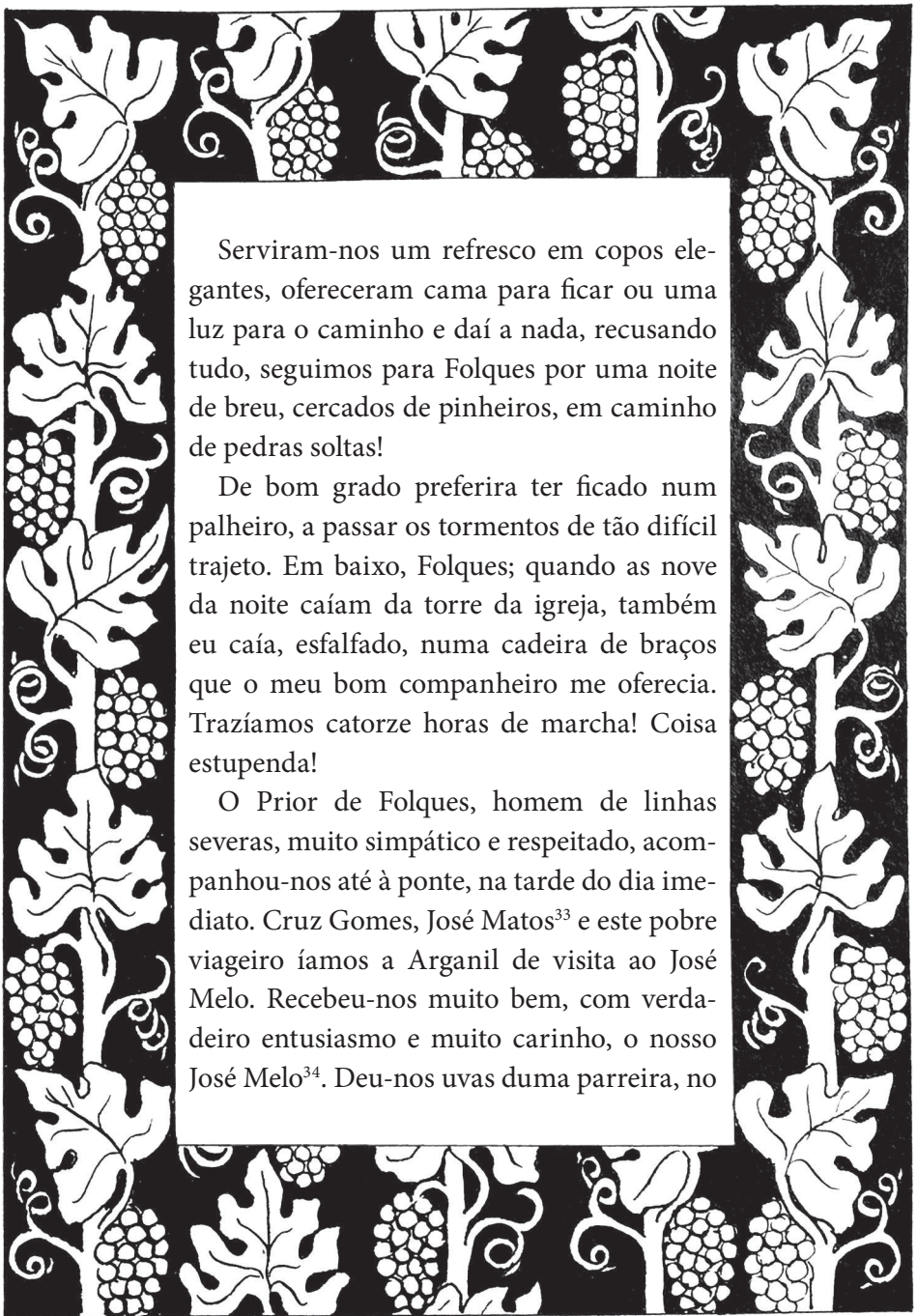
Descia o sol, e nós igualmente para a Mata, por um caminho lindíssimo nas margens do Ceira, entre a fresca ramagem de castanheiros.

Chegámos à porta do Nunes Pereira<sup>32</sup> por volta das 4 horas. Este apareceu-nos à janela do tugúrio, uma casita rústica, simpática, bem situada. Entrámos; vimos coisas; na cozinha havia jeitos de quem arranjava um pitéu e deixámos a Mãe e irmã indignadas com a desfeita de o não ter provado.

Havia por ali gente que costuma emprestar cavalos, mas que desta vez não emprestou nem alugou. O meu companheiro também não quis aceitar o arranjo do Nunes Pereira — ficar para o dia seguinte e o remédio foi arranjar uma cara muito linda, muito composta e com ela fazer frente à subida do Curatão, que já tinha a honra de conhecer por informações. Quando chegámos ao cimo, derreadinhos, o sol morria numa fogueira lá para as bandas do mar. Agora havia Torrozelas a vencer. Chegámos lá noite em fora.

O meu famoso companheiro, sobrinho e primo de toda a gente, subiu a uma casa do lugar, visitar tios e primos. Era uma casa alta de dois andares e a família, composta só de senhoras, recebeu-nos numa sala ajeitada à moda da cidade, pequena demais para tanta gente.

Tínhamos entrado na triste zona da triste civilização!



Serviram-nos um refresco em copos elegantes, ofereceram cama para ficar ou uma luz para o caminho e daí a nada, recusando tudo, seguimos para Folques por uma noite de breu, cercados de pinheiros, em caminho de pedras soltas!

De bom grado preferira ter ficado num palheiro, a passar os tormentos de tão difícil trajeto. Em baixo, Folques; quando as nove da noite caíam da torre da igreja, também eu caía, esfalfado, numa cadeira de braços que o meu bom companheiro me oferecia. Trazíamos catorze horas de marcha! Coisa estupenda!

O Prior de Folques, homem de linhas severas, muito simpático e respeitado, acompanhou-nos até à ponte, na tarde do dia imediato. Cruz Gomes, José Matos<sup>33</sup> e este pobre viajero íamos a Arganil de visita ao José Melo. Recebeu-nos muito bem, com verdadeiro entusiasmo e muito carinho, o nosso José Melo<sup>34</sup>. Deu-nos uvas duma parreira, no

quintal, e, em cima, na sala, serviu-nos um delicioso chá com bolos. O Pai, baixote, encorpado, vermelho, muito palrador e simpático, declarou que só por extravagância entrava em tal boda.

Passava pouco das sete quando entrei numa coisa a que, lá em Arganil, chamam hotel. Uma grande mesa oval, numa sala pequena, muito limpa, sentava três cavalheiros escanhoados, corretos; um de bigode farto, muito gordo, tomava a presidência e dava os dias santos; a criada, mulher durázia, cheia de carnes, interrogava os hóspedes de longe, com voz sacudida, ácerca de fruta, café, vinho e mais viandas.

Conversavam animadamente os meus colegas de mesa, sobre coisas e pessoas. Um deles, a propósito de um jantar oferecido a oficiais da Marinha inglesa, donde estes se retiraram em peso, à entrada dum mulato da Guiné, atacou com furor o particularismo deles e declarou que a sua maior glória era ter a certeza de assistir ao esfacelamento do Império e nós guindados logo à segunda Potência colonial do mundo inteiro!

Botei uns olhos de espanto no cavalheiro assanhado e continuei fleumático na ordem do jantareco. Podia ter-lhe dito que o Império Britânico não se esfacela facilmente porque os largos domínios estão ligados por sentimentos de raça, mas muito mais por interesses coletivos. A Inglaterra tem tanta necessidade de quem lhe compre



as suas faturas como os vastos domínios a têm de quem lhes compre a matéria-prima; eis o grande segredo da união do Império que o meu respeitoso companheiro terá o desgosto de deixar ficar como encontrou.

Nas nossas colónias existe, sem dúvida, o sentimento de raça, mas o interesse coletivo é menos considerável do que no caso dos domínios ingleses para com a Metrópole. As estatísticas aduaneiras dizem muito alto que a massa do comércio nacional é muito menor do que o realizado com o estrangeiro. O sujeito que gostaria de ver estoirar a Inglaterra talvez ignore que os fiadores portugueses de algodão vão comprá-lo, cultivadinho nas nossas colónias, à praça de Liverpool! E os fabricantes de sabões vão buscar a Marselha e a Hamburgo, aos milhares de toneladas, a matéria-prima que cultivadores portugueses das colónias portuguesas para ali exportam em fabulosas quantidades. Quem está mais arriscado a perder terreno?

Pudera ter falado assim em terras de Arganil, mas preferi vir fora sorver a aragem fresca da noite, deambulando na avenida do Paço. Um homem botava foguetes à porta de uma coisa que ali chamam teatro, anunciando espetáculo naquela noite. Desci abaixo ao hotel, subi a uma espécie de quarto, deitei-me numa espécie de cama, e por volta da meia-noite entra um homem a fazer muito barulho e no seu quarto, contíguo ao meu,

recita tragicamente uma parte considerável da tragédia que representara. Não lhe paguei o prazer do espetáculo nem lhe pedi nada pela maçada que me deu.

A camionete de Folques buzinou às 5 da manhã; o silvo da locomotiva da Lousã, às 8 e eram 10, contadas pelo relógio, quando entrámos as portas do Seminário.

Gente bendita de trás da Serra!

Pobrezinhos; pequeninos que cavais o pão de cada dia no fundo dos montes, em courelas de duro amanho — e contudo saís muito mais generosos do que os largos horizontes dos vossos sítios —, daqui vos saúdo efusivamente, sinceramente, eu, que não mereço nem sequer limpar a poeira dos vossos grosseiros sapatos! Foi em montes como os vossos, a gente da vossa igualha, que Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou outrora e ensina hoje, as mais sublimes páginas do Evangelho! Não é de forma nenhuma aos grandes nem aos sábios nem aos prendados que Ele se comunica, mas sim somente aos pequeninos, aos pobrezinhos, aos simples — e aos que vivem crucificados no seu carácter, suportando-se com muita coragem e paciência, sofrendo em silêncio conscientemente, divinamente, as quedas de todos os dias!

Oh! como são extraordinariamente felizes os que sabem viver, deixando-se morrer aos bocadinhos!

Gente bendita de trás da Serra! — digo.

A minha suprema consolação é a esperança firme em que vivo de que dentro em breve volverei a visitar-vos, sem saco nem bordão, eu pobrezinho e pequenino como vós, pedir uma côdea por esses presbitérios e com ela, cantar nos púlpitos das vossas igrejas — lindas e asseadas como as vossas almas — os vossos trabalhos, a vossa altíssima pobreza, a vossa grandeza e a vossa dignidade em Nosso Senhor Jesus Cristo.<sup>35</sup>

Fr. Junipero



## DAS COISAS E DAS PESSOAS



Foi em julho passado. Os exames estavam a dar as últimas, e os seis ou sete que esperavam a terrível prova andavam por aí irrequietos, meditabundos, excitadíssimos.

É que o caso não era para menos; os professores esticavam valentemente.

Sentavam-se ali na mesa da 4.<sup>a</sup> [prefeitura] todos juntos na ponta do fundo.

Um dia apareceu na roda um tacho de alumínio pequeno, muito ajeitadinho, cheio de papas! Oh! que rica coisa!

Ele vai, agarra no dito tacho, trá-lo para a mesa; serve-se de carne; mistura as papas; saboreia, e apenas encontra um pequeno defeito: a irmã esquecera o açúcar!

Daí a nada ouve-se: — Está lá?

— Está sim senhor; que é que deseja?

— As papas do “Amigo do Povo”!

Eis uma coisa e uma pessoa.

Agora vai uma pessoa e uma coisa.

Tinham vindo todos três lá de cima, do cabo do mundo, na manhã de 10 de outubro passado, em direção ao Farropo, mas logo adiante um deles larga a companhia para se encaixar no meio de três almocreves muito besuntados, escanchados em cima de três bichos a morrer de fome, com três grandes maçanetas no meio dos olhos.

A conversa aquecera, muito batida, muito gesticulada; verdadeiramente animadora. Falava-se da triste vida dos almocreves, dos ganhos curtos, das manhas do gado. Veio a feira da Covilhã, a nova estrada da Pampilhosa, uma das histórias de Fajão, mais estafadas do que os machos; — um dos almocreves contou mesmo que ali naquele lugar, o ano passado, tinha perdido o melhor macho, que lhe morrera debaixo da carga, com uma indigestão de favas.

Ora foi precisamente nesta altura que o nosso homem se volta para ver o lugar da sepultura, em vez do que, vê que havia perdido a saca do arranjo que trazia, farnel e tudo! Salta abaixo; prende o burro, e lá vai ele serra em fora, à procura da bolsa. Fajão ficava já lá muito em baixo, e o homem caminha sempre, olhos no chão, maldizendo a sua sorte. Eis senão quando para de repente, arregala os olhos; bate na testa e exclama: E se me roubam o burro!? Larga a saca e acode ao burro. Estava lá o burro!

No Farropo encontra os companheiros. A camionete buzina a partida e o homem, que deixara a saca no caminho, deixa agora ali o sobretudo, em cima duma tojeira, à porta dum casebre!!

Oh! se vissem a cara dele quando cá chegou! depenadinho de todo, sem saca, sem merenda, sem sobretudo, sem nada!<sup>36</sup>

*Fr. Jun. pere*





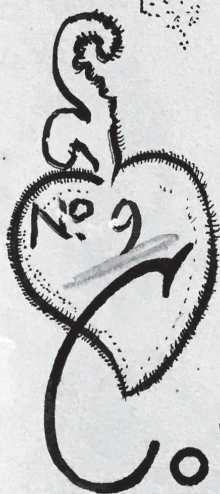




9  
LVME



NOVO



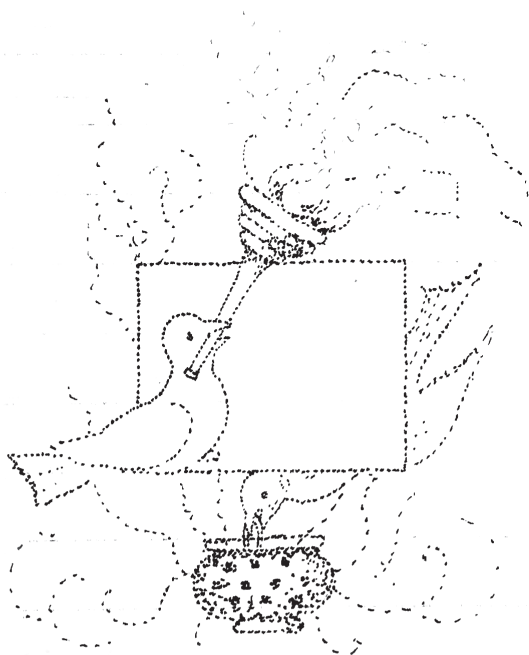
Coimbra — 1929





# LVME NOVO

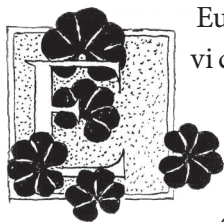
N.º 9



Seminário de Coimbra,  
FEVEREIRO DE 1929.



## OS ALBINOS



Eu conheci um Albino e confesso que não vi coisa tão miserável em toda a minha vida!

Passava os dias de cócoras à porta da palhota, a ruminar coisas, com a cabeça entre os joelhos à moda dos orientais; escondia as ancas numa tanga muito

sebenta, a quem o sol lambera a cor; por entre os grossos lábios escapava-se a densa fumarada dum canudo de folhas de tabaco nativo, que ele queimava ao contrário dos fumadores da nossa terra, isto é, a parte acesa era precisamente a que ele escondia na boca. Assim fumam os pretos e as pretas em terras da Cafraria.

Tinha uns olhos de fogo, sem pestanas; os lábios e o nariz eram como os dos mais, mas a pele, essa era mais branca do que a de muitos dos presentes, sem ofensa para os morenos.

Os da vizinhança não queriam contas com ele; as mulheres desprezavam-no e se havia qualquer desastre na povoação, de quem cuidam os senhores que era a culpa? Do pobre Albino!

Assim se passam as coisas com os Albinos de África.  
Os da Índia, também não são tidos em muito boa conta pelos seus compatriotas, contudo são mais tolerados e não lhes atribuem os desastres da fortuna.

Mas existe precisamente na Índia uma outra raça de Albinos, que sendo Albinos como os mais, são no entanto imensamente mais que eles; quero referir-me aos elefantes albinos e a este respeito vou contar uma história verdadeira, interessantíssima, que se passou nos fins de 1927.

Uma das mais importantes riquezas da Índia, como toda a gente sabe, é a exportação de madeiras preciosas e de construção, entre as quais a teca ocupa o primeiro lugar. Os índios penetram nas florestas, algumas virgens, “onde a mão do homem nunca pôs o pé” e derrubam as grandes árvores, cujos troncos são puxados para o litoral por elefantes domesticados. Uma vez ali, são os toros gigantes serrados, aparelhados e exportados para todo o mundo.

Ora foi numa destas florestas de teca, encravada no reino de Sião, que uma senhora elefanta das que puxavam madeira deu à luz um menino albino, quer dizer, um elefante branco.

Um elefante branco é coisa de grande veneração entre os Budistas, pois que, como é sabido, é justamente nesta



forma que o Gautama Buda se há de apresentar novamente aos seus milhões de adoradores, numa época que os astrólogos não puderam ainda decidir definitivamente. Por isso o grande acontecimento foi imediata e oficialmente comunicado a sua Majestade, o rei de Sião, que por sua vez o comunicou aos grandes da nação.



Logo da capital segue para a floresta uma deputação de “Samos” ou monges, acompanhados dum macaco branco, conforme a tradição, a fim de prestarem ao “menino” a devida honra e reverência, até este ser capaz de fazer a viagem para a capital, a cidade de Banguécoque.

Esta fez-se auspiciosamente em novembro do ano da graça de 1927. Da capital segue para cima um comboio especial com cerca de 300 oficiais maiores do governo, entre os quais dois príncipes da família real e uma nova remessa de “Samos” nos seus hábitos amarelos. Menino e Mãe tomaram lugar numa carruagem adequada ao seu *modus vivendi*, e aí regressa o famoso cortejo à capital.

No trajeto há paragens oficiais, onde as autoridades e povo, aos milhares, vêm cumprimentar suas excelências, havendo então festas de comes e bebes com des-cantes populares, enquanto os ilustres homenageados arejam a tromba e escarafuncham com ela coisas na relva. Na estação da capital o comboio é aguardado pela



corte. A cegada apeia-se e põe-se em marcha para um dos parques reais, onde um enorme pavilhão acaba de ser levantado para receber festejados e festeiros.

Agora a cerimónia é soleníssima: vai-se impor um nome ao menino, para o que lhe é aplicado um banho de água lustral pelas mãos de sua majestade na presença de centenas de sacerdotes, da corte e de muito povo.

A seguir, lança-se ao pescoço do albino uma enorme corrente de ouro, sinal de autoridade.

Decreta-se uma semana de gala; os oficiais que acompanharam o elefante são condecorados, e o regabofe na cidade é muito mais aceso do que o São João de Braga!

Aonde e quando é que o Albino Pedro ou o Albino Simões hão de ter jamais uma glória assim?<sup>37</sup>

*Fr. J. J. J.*



# **LVME**

---

# **NOVO**

10



## O CANTADOR

Cantar é a expressão constante, a fisionomia alegre do universo. O sibilar dos ventos, o marulhar das águas, o riso das flores, os ais do mar, o cair das folhas, — tudo é cantar. A natureza é a canção eterna!

O *cantador*! Que lindo, como gosto deste nome!

A gente da minha terra não lhe sabia outro. Quem vem lá? O *cantador*! Como se chama? O *cantador*. Que faz ele? É *cantador*; e a sua fama corria aquela nesga de terra, que se estende desde a Maia a Amarante, nas asas da alegria popular. Todos iam ouvi-lo, comentando, delirantes, as *loas* do *cantador*.

Morava fora das nossas portas no lugar do monte, numa casita de colmo, negro dos anos e do fumo da lareira, e nas horas vagas cortava pedra a guilho, para esteios de ramadas.

Nunca me lembro de ter faltado o *cantador* em nossa casa, no dia da arranca do linho e ceifa do centeio. Para estas festas vinha também a *cantadeira* de Canelas, que chegava de véspera, a convite de minha Mãezinha. Era uma mulher de meia-idade, trigueira, muito alta,

desembaraçada, lenço branco na cabeça e avental da mesma cor, grandes arrecadas à moda do Minho e um jeito travesso no olhar que lhe dizia muito bem. De manhã, muito cedo, antes do erguer do sol, dava entrada o rancho no largo terreiro com sua festa aparelhada e logo a voz vibrante do *cantador* dizia:

*“Zi Ó Senhora Teresinha,  
Abra o tonel do centro,  
Qu’o cantador ‘stá cá fora  
Mas quiere entrar lá pra dentro.”*

e a *cantadeira* vai:

*“Este nosso cantador  
Sempre é homem de quartilhos,  
Pra beber vendeu as meias  
Só reservou os atilhos.”*

As moças de casa descem então abaixo com ramos de flores de papel e trevo, compradas adrede nas feiras de Penafiel, que os ceifeiros colocam nas fitas dos chapéus, e em paga recebem destes grandes penadas de alfádegas, que por sua vez são distribuídas às ceifeiras.

Esta parte é obrigatória no cerimonial do dia. E logo as hastes finas do linho verde e a palha doirada do

centeio caem aos golpes impiedosos da garrida mocidade. De tarde, sai da corte a melhor junta de bois; do beiral o grande jugo de freixo d'arabescos entalhados; sai também o carro que melhor canta e com ele toda a gente, a levar o linho ao rio, que serpeia por entre outeiros verdejantes, no fundo do lugar de Pereiros.

As grandes mesas estão postas, fora das portas da cozinha, sob as ramadas do terreiro; sobre alvas toalhas de linho colocam-se os alguidares de arroz do forno e de sopa seca; os anhos assados, loiros, a pingar gordura, deitam-se em camas de salsa verde, dentro de prateiros de Sacavém e de dentro de grandes infusas de barro vidrado, o vinho verde alegre, a saltar, espreita os circunstantes.

Começam a chegar do rio os ceifeiros e ceifeiras. Trazem todos o perfume fresco das flores dos campos, a alegria dos dias de festa e o apetite sadio da gente moça. Tomam lugar à mesa. *Cantador* e *cantadeira* presidem. Serve-se em silêncio forçado a tigela do caldo; chegam-se os alguidares em ruidosa cavaqueira e, quando as infusas passam, chega o barulho lá ao fundo, na orla dos campos!

Agora levantam-se as mesas e começa então a grande, a verdadeira festa; vai-se dançar o “vira”. Os mestres da viola afinam p'ra mouraria. As moças em posição ajeitam as saias, dão o último toque ao lenço da cabeça e

quando as violas gemem a primeira toada sob os dedos grossos dos tocadores, — elas lançam-se no espaço em graciosos requebros. As castanhetas de buxo tremulam no ar.

O *Cantador* bota a *loa*:

*“Rapazes, virai, virai  
As costas ao Cabedelo,  
Que naufragou um navio  
Com pentes para o cabelo.”*

E a *Cantadeira* vai:

*“Com pentes para o cabelo  
Nas ondas do alto mar  
Zi ó raparigas virai  
Que eu gosto de ver virar.”*

A debandada começa pela noite dentro. “Bote-me a sua bênção, meu amo; vamo-nos embora.” A minha Mãezinha, com um grande lenço de Alcobaça traçado no peito, e o cordão do casamento ao pescoço espera-os mais abaixo, com uma palavra amiga para cada um. “Minha ama, dizem, não rogue mais ninguém; quando precisar, ocupe-me.”

Oh! mas não ficavam por aqui os bons ofícios do *cantador*; também botava *loas* às conversadas.

Os interessados falavam-lhe de antemão; contavam-lhe o curso do namoro; os pontos sensíveis em que devia tocar e ele, o *cantador*, fiel à confiança, cantava em trovas discretas os desejos do pretendente, fora das portas da casa, debaixo da janelita do sobrado, num luar brilhante de janeiro.

Oh! como a voz do *cantador* retinava por aquelas redondezas, nas noites mansas de luar sereno!

A Sofia do Pugeiro morava no nosso lugar, numa casita branca e alegre como ela, lá no fundo do caminho, perdida entre os ramos dos carvalhos, numa grande devesa: — e tinha festas quase todos os sábados, esta interessante rapariga.

O pretendente, muito brioso e muito resolvido, escolhia tocadores de fama e queria a festa bem aparelhada; — viola, harmónica, rebeca, ferrinhos e tambor. Uma vez ouvi o *cantador* assim:

*“Não sei como não cáí,  
Quando passei ao regato;  
Como tens tu, ó Sofia,  
Um coração tão ingrato.”*

E logo o outro vai:

*“Como tens tu, ó Sofia,  
Tão injusto coração,  
Que pagas tanto carinho  
Com tanta ingratidão.”*

Mas estas festas também têm o seu protocolo. Se a festejada não acender a candeia, quer dizer que não aceitou a festa e ao contrário, se a acende, o moço, no domingo seguinte espera-a à porta da igreja e acompanha-a até casa, ambos com o melhor fato, com os melhores modos e com as melhores esperanças!

✱

Era assim o *cantador*. Como eu gosto deste nome, — o *cantador*! que linda profissão para qualquer de nós! *Cantador*!

Cantar, sem viver de cantigas! Que linda profissão para qualquer de nós, digo!

Eu tinha vivido de cantigas; primeiro no regaço quente da minha mãe; mais tarde no sorriso fagueiro do mundo; e agora, que não vivo de cantigas, sou *cantador*! Sou o *cantador*.

*Misericordias domini in aeternum cantabo.*<sup>38</sup>







# **LVME**

---

# **NOVO**

12



## DAS COISAS E DAS PESSOAS

Ele não é bem uma coisa nem é bem uma pessoa; é, na linguagem difícil dos metafísicos, um suposto. Suposto quer dizer: supõe que é mas não é. Tem todas as coisas para ser alguma coisa, mas como lhe falta uma certa coisa, não é coisa, nem é pessoa.

Então quem é? É um suposto.

Assim, por exemplo, o nosso jerico. Não é coisa porque é um animal, não é pessoa porque é um burro. Então que é? É um suposto. Ora aí têm.

Pois é do nosso jerico que eu vou falar.

Veio para cá ele aqui há tempos com maus costumes e jeitos de garoto. Não fazia caso do Aires; não queria vestir a casaca; saía de noite do curral sem licença de ninguém; e de dia, muitas vezes, ia dar o seu passeio até às portas do Liceu. Pois um dia, tal coisa lhe segredou o Aires, que o jumento nunca mais saiu sem ser de coche e sempre acompanhado, e cá por casa não mais fez das suas.

A janela do meu quarto diz para o portão. Pois eu tenho visto o senhor jerico muitas vezes em atitude de quem quer ir dar o seu bordo até lá fora. Mas pensa

no caso; dá voltas à vida, olha para trás, lembra-se do recado do Aires e enfia para o curral.

Temos então que é suposto porque não é coisa; temos mais que não é pessoa porque é burro; mas também temos que não é burro porque é esperto.

E aqui está como o suposto dos metafísicos vem atrapalhar tantas vezes as nossas suposições.

\*

Agora sim; são as pessoas. Duas pessoas: o sacristão da semana e uma pessoa de fora.

“Aquele é que é o Senhor Bispo, não é? Cá me parecia. Ele já foi à minha terra; eu era regedor e peguei às varas do pátio. Pois eu venho para me confessar a ele.”

No fim rapa da carteira — uma carteira muito sebenta, cheia de notas e de bazófia — mete alguma coisa nas mãos intrigadas do Alexandre e enfia pela porta fora.

“Calha bem! — diz o Alexandre, antes de abrir a mão — já não preciso de ir dar este ano as Boas-Festas!” E todo trémulo espreita a nota. Era uma das de dez tostões que já não passam!!!<sup>39</sup>

## DAS COISAS E DAS PESSOAS

Ela aparecia sempre no dia marcado, ao cantar do galo, e logo se dava começo à tarefa. Vinha urdir teias de linho, a Carolina tecedeira!

Era muito alegre. Tinha o jeito do tear e pelas mãos delicadas passara-lhe todo o pano de linho guardado nas arcas fortes daquelas redondezas.

Vinha urdir teias de linho, a Carolina tecedeira!

Em cima, no sobrado grande, a urdideira preparara-se na véspera, à tarde. O fio de quarenta novelos corria-lhe agora por entre os dedos e, à medida que o fiado engrossava nos braços da urdideira, iam desaparecendo os novelos, sempre a girar nos escaninhos da caixa.

Como era lindo ver passar nos dedos da tecedeira este fiado de neve, que havia sido arrancado à terra em maio do ano anterior; que havia enchido os fusos palradores das fiandeiras, à lareira, nas noites compridas do inverno; que tinha ido à barrela de cinza durante todo o março e o abril; que se vira branquear sobre leiras de relva e flores, fitando de dia o sol em brasa e à noite o olhar macio das estrelas! Tinha levado a vida numa

romaria constante e ainda agora era a rir, a rir muito alto, que ele passava nos dedos da tecedeira!

Tinha vindo urdir teias de linho a Carolina tecedeira!

\*

Era viúva, um dia, nos seus tempos de moça, o cantador botara esta *loa* à janela do tear:

*“Aqui estamos os três moços  
Do lugar de Quebrantões.  
Os nossos três corações  
Qual de vós é que falseia.  
Serás tu, ó Carolina,  
Felisbela, ou Doroteia?”*

A Carolina não falseou ninguém, mas logo ficou viúva. E como não havia de ser assim, se ela desde muito pequena prometera ser do tear?

Urdia teias de linho a Carolina tecedeira!<sup>40</sup>







N-13



**LVME  
NOVO**





LUME

NOVO

13

Seminário de Coimbra  
junho 1930





[1]

O *Lume Novo* vem em má ocasião; nem agora há graça que tenha graça. Anda tudo praí numa fona; — ele são digestões mal feitas; ele são noites mal dormidas; ele são bocados mal passados. E os Mestres a “sticar” e os rapazes a “stender-se” e os exames à “spreita”!

As cigarras da “Segunda” têm levado o ano numa cantoria rasgada a medir forças e a ver quem tem mais barba; pois talvez agora dancem!

O único que tem tomado as coisas a sério é o senhor Aníbal “Velho”, que faz a barba uma vez em cada três semanas, mas que tem obras de quem na faz todos os dias. Não costumo dar nem pedir graxa para ninguém, mas dizer que o senhor Aníbal Henri”es [*sic*] [Henriques?] ficava muito bem “spetado” na ponta dum dezassete, não é favor; é justiça. E aqui fica o recado, para os interessados.

## II

O pãozinho não faz mal a ninguém; está ali sobre a mesa tão sossegadinho, coitadinho, à espera de quem no rilhe. Não faz mal a ninguém, o pãozinho do café! E eles vêm lá de cima desenfreados, sentam-se à mesa; agarram no pão, rapam do guardanapo e desatam à lambada ao pobrezinho; leva tantas, tantas, que nem um bombo numa festa. Será a sacudir a farinha de fora? E porque não sacodem a de dentro? Que mal pode fazer a farinha de fora, quando a de dentro faz tão bem!

Oh! O pãozinho do café que não faz mal a ninguém e é tão mal tratadinho!

O *Lume* pede misericórdia!





### III

E o nosso Raul! Vocês ouviram-no fechar o mês?  
Ouvi eu.

Nós todos com os olhos muito abertos, a ver como ele  
fechava a festa, e ele vai e fecha o sermão! O contrário  
é que nós queríamos, Raul. Para ter fechado bem, devia  
ter aberto tudo!





#### IV

emos cá um que tem tinha; a tia dele também tinha tinha e o barbeiro, para não haver mais tinhosos cá em casa, quer que ele seja o último a cortar o cabelo e logo desinfeta a ferramenta. Ele então queixa-se “que é sempre o último a cortar o cabelo do Seminário!”.

Já me parece a irmã do Dario a fazer flores para a igreja de papel!

#### V

“Tomemos a resolução de praticar o pecado e evitar a virtude”, dizia há dias um na Capela da “Terceira”, piedosamente.

O rapaz promete...

#### VI

Os exames de catecismo decorreram fecundos e luminosos e sobretudo originais nas definições.

Um dos interrogados, falando acerca do pecado e suas consequências, disse que o pecado original é aquele pecado que Adão cometeu na cabeça de todos os cristãos!



[VII]

Eu não sabia a que propósito vinha aquela discussão azeda do Alexandre na Quarta-Feira de Cinzas. Que era preciso, dizia ele, acabar com a chuchadeira da pregação dos Seminaristas; que nunca nenhum converteu nem jamais havia de converter almas e que se sujeitavam a andar nas bocas do mundo e a cair na trama das “coisas e das pessoas”.

E o recreio era pequeno pròs gestos do Alexandre!

Não sabia a que propósito vinha, mas depois soube.

É que ele perdeu-se nas cinzas de quarta-feira e uma velha, vendo-o bracejar no supedâneo, mandou-lhe para cima um ar de troça que ele não pôde suportar.

“O diabo da velha, atrevida; se fosse eu a impor a cinza esfregava-lhe os olhos com ela!”, dizia ele!



[VIII]

Lá pela “Segunda” vai um grande bródio.

O Dario pinta macacos; o Curto é encadernador; temos lá um que já contou os ninhos de pardal no telhado da “Casa Nova” e há dias matou dezoito pulgas duma assentada no cobertor da cama; um outro, que não é nada peço em matemática, disse-me que o relógio bate horas 396 vezes por dia; 145 450 por ano e para cima de vinte e seis milhões

de vezes desde que o Seminário existe — e todos eles, às tristes, sentam-se na cadeira do triste quarto a rufar árias nas costas dos livros com os nós dos dedos, e a prova de tudo isto vai ser tirada brevemente.

[IX]

Agora nem coisa nem pessoa, nem suposto nem nada. Agora a “rés”.

E deu que falar a tal “rés” porque os bichos que não sabem ainda filosofia cuidam que “rés” e rês é tudo a mesma coisa. Ora como toda a carne vem de rês, e como eles confundiam rês com “rés”, segue-se que ninguém tocava na carne do jantar naqueles dias. O Duarte Marques levou mesmo a sua ignorância até mais longe; ainda a “rés” era suposto, e andava ali no recreio em três pernas e ele declara à mesa em alto e bom som que não queria carne que era de burro.

Um outro, num dia em que houve carne com favas e que o suposto já era “rés”, pergunta ao Herculano:

— A carne hoje seria de burro?

— Não é nada; tu é que és um grande burro. Pois tu não sabes que as categorias são incomunicáveis. Todas saem da mesma substância, mas a essência é diferente e se o burro agora é “rés” como queres tu que seja rês?

Ora toda a carne vem de rês “ergo”...<sup>41</sup>

*Tr. V. Ribeiro*











## NOTAS

<sup>1</sup> Frei Junípero, “Vantagens da Gazeta”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926). Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 358 (30 nov. 1957), p. 1, col. 1-3; p. 4, col. 5.

<sup>2</sup> Fr. Junípero, “Estranhos costumes do Oriente”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926).

<sup>3</sup> Frei Junípero, “As pombas”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926). Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 383 (15 nov. 1958) p. 1, col. 1-3.

<sup>4</sup> Frei Junípero, “Mulheres depreciadas”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926).

<sup>5</sup> Frei Junípero, “Um milagre”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926). Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 359 (14 dez. 1957) p. 1, col. 1-3.

<sup>6</sup> Américo d’Aguiar, “Mansões de Paz”. *Lume Novo*, n.º 2 (fev. 1927). Número comemorativo do sétimo centenário da morte de S. Francisco de Assis. Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 360 (28 dez. 1957), p. 1, col. 1-3; p. 3, col. 1-2.

<sup>7</sup> Fr. Junípero, “Aleluia!”. *Lume Novo*, n.º 3 (Páscoa de 1927). Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 361 (11 jan. 1958), p. 1, col. 1-2.

<sup>8</sup> Fr. Junípero, “Uma grande descoberta”. *Lume Novo*, n.º 3 (Páscoa de 1927). Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 386 (27 dez. 1958), p. 1, col. 3.

<sup>9</sup> Frei Junípero, “A catequese na colónia de férias”. *Lume Novo*, n.º 4 (jul.-ago. 1927). Número especial da Colónia de Férias de Buarcos em 1927. Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 366 (22 março 1958), p. 1, col. 1-2; p. 3, col. 3-5.

<sup>10</sup> Frei Junípero, “S. O. S.”. *Lume Novo*, n.º 4 (jul.-ago. 1927). Número especial da Colónia de Férias de Buarcos em 1927. Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 364 (22 fev. 1958), p. 1, col. 1-2.

<sup>11</sup> No original, “chegam”. Em posterior anotação, a lápis, escreveu-se [Américo Monteiro de Aguiar?] “regressam”.

<sup>12</sup> Neste ponto, no original, lê-se a seguinte frase, posteriormente cortada a lápis [por Américo Monteiro de Aguiar?]: “Ninguém sabe.”

<sup>13</sup> Frei Junípero, “As pérolas”. *Lume Novo*, n.º 4 (jul.-ago. 1927). Número especial da Colónia de Férias de Buarcos em 1927. Retomado em “Facetas de uma vida”. *Gaiato*, n.º 367 (5 abril 1958), p. 1, col. 1-2; p. 2, col. 1-3.

<sup>14</sup> “Felizmente este balneário nas *Catacumbas* (assim chamavam os alunos aos *baixos* do edifício central do Seminário de Coimbra), antevisto nesta pitoresca e oportuna crónica, escrita pelo Padre Américo há trinta anos, há muito que foi construído, funcionando em ótimas condições e de utilização contínua. Não culpemos os superiores dos Seminários dessa época, pois ninguém ignora as precaríssimas condições em que viviam os poucos que destes sobreviveram ao *furacão* de 1910. Hoje, graças a Deus, estão a mudar as suas condições de vida, como mudaram profundamente os hábitos dos seminaristas. E estão a transformar-se lentamente, neste ponto para melhor, os

hábitos da população portuguesa”. Nota apostada em *O Gaiato*, n.º 369 (3 maio 1958), p. 4, col. 4-5.

<sup>15</sup> Frei Junípero, “Duas palavras acerca de duas coisas”. *Lume Novo*, n.º 5 (fev. 1928). Não localizado. Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 368 (19 abril 1958), p. 1, col. 1-3; p. 4, col. 1-2; n.º 369 (3 maio 1958), p. 1, col. 1-3; p. 4, col. 3-5.

<sup>16</sup> [NÃO ASSINADO], “Alguma coisa do que eu senti”. *Lume Novo*, n.º 6 (março 1928). Número especial comemorativo do Retiro Espiritual pregado pelo Rev.º P.º Mateo Crawley em fevereiro de 1928.

<sup>17</sup> [NÃO ASSINADO], “O apóstolo do amor e da vida”. *Lume Novo*, n.º 6 (março 1928). Número especial comemorativo do Retiro Espiritual pregado pelo Rev.º P.º Mateo Crawley em fevereiro de 1928.

<sup>18</sup> Fr. Junípero, “Uma rapsódia”. *Lume Novo*, n.º 7 (9 jun. 1928). Número consagrado à despedida dos alunos do 4.º ano teológico. Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 370 (17 maio 1958), p. 1, col. 1-2; p. 3, col. 4; n.º 371 (31 maio 1958), p. 1, col. 1-3; n.º 372 (14 jun. 1958), p. 1, col. 1-2; n.º 373 (28 jun. 1958), p. 1, col. 1-2; p. 2, col. 5.

<sup>19</sup> “O companheiro era o António Antunes da Cruz Gomes, mais tarde ordenado, aluno da Universidade de Estrasburgo e professor do Seminário de Coimbra, morto prematuramente em 1948, quando tanto havia a esperar ainda da sua vigorosa e penetrante inteligência e invulgar cultura.” Nota apostada em *O Gaiato*, n.º 374 (12 jul. 1958), p. 4, col. 3.

<sup>20</sup> “O Rev.º Padre Basílio da Costa Morgado, ao tempo pároco de Lorvão e hoje exercendo o mesmo múnus na freguesia de Corticeiro, da Diocese de Coimbra.” *Ibidem*.

<sup>21</sup> “O Rev.º Padre Manuel Marques, já falecido em 1955, depois de ter sido professor do Seminário, pároco de S. José de Coimbra, Assafarge e Penacova e Diretor Espiritual do Seminário de Coimbra.” *Ibidem*.

<sup>22</sup> Neste ponto, no original, lê-se a seguinte frase, posteriormente cortada a lápis [por Américo Monteiro de Aguiar?]: “Esfregámos as mãos de contentes como se tivéssemos escapado de um naufrágio.”

<sup>23</sup> “O mais tarde Mons. Raul Duarte Mira, vigário-geral da Diocese de Aveiro e presentemente missionário em Moçambique”. *Ibidem*.

<sup>24</sup> Também neste ponto, no original, lê-se a seguinte frase, posteriormente cortada a lápis [por Américo Monteiro de Aguiar?]: “: abriu a porta e mandou entrar.”

<sup>25</sup> “António Lopes de Melo, atual pároco de Pousaflores.” Nota aposta em *O Gaiato*, n.º 375 (26 jul. 1958), p. 4, col. 5.

<sup>26</sup> “O César Pereira Roque, falecido, pouco depois, jovem pároco de Mouronho.” *Ibidem*.

<sup>27</sup> “Atual Aldeia de S. Francisco, no concelho da Covilhã.” *Ibidem*.

<sup>28</sup> “O atual pároco de Lavos, Rev.º Padre José Monteiro Ventura”. Nota aposta em *O Gaiato*, n.º 376 (9 ago. 1958), p. 4, col. 4.

<sup>29</sup> “Não se ordenou, residindo atualmente em Cebola, sua terra natal”. *Ibidem*.

<sup>30</sup> “O Rev.º Padre Aníbal Dias Pacheco, atual pároco da freguesia de S. José, da cidade de Coimbra.” Nota aposta em *O Gaiato*, n.º 377 (23 ago. 1958), p. 3, col. 3.

<sup>31</sup> “Foi na ‘garganta’ do Vidual que se construiu dez anos depois a Barragem de Santa Luzia, onde estagiou o Eng.º Carlos Galamba, antes de ser o Padre Carlos dos *Gaiatos*...”. *Ibidem*.

<sup>32</sup> “Augusto Nunes Pereira, poeta e artista, atualmente pároco de São Bartolomeu e chefe de redação do *Correio de Coimbra*.” *Ibidem*.

<sup>33</sup> “O José Lourenço de Matos, atual pároco de Midões.” Nota aposta em *O Gaiato*, n.º 378 (6 set. 1958), p. 4, col. 2.

<sup>34</sup> “José da Costa Melo, Pároco atual de Penalva de Alva.” *Ibidem*.

<sup>35</sup> Fr. Junípero, “As experiências de dois famosos viandantes”. *Lume Novo*, n.º 8 (nov. 1928). Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 374 (12 jul. 1958), p. 1, col. 1-2; p. 4, col. 1-3; n.º 375 (26 jul. 1958), p. 1, col. 1-2; p. 4, col. 4-5; n.º 376 (9 ago. 1958), p. 1, col. 1-2; p. 4, col. 3-5; n.º 377 (23 ago. 1958), p. 1, col. 1-2; p. 3, col. 3; n.º 378 (6 set. 1958), p. 1, col. 1-2; p. 4, col. 1-2; n.º 379 (20 set. 1958), p. 1, col. 1-2.

<sup>36</sup> Fr. Junípero, “Das coisas e das pessoas”. *Lume Novo*, n.º 8 (nov. 1928). Retomado em “Facetas de uma vida: Das pessoas e das coisas”. *O Gaiato*, n.º 384 (29 nov. 1958), p. 1, col. 1-3, antecedido da seguinte nota: “‘Das Coisas e das Pessoas’ é a secção alegre do *Lume Novo*. Nela se criticam defeitos, comentam episódios, apontam casos picarescos, ou surpreendem, deslizes cómicos dos alunos do Seminário. Faz-se isso por motivos simplesmente humorísticos, quando não com uma finalidade educativa de acordo com o prólogo latino: *Ridendo castigat mores*.”

Julgamos que aqui, tal como nos n.ºs 385 e 386, *O Gaiato* se engana titulando “Das pessoas e das coisas” em vez de “Das coisas e das pessoas”.

<sup>37</sup> Fr. Junípero, “Os albinos”. *Lume Novo*, n.º 9 (fev. 1929). Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 380 (4 out. 1958), p. 1, col. 1-3; p. 3, col. 3.

<sup>38</sup> Frei Junípero, “O cantador”. *Lume Novo*, n.º 10 (jun. 1929). Não localizado. Retomado em “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 381 (18 out. 1958), p. 1, col. 1-3; n.º 382 (1 nov. 1958), p. 1, col. 1-3; em grande parte, em: Zacarias de Oliveira, “O cantador”. *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)* n.º 1 (1972), pp. 33-34.

<sup>39</sup> Frei Junípero, “Das coisas e das pessoas”. *Lume Novo*, n.º 12 (abril 1930). Não localizado. Retomado em “Facetas de uma vida: Das pessoas e das coisas”. *O Gaiato*, n.º 385 (13 dez. 1958), p. 1, col. 1-3. Ver 2.º parágrafo da nota 32.

<sup>40</sup> Frei Junípero, “Das coisas e das pessoas”. *Lume Novo*, n.º 12 (abril 1930). Não localizado. Retomado em “Facetas de uma vida: Das pessoas e das coisas”. *O Gaiato*, n.º 386 (27 dez. 1958), p. 1, col. 1-2. Ver 2.º parágrafo da nota 32.

<sup>41</sup> Fr. Junípero, “Das coisas e das pessoas”. *Lume Novo*, n.º 13 (jun. 1930).



Diabruras de Caroto...





Textos de Américo Monteiro de Aguiar (Frei Junípero)  
publicados em *Lume Novo*

FREI JUNÍPERO, “Vantagens da Gazeta”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926). Seminário de Coimbra / 8 de dezembro de 1926 / dia da Imaculada Conceição.

\_\_\_\_\_, “Estranhos costumes do Oriente”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926).

\_\_\_\_\_, “As pombas”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926).

\_\_\_\_\_, “Mulheres depreciadas”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926).

\_\_\_\_\_, “Um milagre”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926).

AMÉRICO D’AGUIAR, “Mansões de Paz”. *Lume Novo*, n.º 2 (fev. 1927). Número comemorativo do sétimo centenário da morte de S. Francisco de Assis. Publicado na Semana Franciscana / (última semana de fevereiro) / Seminário de Coimbra / 1927.

FREI JUNÍPERO, “Aleluia!”. *Lume Novo*, n.º 3 (Páscoa de 1927).

\_\_\_\_\_, “Uma grande descoberta”. *Lume Novo*, n.º 3 (Páscoa de 1927).

\_\_\_\_\_, “A catequese na colónia de férias”. *Lume Novo*, n.º 4 (jul.-ago. 1927). Número especial da Colónia de Férias de Buarcos em 1927.

\_\_\_\_\_, “S. O. S.”. *Lume Novo*, n.º 4 (jul.-ago. 1927). Número especial da Colónia de Férias de Buarcos em 1927.

\_\_\_\_\_, “As pérolas”. *Lume Novo*, n.º 4 (jul.-ago. 1927). Número especial da Colónia de Férias de Buarcos em 1927.

\_\_\_\_\_, “Duas palavras acerca de duas coisas”. *Lume Novo*, n.º 5 (fev. 1928).

\_\_\_\_\_, “A piolhice nacional”. *Lume Novo*, n.º 5 (fev. 1928).

[Não assinado], “Alguma coisa do que eu senti”. *Lume Novo*, n.º 6 (março 1928). Número especial comemorativo do Retiro Espiritual pregado pelo Rev.º P.º Mateo Crawley em fevereiro de 1928.

[Não assinado], “O apóstolo do amor e da vida”. *Lume Novo*, n.º 6 (março 1928). Número especial comemorativo do Retiro Espiritual pregado pelo Rev.º P.º Mateo Crawley em fevereiro de 1928.

FREI JUNÍPERO, “Uma rapsódia”. *Lume Novo*, n.º 7 (9 jun. 1928). Número consagrado à despedida dos alunos do 4.º ano teológico.

\_\_\_\_\_, “As experiências de dois famosos viandantes”. *Lume Novo*, n.º 8 (nov. 1928).

\_\_\_\_\_, “Das coisas e das pessoas”. *Lume Novo*, n.º 8 (nov. 1928).

\_\_\_\_\_, “Os albinos”. *Lume Novo*, n.º 9 (fev. 1929).

\_\_\_\_\_, “O Cantador”. *Lume Novo*, n.º 10 (jun. 1929).

\_\_\_\_\_, “Das coisas e das pessoas”. *Lume Novo*, n.º 10 (jun. 1929).

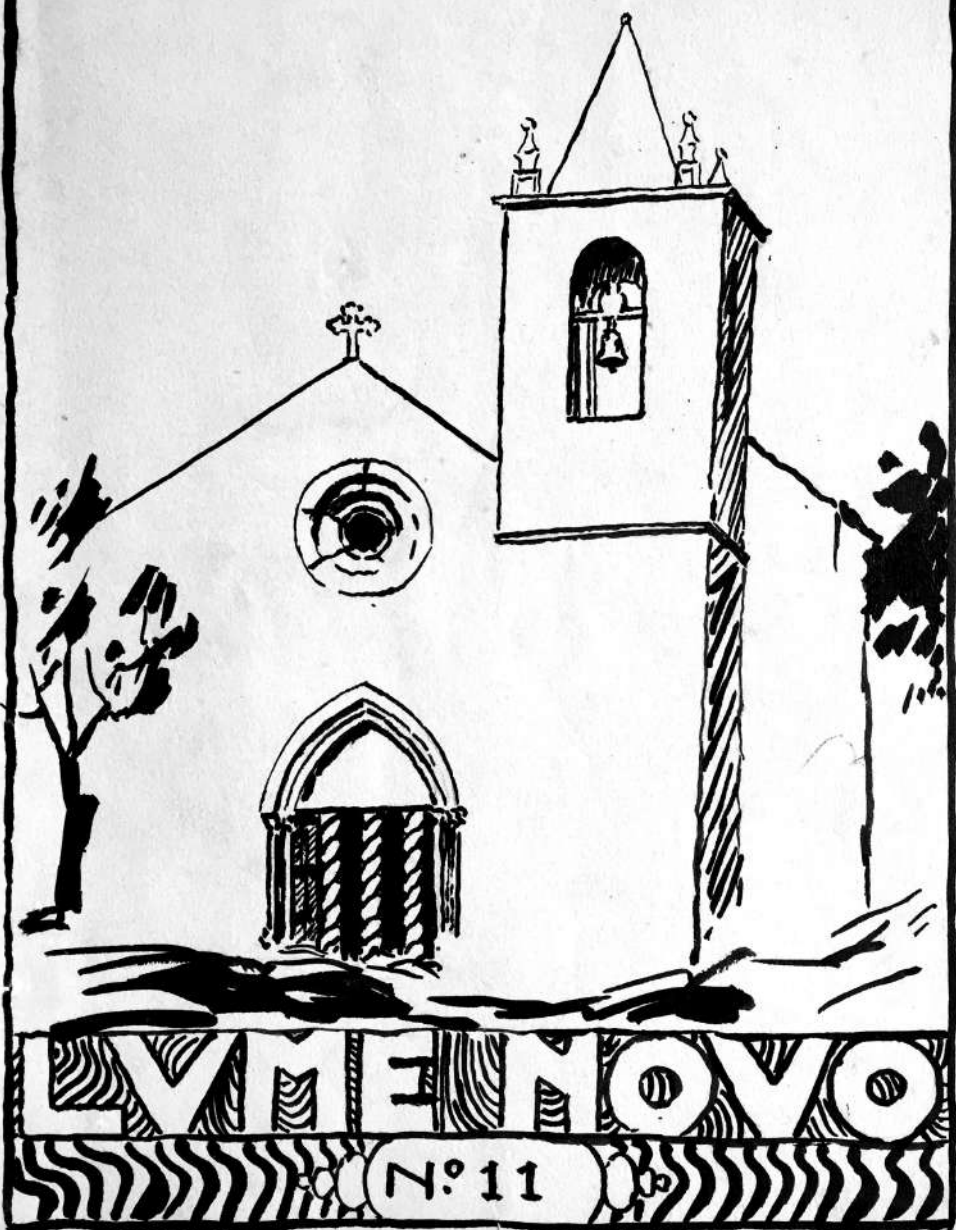
\_\_\_\_\_, “Das coisas e das pessoas”. *Lume Novo*, n.º 12 (abril 1930).

\_\_\_\_\_, “Das coisas e das pessoas”. *Lume Novo*, n.º 13 (jun. 1930).

ANEXOS



Montemor, 29-X-29  
F. Nunes Zenclea





# LUME NOVO

Revista dos alunos de Teologia e Filosofia

Nº 11

Novembro de 1999

~ SEMINÁRIO de COIMBRA ~





## “LU PENGALIRA”



inda lá não vão muitos anos.

Era numa das mais importantes cidades da nossa Colónia de Moçambique e numa casa que nada ficava a dever às boas casas dos europeus mais civilizados.

Do nosso Minho, tão lindo, tão pitoresco, saíra um rapagão forte, dos seus dezoito anos bem aproveitados, em busca da ventura em terras de pretos e, tendo alcançado uma colocação vantajosa nos escritórios duma das melhores companhias de navegação inglesas, instalara-se ali como um príncipe.

Um moleque — um dedicado preto que só envergava a tanga na ausência do patrão — era toda a sua corte, todo o seu pessoal de quarto, de rouparia e até mesmo de cozinha. De cozinha, isso sabia ele como talvez nenhum de nós saiba — era profundíssimo, era um ótimo cozinheiro!

A vida corria-lhes às mil maravilhas, fácil e despreocupada, e tanto melhor quanto é certo que dois dos

colegas, lá nos escritórios da companhia, não descansaram enquanto não foram admitidos a participar dela.

Um dia — estava uma manhã fria — o nosso homem não parecia estar muito resolvido a deixar o travesseiro. O café — um café esplêndido — lá estava já, fumegante, à espera... A sineta da companhia chamava ao serviço... O preto, sempre dedicado, temendo talvez qualquer prejuízo para o patrão naquela demora, corre à porta do quarto:

— Ó *patarau*, *lu penga alira*, *lu penga alira*!

E o *patarau* teve um sorriso para o preto e lá se resolveu...

Anos passaram, até que a brisa suave da divina graça o veio arrastando para a Europa e no-lo trouxe para aqui, para o meio de nós.

Fez agora há pouco quatro anos apenas. Lá em cima, na Terceira Prefeitura, anunciara-se a vinda de um seminarista, já de certa idade, e em cada um nasceu logo a curiosidade de ver, de saber quem era. Em breve se satisfez essa curiosidade e em poucos dias tínhamos entrado já em franca convivência com ele.

Contava coisas da África selvagem, coisas da África civilizada: pretos, moleques, jacarés e albinos; ingleses, alemães, índios, chineses, japoneses, mas principalmente ingleses; depois vaporzitos fluviais, transatlânticos colossais, viagens por terra e por água, sempre férteis em peripécias interessantes.

Enfim, contava coisas do arco-da-velha e, quando a campainha punha termo ao recreio, nenhum dos que o ouviram saberia dar conta de como o tempo se tinha passado. Era com pena que íamos para o quarto e, por algum tempo, lá estávamos compondo na imaginação — a nosso modo — todos aqueles episódios...

Tocava de novo para o recreio e logo, como formigas em volta dum torrão de açúcar, o rodeavam os mais curiosos, ávidos sempre de imagens novas. Ele então lia-lhes nos olhos o que lhe não ousavam pedir de viva voz e começava a desfiar de novo, a contar, a contar coisas.

Entre as muitas curiosidades deixou cair a do “*Lu penga alira*”. Foi quase um delírio! E, enquanto para o Rev.º Professor de Filosofia não passava do Senhor Cabral, para nós ficou sendo, desde aquele momento, o nosso *Patarau*. Não sei por que cargas de água, por evolução da língua talvez, veio depois a chamar-se-lhe *Patrau* e finalmente *Parrau* — forma que adquiriu foros de definitiva.

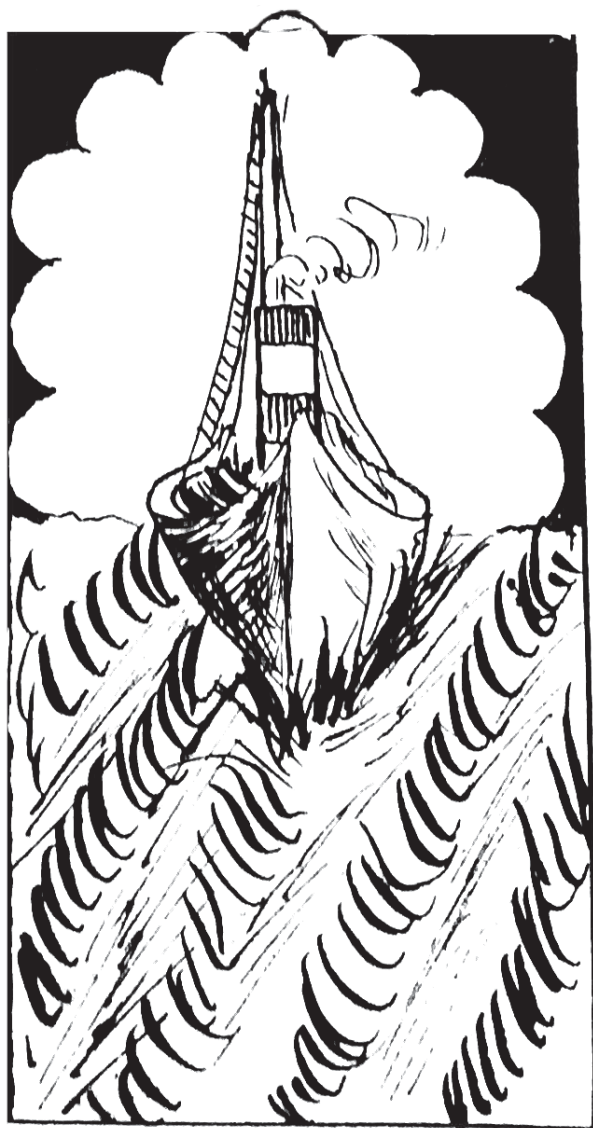
Hoje sobe ele ao altar, a imolar todos os dias a Vítima Sacrossanta. Hoje colabora na preparação de futuros sacerdotes. Para nós, os condiscípulos — condiscípulos sim, e porque não? — [que] tivemos a ventura de nos sentarmos com ele no banco das mesmas aulas durante quatro anos, e não queremos abdicar dessa honra. Para

nós, os discípulos, é ainda e será sempre por toda a vida o querido *Parrau*. Recordar-nos-á sempre a sua companhia e, ao agradecimento reconhecido de que lhe ficamos devedores, virá juntar-se a saudade do tempo que não volta mais...

Outubro de 1929

Lourenço de Matos  
– do 4.º ano teológico –<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Lourenço Matos, “Lu penga alira”. *Lume Novo*, n.º 11 (nov. 1929). Retomado em “Facetas de uma vida: ‘Lu penga alira’”. *O Gaiato*, n.º 402 (8 ago. 1959), pp. 1, 3.





## SÓ UM DIA FELIZ?...



Santo Agostinho, refletindo sobre o valor e a dignidade do sacerdote, teve este pensamento profundo: — *Sacerdos, quis es tu?* E imediatamente responde — *nihil et omnia*.

Esta frase, que à primeira inspeção se nos pode afigurar um contrassenso, um paradoxo, não o é na verdade. Eu tive ocasião, feliz ocasião!, de a ver mais uma vez realizada nas minhas últimas férias. Foi numa manhã fresca de julho. Numa capelinha muito limpa, muito bem disposta, muito linda numa palavra, ia ter lugar nesse dia um duplo ato: — o novel sacerdote ia estrear a capela, e a capela ia estrear o sacerdote.

É sempre muito tocante, muito comovedor, a celebração duma missa nova. Um rapaz que nós ontem considerávamos um nosso igual, com quem brincávamos despreocupadamente, e vermo-lo hoje tão distante de nós, envolto nas suas vestes sacerdotais, distribuir-nos

o próprio Deus que ele mesmo fez descer do Céu, dar-nos a beijar as suas mãos sagradas, são coisas que não podem deixar de comover as fibras mais insensíveis da nossa alma.

Logo de manhã, a pequena capela encheu-se de lés a lés, não restando um único lugar vazio. Ia começar o ato tremendo do sacrifício.

O sacerdote, hirto nas suas vestes sagradas, grave e recolhido, dirige-se num passo solene para o altar, enquanto o órgão manuseado por hábeis mãos fazia ouvir os seus acordes solenes e festivos.

*In nomine Patris, et Filii et Spiritus Sancti*, e todos como que eletrizados pela voz comovida do sacerdote levam a mão à testa e começam da mesma forma o santo sacrifício.

Desde o introito à comunhão a missa continuou naquele tom cheio de fé e cheio de enternecimento que para mim nesse momento já não causou estranheza.

Aproximou-se o momento solene, indescritível da comunhão; o som do órgão era mais melodioso, mais piano e assim se ouvia mais distintamente a voz trémula do neo-celebrante.

Comoveu-me sempre o tom de sinceridade, de convicção, que aquele nosso ex-companheiro sabia imprimir aos seus discursos, aos seus conselhos. Diante dessas palavras senti-me sempre pequenito



e bastante edificado. Mas nesse dia, certamente o mais feliz da sua vida, no momento da comunhão as suas palavras de sacerdote fizeram em mim uma tal impressão que ainda nenhuma outra tinham feito. *Domine, non sum dignus*. Ele, segurando na sua mão trémula uma hostiazinha que encerrava o Criador, olhando para a sua dignidade e para a sua indignidade — porque todos o somos —, comoveu-se e os seus olhos disseram-nos o que a sua alma sentia. *Domine, non sum dignus*. Estas palavras, pronunciadas num tom de grande sinceridade e profunda comoção, fizeram uma grande impressão na assistência. Houve muitos olhos que se humedeceram. Eu por mim, confesso, também chorei. O centurião do Evangelho não as teria pronunciado doutra forma.

Começa a distribuição da Santa Eucaristia, e o novo des-penseiro do Senhor, com um regozijo imenso que bem lhe vimos impresso no rosto a todos nos saciou com as melhores dádivas do seu Amo. Desde esse momento soleníssimo até à bênção, que era a primeira dada pelas suas mãos sagradas, do coração de todos sem dúvida, subiu ao Céu uma prece fervorosa agradecendo a Deus o companheiro que nos havia dado e pedindo-lhe derramasse sobre ele graças abundantes para poder cumprir os pesados deveres do novo estado. *Deo gratias*, respondem os acólitos.

E a mesma frase com certeza foi balbuciada pela assembleia: graças por nos ter concedido assistir a ato

tão edificante, graças por mais um sacerdote, graças por nos haver saciado com o seu corpo preciosíssimo.

Por fim, a rematar toda a cerimónia houve o beija-mão, ato sempre tocante na sua simplicidade.

Foi refletindo nesta cerimónia litúrgica que me surgiu no espírito esta interrogação: qual a razão deste ato? porque nos ajoelharmos aos pés do novo sacerdote para lhe beijarmos as mãos?

E então quem me esclareceu foi a frase do profundo pensador acima citado: *nihil et omnia*. Sim, o sacerdote, por suas forças, não é nada, nada vale. Apenas é capaz do pecado, da miséria. Isto mesmo tinha visto proclamar solenemente ao sacerdote, na véspera, no dia da ordenação estendido aos pés do Bispo: *peccatores ut nobis parcas, te rogamus audi nos*.

Mas então, com as suas vestes sagradas, com as suas mãos ungidas, com a graça de Deus, o sacerdote era tudo. Sim, ele era tudo com a graça de Deus. *Omnia possum in eo qui me confortat*. E não foi sem um profundo respeito que osculei aquelas mãos há pouco ungidas.

Chegado ao fim destas linhas, não consegui, talvez, prender por um pouco a atenção dos que me leem. Contudo a minha alma vibrou intensamente no dia da primeira missa do novo mui Rev.º P.º Américo.

Era minha intenção ao principiar este artigo, dar uma pequena ideia do que foi a missa nova do nosso

Américo, como ontem lhe chamávamos. Mas não o consegui, bem o sei; contudo voltarei a dizer que foi um ato tocantíssimo, muito edificante.

Ah! se todos os sacerdotes dissessem a sua milésima missa como este celebrou a sua primeira, não haveria sem dúvida tantos descrentes.

Um dia feliz! Foi-o sem dúvida esse para o “Frei Junípero” a quem o *Lume* [Novo] deve as suas melhores páginas. Feliz, felicíssimo! Eu vi toda a sua felicidade expressa num abraço, muito fraternal, muito do coração que o Américo deu a um antigo criado desta casa, uma boa alma que costuma muitas vezes visitar-nos.

Naquele momento foi o seu irmão mais querido.

Nov. 1929

M. P. [Manuel Peixoto]<sup>2</sup>

<sup>2</sup> M. P. [Manuel Peixoto], “Só um dia feliz?...”. *Lume Novo*, n.º 11 (nov. de 1929). Retomado, com profundas alterações e omissões, em *O Gaiato*, antecedido destas palavras:

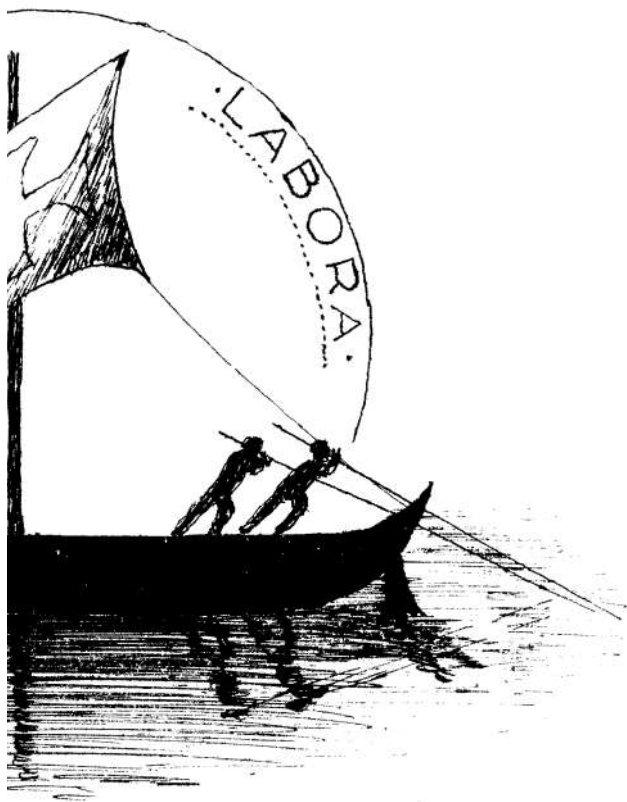
“Vinte e cinco anos de sacerdócio. Foi no dia 29. Cada padre da rua, em sua comunidade, festejou a data e tudo quanto se fez foi em redor do Altar. Nem sessões, nem discursos, nem foguetes... Por Jesus, dissemos ao Pai Celeste o nosso agradecimento pela imensidão dos Seus benefícios.

Pai Américo está no Gerês. Valemo-nos da sua ausência para substituírmos o artigo de fundo que ele deixara por este, respigado de “Lume Novo”, um jornal dos seminaristas de Coimbra que ele ajudou a fundar naquele tempo. Ele queria silêncio total sobre o

facto. Nós fazemos pequeno ruído, para que todos os amigos da Obra da Rua possam comungar na nossa prece por Pai Américo e na ação de graças ao Senhor nosso Deus, Único a quem são devidas toda a honra e toda a glória.” “Bodas de Prata”. *O Gaiato*, n.º 272 (31 jul. 1954), p. 1, col. 1-3.









*Frei Junípero* foi o pseudónimo do seminarista Américo Monteiro de Aguiar, futuro Padre Américo e fundador da *Obra da Rua*, em *Lume Novo*, revista dos alunos do Seminário Maior de Coimbra. Aqui se recolhe a sua colaboração escrita entre 1926 e 1930. Aqui se encontram as suas primícias literárias.

“Também gostava de ser assim um livro aberto [...] só com duas folhas; uma em branco, aonde Deus escreve; outra escrita aonde o povo lê.”

“O escritor não diz só o que escreve; diz também o que é.”

*Frei Junípero*  
(Padre Américo)

